

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO**

BELINDA MANDELBAUM

Trabalhos com famílias em Psicologia Social

Tese apresentada ao Instituto
de Psicologia da
Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos
para obtenção do título de
Livre Docente em Psicologia.

São Paulo
2010

BELINDA MANDELBAUM

Trabalhos com famílias em Psicologia Social

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Livre Docente em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

São Paulo
2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Mandelbaum, Belinda.

Trabalhos com famílias em Psicologia Social / Belinda Mandelbaum. -- São Paulo, 2010.

??? f.

Tese (Livre-Docência ó Departamento de Psicologia Social.) ó Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia Social 2. Psicanálise 3. Família I. Título.

HM251

Mandelbaum, Belinda. **Trabalhos com famílias em Psicologia Social**. São Paulo, 2010. p.
Tese (Livre docência). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Tese defendida em ___/___/_____

RESUMO

Mandelbaum, Belinda. **Trabalhos com famílias em Psicologia Social**. São Paulo, 2010. p. Tese (Livre docência). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Apresento aqui um conjunto de trabalhos relevantes em minhas atividades como professora de Psicologia Social e pesquisadora junto ao Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A partir da explicitação de meu entendimento do campo da Psicologia Social, e tendo como referência o hífen que integra e define o psicológico e o social, apresento algumas das contribuições que a Psicanálise traz para este campo, como método de conhecimento e ação transformadora. Seguem-se alguns trabalhos que realizei com famílias, em pesquisas sobre o impacto do desemprego, das migrações e da violência urbana em suas vidas, como contribuições para os estudos de famílias dentro do campo da Psicologia Social, numa abordagem psicanalítica. A tradução de duas cartas de Kafka à sua irmã Elli sobre a educação de filhos e um comentário sobre elas servem para ilustrar a potência da literatura para o aprofundamento da compreensão dos fenômenos psicossociais, neste caso relativos à vida em família. Dois estudos realizados a partir de minha própria experiência em família procuram trazer contribuições para o entendimento sobre as estruturas familiares, a transmissão e o trauma. No trabalho final, realizo uma reflexão sobre a obra da professora Sylvia Leser de Mello como professora e pesquisadora no campo de estudos dos processos de socialização, da família e do trabalho. Integra esta tese o livro *Psicanálise da família*, que escrevi e publiquei em 2008, com o objetivo de apresentar aos alunos e profissionais interessados neste campo suas principais linhas de conceituação e prática, num panorama que articula Psicanálise e Psicologia Social. Este momento de defesa da livre docência foi importante por permitir uma primeira reunião dos meus trabalhos práticos e teóricos desenvolvidos na Universidade, os quais agora me parecem apontar para uma integração maior, tendo como horizonte a construção de minha obra pessoal.

Palavras-chave: 1. Psicologia Social 2. Psicanálise 3. Família

ABSTRACT

Mandelbaum, Belinda. **Working with families in Social Psychology**. São Paulo, 2010. p. Thesis. Psychology Institute, University of São Paulo.

I present here a set of relevant works in my activities as teacher of Social Psychology and researcher in the Laboratory of Family, Gender Relations and Sexuality Studies of the Department of Social and Work Psychology at the Psychology Institute of the University of São Paulo. Starting from the elucidation of my understanding on Social Psychology, with reference in the hyphen that integrates and defines the psychological and the social, I reflect on the contributions of Psychoanalysis to this field, both as a method of knowledge and a transformative action. Following this, I present some works with families on the impact of unemployment, migrations and urban violence in their lives, as contributions to family studies in Social Psychology with a psychoanalytical approach. The translation of two letters written by Kafka to his sister Elli about the education of children and a comment on them illustrate the potency of literature to deepen the understanding of the psychosocial phenomena, in this case in relation to family life. Two studies based in my own family experience seek to bring contributions to the understanding of family structures, transmission and trauma. At the final study, I reflect on the work of Professor Sylvia Leser de Mello as teacher and researcher in the field of socialization, family and work processes. The book *Psicanálise da família*, which I wrote with the aim of presenting the main conceptions and practices in this field to students and professionals interested in it, integrates this thesis, with an overview that articulates Psychoanalysis and Social Psychology. The process of examination at this moment has allowed an initial compilation of practical and theoretical works I developed at the University and which now seem to aim at a major integration in the horizon of construction of my personal work.

Key words: 1. Social Psychology 2. Psychoanalysis 3. Family

Sumário

Apresentação.....	8
Sobre o campo da Psicologia Social.....	11
O desemprego em situação: um estudo psicossocial.....	40
Um lugar para uma casa sem chão: escuta psicanalítica de uma família refugiada.....	56
Crime e família: trauma, processos de elaboração e rupturas de enquadre no atendimento psicanalítico de uma família.....	68
De duas cartas de Kafka à sua irmã Elli sobre a educação de crianças.....	84
A família de Kafka ou da educação de crianças no interior de um organismo animal.	90
Algumas letras sobre família, lentilhas e aftas.....	96
O espaço familiar e sua ruptura: entre a memória e o sonho.....	106
Os processos de socialização e a família no trabalho de Sylvia Leser de Mello.....	118

Apresentação

Procurei aqui reunir alguns dos trabalhos mais significativos que realizei como docente e pesquisadora junto ao Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A reunião de todos estes trabalhos, a reflexão sobre eles e sobre a minha prática como professora, bem como a experiência do trato com os alunos e colegas professores levou-me a refletir sobre o hífen que constitui a Psicologia Social, pois acredito que é o modo como eu entendo este hífen que organiza minhas ações na Universidade, e voltar a pensar sobre ele significa apropriar-me mais intensamente deste fazer, suscitando uma crítica de meu trabalho e a constituição de um horizonte que organize e dê a consistência de uma obra às minhas intervenções futuras.

Os trabalhos que selecionei não estão aqui com o intuito de uma prestação de contas. Mais do que isto, entendo que este concurso é, antes de mais nada, a constituição de um sentido para o meu trabalho na Universidade. Com esta finalidade, os trabalhos que apresento aqui se propõem como rastros do meu andar aqui no Instituto. E como rastros esperam dos leitores que sejam considerados, na expectativa de ter um retorno sobre o desenho que realizam em seu conjunto, para auxiliar a me esclarecer sobre as possibilidades de continuidade que, de forma latente, estão entranhadas nesta reunião de trabalhos. Este é um momento de avaliação crítica de meu fazer como educadora e pesquisadora, do qual espero que emergja um maior comprometimento com a condição de autoria que acredito ser inerente a todo educador e pesquisador. E a passagem para essa nova etapa só pode ser feita através da crítica de meus colegas professores sobre o conjunto de ações teórico-práticas que consegui realizar até aqui. Pena que aspectos mais fugidios desta minha experiência de vir a ser professora neste Instituto não possam ser facilmente recolhidos e apresentados, tal como os trabalhos que se seguem. Estou me referindo aos contatos diários, aos gestos que trocamos, aos relacionamentos que se estabelecem na sala de aula enquanto trabalhamos um tema, enfim, a todo esse pano de fundo que, em muitas situações, às vezes assumem uma importância formadora maior do que o exercício objetivo que está sendo realizado. É que é também através desses gestos, dessas conversas e dos relacionamentos tanto com professores como com alunos e funcionários, que minha maturidade intelectual se realiza.

Sobre os trabalhos e produções mais objetivas que consegui reunir, talvez valha a pena contextualizá-los.

ÕO desemprego em situação: um estudo psicossocialö é uma síntese de meus achados na tese de doutoramento (2004), que escrevi para uma mesa organizada pelo Centro de Psicologia Aplicada ao Trabalho por ocasião das comemorações de 1º. de maio de 2008, para discutir a crise econômica e o desemprego no Brasil. Participei desta mesa com dois economistas, e fiquei feliz por poder dialogar com eles sobre o impacto psicossocial do desemprego.

Os dois capítulos seguintes, õUm lugar para uma casa sem chão: escuta psicanalítica de uma família refugiadaö e õCrime e família: trauma, processos de elaboração e rupturas de enquadre no atendimento psicanalítico de uma famíliaö, são frutos de trabalhos de ensino, assistência e pesquisa realizados junto a alunos de graduação em Psicologia. O primeiro deles é resultado de um projeto de Cultura e Extensão realizado entre 2005 e 2006, envolvendo o atendimento a famílias migrantes recém-chegadas à cidade de São Paulo. O segundo é fruto do atendimento realizado por alunos de graduação, entre os anos de 2006 e 2007, de uma família que teve dois de seus filhos assassinados em 2006, no dia dos ataques atribuídos ao PCC ó Primeiro Comando da Capital ó que paralisaram a cidade de São Paulo.

Os dois textos que se seguem representam incursões no campo da Literatura. O texto literário, por sua potencialidade expressiva, é ferramenta privilegiada para a compreensão dos fenômenos psicossociais. A partir da tradução de duas cartas que Kafka escreve à sua irmã Elli sobre a educação dos filhos, escrevi em 2002 com Enrique Mandelbaum alguns comentários sobre a concepção de família que tinha o escritor, que via nessa instituição, tendo como referência a sua própria experiência de vida em família, uma fonte originária de violência.

A memória de minha experiência em família, particularmente em minha família de origem, serviu-me de campo de reflexão para a elaboração dos dois textos que se seguem, õAlgumas letras sobre família, lentilhas e aftasö (2008) e õO espaço familiar e sua ruptura:

entre a memória e o sonho (2009). Penso que a história pessoal, nossa própria memória, nos oferece elementos privilegiados para o aprofundamento da compreensão não apenas de nós mesmos, mas do próprio campo psicanalítico e, neste caso, do campo de estudos da família.

Finalizo com um texto que fui convidada a escrever em 2006 sobre a obra da Profa. Sylvania Leser de Mello, minha orientadora durante todo o meu percurso acadêmico, para um número especial da revista *Psicologia USP* dedicado a ela. Neste texto, procuro descrever os eixos principais do trabalho de Sylvania como professora de Psicologia Social e pesquisadora dentro do campo de estudos dos processos de socialização, da família e do trabalho e do campo no qual ela articula a cena social, a vida familiar e a subjetividade, recorrendo a conhecimentos advindos de todo o campo das Ciências Humanas.

Como adendo a esta tese, incluí o livro *Psicanálise da família*, que fui convidada a escrever por Flávio Ferraz, editor da coleção *Clínica Psicanalítica* da Editora Casa do Psicólogo, e publiquei em 2008. Escrevi esse livro pensando nos alunos, em oferecer a eles um panorama das principais linhas teóricas deste campo, bem como de seus desdobramentos técnicos. O livro está agora na 2ª. edição.

Cada um destes trabalhos compõe uma narrativa singular, e penso que ainda é cedo para mim tecer alguma conclusão geral. Os trabalhos e suas narrativas são antes fios que lanço para que outros, e eu também, continuemos a tessitura. Agradeço aqui aos alunos com quem tenho trabalhado em minhas atividades de ensino, assistência e pesquisa. Eles me estimulam a aprender, a pensar, a desenredar e tecer os fios que unem razão e imaginação em meus trabalhos em Psicologia Social.

Sobre o campo da Psicologia Social

O campo da Psicologia Social constitui-se, na atualidade, num instigante território problematizador dos modelos e métodos das Ciências Humanas. Não propomos que um ou outro método, um ou outro modelo, poderá mostrar-se, a partir desta problematização, mais eficaz na configuração desse campo. Não se trata de irmos em direção a um modelo ou método mais privilegiado. O que queremos salientar é que, na contemporaneidade, o encontro do psicológico e do social é um território fértil para constituir-se em algo assim como um laboratório para a produção em Ciências Humanas. Talvez não pequemos por exagero se dissermos que, no século XX, cada vez mais o social foi em direção ao psicológico.

Benjamin, em suas Teses da Filosofia da História¹, abre esse poderoso texto construindo uma enigmática imagem a respeito de uma imbatível máquina para ganhar no jogo de xadrez:

Como é sabido, diz-se que existia um autômato construído de tal forma que era capaz de responder a cada movimento de um jogador de xadrez com outro movimento que lhe assegurava o triunfo na partida. Um boneco vestido de turco, com a piteira de narguilé na boca, estava sentado diante do tabuleiro pousado sobre uma ampla mesa. Um sistema de espelhos produzia a ilusão de que esta mesa era em todos os sentidos transparente. Na realidade, encontrava-se lá dentro um anão corcunda, que era mestre no xadrez e mexia a mão do boneco mediante fios. Um equivalente de tal mecanismo pode imaginar-se na Filosofia. Deve vencer sempre o boneco chamado "Materialismo Histórico". Pode competir sem mais com qualquer um, quando coloca a seu serviço a Teologia, que hoje, como é notório, é pequena e desagradável e não deve deixar-se ver por ninguém (p. 77, tradução nossa).

A estranha imagem construída por Benjamin no início dos anos 30 do século passado parece servir para mapear o estado de coisas no embate teórico-filosófico no campo da Filosofia da História, nessa época. Nesta imagem, o Materialismo Histórico é capaz de ganhar os torneios teóricos graças à intervenção tanto de um complexo mecanismo especular ó produtor de uma ilusão -, quanto do auxílio de um habilidoso e deformado parceiro de jogo. Através da máquina especular, o que o boneco vestido à turca aspira pela piteira de narguilé são as velhas especulações teológicas, potencializando-se o

¹ Benjamin, W. Tesis de la Filosofia de la Historia. Em: *Angelus Novus*, Barcelona: Edhasa, 1971.

impacto das suas jogadas para vencer o jogo. A potência do Materialismo Histórico no torneio intelectual lhe seria emprestada pela Teologia, ainda que o Materialismo, na inquietante imagem mostrada por Benjamin, seja o condutor das jogadas.

De passagem, digamos que talvez o que Benjamin não levou em consideração é que este anão corcunda pode ser bem mais astucioso, maquinando não apenas a jogada do parceiro materialista histórico mas também, quem sabe, a de seu eventual adversário. Esta tese nos parece legítima de ser levada em consideração no contexto em que Benjamin escreveu o seu texto. Porque o adversário, na época, era o nacional socialismo alemão. E, talvez, o sucesso deste como fenômeno de massas tenha advindo também de alguns movimentos ilusórios deslocados desde o campo teológico, ou seja, a mesma máquina e o mesmo anão corcunda ó a Teologia ó que amplia a potência do jogador materialista histórico teria ampliado também a potência do adversário que, no caso, diga-se também de passagem, ganhou a partida e transformou a História, nesse momento, no desastre nazista.

Mas não é propriamente este o assunto que nos fez trazer à cena a imagem com que Benjamin abre suas Teses da Filosofia da História, e que por si só constitui-se numa tese. A asserção de Benjamin implica uma estranha composição de modelos na qual o Materialismo Histórico pode servir de boneco, por assim dizer, da ventríloqua Teologia, isto é, da concepção em princípio mais antagônica a si próprio. E é bom lembrarmos que esta imagem não é construída por qualquer pensador, mas por um polêmico do idealismo irracional da Filosofia, mas também dos aspectos reducionistas e mecanicistas do Materialismo Histórico. Mas é que Benjamin, como bem mostra nessas teses, pensa sempre na História quando pensa os modelos teóricos. E sabe, tal como ele desenvolve nas teses que se seguem a esta, que as ruínas do passado ó e delas fazem parte as concepções todas sobre o homem que foram elaboradas ó nunca silenciam propriamente, podendo vir a ressurgir em voz transfigurada, como a Teologia através do Materialismo Histórico, onde as expectativas revolucionárias deste são alimentadas pela velha potência histórica das expectativas redentoras da Teologia. Talvez o elemento central da imagem criada por Benjamin não seja nem o boneco vestido à turca, nem o anão corcunda, mas o sistema de espelhos produtor da ilusão de uma mesa ãem todos os sentidos transparente, que vincula tempos do pensamento distanciados entre si.

No campo da Psicologia Social, nosso embate dá-se essencialmente no modo como entendemos o hífen pressuposto na integração entre o psicológico e o social, ao qual este campo de estudos parece sempre fazer referência. É a natureza deste hífen que parece sempre estar no horizonte dos estudos da Psicologia Social. Costumamos alocar este hífen numa virtual linha horizontal que separa indivíduo de coletivo e, em ressonância ideacional, o psicológico do social. Assim, o psicológico estaria em ressonância com o individual e o social em ressonância com o coletivo, e o hífen entre ambos. Claro que já aprendemos que o indivíduo é uma construção do coletivo e, portanto, que o psicológico é um produto do social. Mas também aprendemos que o indivíduo anseia pelo coletivo, o valoriza e se apega a ele com a mesma intensidade e a partir da mesma raiz a partir da qual se desdobra em sujeito. Neste sentido, o social seria um desdobramento da demanda psicológica humana. Ou seja, aprendemos que, entre o psicológico e o social, o hífen domina. Um produz o outro, ao modo como, na fita de Moebius, verso e reverso realizam-se transitoriamente, num contínuo infinito. Não apenas o hífen serve para indicar a existência de um conectivo entre o elemento psicológico e o elemento social, mas aqui o hífen serve para deixar surgir a própria essência relacional que é inerente a cada um dos elementos, para que estes possam existir como tais. O hífen é a natureza do psicológico e do social. Foi a história das realizações no campo das Ciências Humanas, e até das ciências em geral, que levaram a esse estado de coisas no qual o hífen se instaura para juntar campos aparentemente separados o psicológico e o social. Não é o caso agora de mostrar como os principais modelos de compreensão do homem e suas produções operaram no intuito de sinalizar o fortalecimento da essência relacional que define o psicológico e o social. Mas, sem dúvida, precisamos pôr em destaque as contribuições de Freud. Porque, mesmo que não sejam propriamente as suas construções teóricas que tiveram um impacto mais acentuado para salientar a importância do hífen ó ainda que não possamos esquecer, por exemplo, a célebre frase com que ele abre o texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921), de que não há Psicologia que não seja Psicologia Social -, foi sem dúvida seu modelo mais geral de entender o homem que teve um impacto enorme sobre toda a produção de conhecimento no século XX, às vezes de forma invisível, como o anão na partida de Benjamin. Freud, ao criar e mobilizar o que poderíamos denominar de metáfora psicanalítica, isto é, o modo extremamente poderoso e singular de ao mesmo tempo estudar e dinamizar os fenômenos

psicológicos, soube suscitar uma abordagem que, por suas implicações na história das Ciências Humanas, a torna, ao nosso ver, um legítimo representante a ser entendido, no campo da Psicologia Social, em analogia ao anão corcunda da Teologia na imagem de Benjamin. A Psicanálise pode ser quem mobilize os fios para os lances do jogo no interior deste campo. Claro que a Psicanálise não é a sucedânea da Teologia, se bem que, por sua potência articuladora, resquícios poderosos da Teologia possam neste discurso também ser atualizados. Mas o que queremos salientar é a ação da linguagem psicanalítica no interior do campo da Psicologia Social. Freud soube dar ao psicológico um estatuto completamente original, permitindo a nomeação de relações e encadeamentos que ampliam nossa compreensão sobre o modo como os homens se constroem. Um exemplo que pode nos servir para ilustrar o que estamos sugerindo sobre o profundo impacto realizado por Freud pode ser extraído de seu ensaio *O mal-estar na civilização*². Mesmo que as idéias centrais que Freud elabora nesse texto possam nos parecer esboços teóricos não muito bem sucedidos, levando em consideração os desenvolvimentos na Antropologia, na Etnografia, na História, na Psicologia e até na própria Psicanálise, sua abordagem mais geral e o modelo a partir do qual concebe o homem e seu entorno ganham ainda, ao nosso ver, uma legitimidade poderosa, ao imbricar de forma indissociável o psicológico e o social, o indivíduo e o coletivo, chegando até à imbricação da filogênese e da ontogênese. Assim, por exemplo, em sua investigação sobre as razões pelas quais òé tão difícil para o homem ser felizö (p. 105), Freud indica três fontes òde que nosso sofrimento provém: o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedadeö (p. 105). Podemos nem levar em consideração toda a argumentação que Freud desenvolve a seguir. O importante é que ele entrelaça natureza, sujeito e cultura de forma indissociável para compreender um estado de coisas. E do modo como ele opera, a velha distinção entre sujeito e objeto nos modelos causais ganha, através de sua compreensão, uma superação significativa, uma vez que, o que seria do campo da cultura e do social ó os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade ó são de algum modo configurações resultantes também da ação da natureza no corpo, uma

² Freud, S. (1930) *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XXI. RJ: Imago, 1976.

vez que as produções sócio-político-culturais têm também uma raiz funda através da qual flui uma vitalidade pulsional, uma das forças responsáveis pela conflituosa dinâmica inerente à produção da história econômica, política, social e cultural. E isto sem mitigar propriamente a autonomia do campo social, que por sua vez, através do processo histórico que suscita, demanda, no corpo, a mesma imperiosidade, isto é, estabelece os mesmos limites e possibilidades determinantes para o seu existir, atuando sobre ele com a mesma imperiosidade com que a natureza atua, a ponto de talvez podermos nomear o cultural como uma segunda natureza do corpo, isto é, do homem. A imperiosidade que o social suscita tem a mesma coloração de urgência que a fome³.

O corpo não é apenas um objeto dessas duas forças imperiosas ó natureza e cultura - mas um agente determinante entre a natureza e a civilização, porque cabe ao homem, para se tornar sujeito, apropriar-se, mesmo que nos seus estreitos limites, da condição de ser responsável diante da natureza e do social e, portanto, o agente principal de sua realização histórica.

A potência com que Freud soube integrar o psicológico e o social teve um impacto, como dizíamos, sobre todo o campo das Ciências Humanas, contribuindo para tornar a Psicologia Social, ao nosso ver, algo assim como um campo gravitacional para o qual estas foram atraídas. Benjamin supõe um jogo de xadrez no campo da Filosofia da História. E devemos ter em mente que não se trata apenas de um embate de idéias mas, como um bom marxista, Benjamin sabe que se trata de um embate no campo da vida dos homens propriamente dita e de seus destinos, implicando, para além do cultural, o político, o econômico e o social. Isto é, implicando o poder. É talvez o mesmo embate que se trava hoje. Mas, ao nosso ver, há um novo anão corcunda atuando nos destinos desses lances ó o da Psicologia. Não apenas a máquina que Benjamin monta no campo das idéias funciona em ressonância com a máquina especular que Freud concebeu na construção de seu modelo de aparelho psíquico, no célebre capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*⁴, como haveria

³ Vale aqui lembrar as reflexões de Marcuse sobre a potência que a cultura tem para a criação de necessidades, a ponto de ele indagar-se, referindo-se especificamente à sociedade industrial de meados do século XX, se haveria ainda alguma necessidade humana genuína, que não fosse construída pela cultura (ver, por exemplo, Marcuse, H. *A ideologia da sociedade industrial*. RJ: Zahar, 1979.).

⁴ Lembremos que Freud utilizou um modelo óptico, isto é, um modelo especular para descrever sua concepção sobre o funcionamento do aparelho psíquico, levando em consideração seus achados sobre a produção onírica. Este modelo devia dar conta de seus quatro achados essenciais em relação aos sonhos: 1. o sonho é um ato psíquico importante e completo; 2. o que o mobiliza é sempre a realização de um desejo; 3. a

também, na dinâmica própria do campo das idéias, algo assim como um inconsciente, desde onde velhos segmentos ideacionais atuam, no desdobramento das concepções atuais, numa complexa luta interna onde o novo é sempre uma reorganização das demandas de todas as aspirações humanas construídas ao longo da História. Ao instalar sua máquina especular, que opera em analogia com o modelo psíquico de Freud da primeira tópica, no campo das idéias, de algum modo podemos dizer que Benjamin psicologiza, num certo sentido, a história do espírito, ao permitir entender o campo da história intelectual em analogia ao campo do desenvolvimento psíquico, isto é, lá como aqui, a razão sofre de transtornos. Também no campo da razão o irracional pode irromper, como Adorno bem salienta em seus trabalhos. Este modo de entender as produções sociais e a própria ideologia já é resultado da força do hífen psico-social no pensamento contemporâneo. Toda a Escola de Frankfurt trabalhou assim.

É este estado de coisas que me leva a privilegiar o estudo da Psicanálise no campo da Psicologia Social. Claro que não se trata de reduzir toda a complexidade deste campo a uma concepção psicanalítica. A aplicação da Psicanálise, enquanto um agregado de teorias construídas ao longo da história dessa disciplina, sobre um determinado contexto a ser estudado reduz em muito o alcance do que ela teria para oferecer ao estudo do fenômeno. Com isto queremos dizer que, ao nosso ver, a aplicação da Psicanálise, como um conjunto teórico pré-estabelecido, sobre qualquer campo de investigações, é um exercício limitado e em nada próximo do próprio exercício psicanalítico. Não se trata, portanto, de aplicar uma teoria psicanalítica no interior do campo da Psicologia Social. O que me mobiliza é algo talvez mais amplo, e ao mesmo tempo menor. Mais amplo, porque eu penso na aplicabilidade do modelo e do método psicanalítico. Menor, porque para este modelo e este método serem mais eficazes, a Psicanálise deve se desvestir de sua teoria a ponto de silenciar-se, porque só no silêncio dela o fenômeno que estamos apreendendo da Psicologia Social irá surgir, com sua especificidade. E eu penso que é próprio da Psicanálise essa espécie de flexibilidade singular de poder ser, ao mesmo tempo, plena e transparente para a apreensão dos fenômenos estudados. O próprio da construção de conhecimentos nesse

forma como se apresenta torna impossível reconhecer esse desejo, dada a deformação promovida pela ação de uma censura psíquica; e 4. além da ação da censura, colabora na formação do sonho a condensação e a representação através de imagens, e por vezes também o cuidado de que o sonho apresente um aspecto racional e inteligente. Freud, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*, capítulo VII, A regressão. Obras Psicológicas Completas de S. Freud. RJ: Imago, 1976.

campo é a constituição de um processo de observação e intervenção cujos desdobramentos são seriamente levados em consideração através de uma reflexão intensa desses fenômenos, num diálogo com o conjunto de teorias que suportam e referenciam a intervenção psicanalítica, mas que outorga ao fenômeno observado o lugar privilegiado, nunca podendo este último ser deslocado ou eclipsado por qualquer concepção teórica tomada *a priori*. As teorias costumam ser muito ruidosas. Uma Psicanálise mal aplicada, também. Esta propriedade da Psicanálise, tal como aqui a estamos apresentando ó a de ver-se impossibilitada de agir com toda a sua potencialidade se reduzida a uma série de construtos teóricos a serem aplicados sobre um fenômeno ó, ao nosso ver é a mais rica contribuição que esse campo de investigações tem para oferecer para a criação de conhecimentos na universidade. Porque a Psicanálise, tal como a compreendemos, demanda uma intervenção no real, uma prática obrigatória que possibilite uma estruturação do campo de investigação não dada *a priori*, suficientemente capaz de deixar emergir o conhecimento psicanalítico. As teorias, quando aplicadas no campo da Psicologia Social, costumam traduzir-se em ideologias com muita facilidade, e operar sobre o fenômeno no sentido de instrumentalizá-lo, seja através de sua definição ou de uma ação prática. Mas se Benjamin está certo, se no embate visível existe uma enorme sobredeterminação de aspectos do invisível que operam de maneira irracional, com a capacidade de produzir fenômenos tão perturbadores quanto os violentos totalitarismos que assolaram o séc. XX, a Psicanálise enquanto modelo e método pode nos auxiliar a indicar a presença deste invisível nos fenômenos sociais estudados, ampliando assim o conhecimento sobre eles. Claro que a produção humana ainda é essencialmente histórica. E claro que compreender como entendemos a História é essencial. Por isto, os lances mais imperiosos nas Ciências Humanas ainda se dão na Filosofia da História, por ser o campo onde se significa a História. Mas, o modo como tem se dado o conflito e a produção ideológica em nossos dias pauta-se por uma utilização e tentativa de impactar prioritariamente muito mais os aspectos psicológicos do que propriamente despertar e mobilizar as consciências históricas dos sujeitos envolvidos. A própria fragilidade da política compreendida como jogo ideológico pelo poder, ou seja, a despolitização da política empurrou o embate do poder para o campo da Psicologia Social. Basta como exemplo para o que estamos querendo ressaltar o modo como se dão as campanhas eleitorais. Não é o discurso político que as rege, nem sequer as organiza. Mas,

sim, o aprimoramento de um discurso e de uma imagem que pretendem implicar cada eleitor, levando em consideração sua psicologia, para falar em termos mais gerais e para sinalizar o que estamos querendo dizer.

Se eu privilegio a Psicanálise como modelo e método, não o faço com o intuito de incrementar a psicologização do social. Ao contrário, se é certo, como venho argumentando, que a Psicologia adentrou profundamente a Filosofia da História contemporânea, ou seja, os modos de se conceber a História, minha proposta, que ainda está em construção, é a de utilizar o modelo e o método psicanalítico para auxiliar a localizar os fenômenos sociais estudados no interior da História, e não num marco psicológico exclusivo, uma vez que é exclusivamente a consciência histórica que permite a plena elucidação do fenômeno social. E, se se trata de sujeitos, também neles uma Psicologia Social adequada é aquela que lhes auxilie a se saberem parte da História e tomar para si a possibilidade de atuar nela. Por isto, a Psicanálise não é um fim, mas um instrumento hermenêutico para colaborar na elucidação dos diversos fenômenos abordados.

Se tudo que nós vimos discorrendo sobre a condição do hífen nos dias de hoje, isto é, seu entendimento e o modo como é operacionalizado⁵ é correto, isto nos leva a concluir que a História envolve uma psicologia, que a História é também uma realização psicológica, da mesma maneira como o corpo é uma realização histórica, sem nunca deixar de ser também uma realização da natureza.

Espero que este texto esteja também deixando claro meu entendimento de que, nesta área, sempre devemos trabalhar de forma a garantir a multidimensionalidade do fenômeno. Voltemos a Freud. Quando ele localiza o hífen no natural, no corpo e no histórico, e quando os entrelaça de forma a familiarizá-los indissociavelmente, suscitando entre eles relações

⁵ O estudo, no momento histórico em que vivemos, que reconhece na técnica seu atributo identificatório mais perfeito, é, antes de mais nada aplicabilidade, isto é, o desenvolvimento de dispositivos e equipamentos para o aperfeiçoamento do social. Em princípio, na nossa realidade, claro que nada temos a opor a este entendimento. E a Psicologia Social sem dúvida é uma poderosa ferramenta teórico-técnica para aprimorar a formação de profissionais que irão envolver-se nos serviços sociais e nas políticas públicas. Mas, justamente por isto, o estudo pode correr o risco de reduzir-se a um elemento manipulável ideologicamente, e a missão da universidade, nos dias que correm, penso que seja dupla: por um lado, reconhecer sua raiz pública e trabalhar para o aperfeiçoamento da esfera pública e, por outro, lutar pela autonomia necessária para o estudo crítico, isto é, para garantir uma produção capaz de fazer a crítica de toda e qualquer ideologia, o que nos dias de hoje quer dizer, também, de toda e qualquer política pública. Este segundo aspecto também vai, em nosso entender, em direção ao aperfeiçoamento do público, pois a garantia do estudo crítico é também parte da luta por um homem que não seja reduzido à mera inserção numa ideologia determinada, tão própria dos fenômenos totalitários que assolaram tão violentamente o séc. XX, e que hoje podem ganhar uma versão talvez aparentemente mais civilizada, mas não por isto menos violenta.

intercambiáveis dos lugares de cada um desses campos em relação aos outros, dependendo do fenômeno que se estuda ó porque é próprio do método e do modelo psicanalítico não estabelecer uma hierarquia fixa e rígida entre os campos da natureza, do corpo e da História para o entendimento dos fenômenos humanos -, isto nunca é feito reduzindo um ao outro ou todos a um campo exclusivo, senão não seriam natureza, corpo e História. Freud nunca é unidimensional. Seu próprio modelo do aparelho psíquico, que é também o modelo psicanalítico, foi montado por ele justamente para dar conta da multiplicidade de determinações existentes na produção humana. Se o fenômeno do sonho é o modelo para a produção do aparelho psíquico, então, justamente por isto, o modelo deve dar conta da sobredeterminação na produção do sonho, a partir de instâncias diferentes e que nunca se reduzem umas às outras, mas que trabalham no interior de uma mecânica de íntimo entrelaçamento. E não apenas isto. O modelo também deve dar conta da multidiversidade com que os fenômenos humanos materializam-se na realidade. O modelo freudiano deve garantir a especificidade do sonhar em relação ao pensar. Tudo isto levou Freud a propor um modelo em que, como ele diz, òfomos obrigados a ampliar o conceito de ÷psíquicoø e reconhecer como ÷psíquicoø algo que não é consciente⁶. Isto quer dizer que o psíquico é sobredeterminado também a partir de um ÷para alémø da consciência. E assim como o sonho, todos os fenômenos humanos são sobredeterminados desde uma multiplicidade dimensional. Porque o inconsciente não é exclusivamente intrapsíquico, mas talvez a manifestação, de forma bruta, de todo o fazer humano ao longo da História. Freud ergueu ao estatuto de lei uma estranha e surpreendente hipótese, mas de profundo significado para o que estamos querendo dizer: o que se viveu nunca desaparece. O esquecimento nunca significa a completa eliminação do traço mnêmico.

Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com que nos achamos familiarizados significava a destruição do resíduo mnêmico ó isto é, a sua aniquilação -, ficamos inclinados a assumir o ponto de vista oposto, ou seja, o de que, na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer ó o de que tudo é, de alguma maneira, preservado e que, em circunstâncias apropriadas

⁶ Freud, S. (1916-1917) Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. *Conferências introdutórias sobre Psicanálise*. Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XVI. RJ: Imago, 1976.

(quando, por exemplo, a regressão volta suficientemente atrás), pode ser trazido de novo à luz (p. 87).⁷

O inconsciente é o lugar da memória, e é o próprio Freud que, para ilustrar este fenômeno da conservação em ação no âmbito psíquico, o aproxima a uma compreensão fantástica de uma Roma aqui apresentada literalmente na condição de uma cidade eterna.

Permitam-nos agora, num vôo de imaginação, supor que Roma não é uma habitação humana, mas uma entidade psíquica, com um passado semelhantemente longo e abundante ó isto é, uma entidade onde nada do que outrora surgiu desapareceu e onde todas as fases anteriores de desenvolvimento continuam a existir, paralelamente à última. Isso significaria que, em Roma, os palácios dos césares e as *Septizonium* de Sétimo Severo ainda se estariam erguendo em sua antiga altura sobre o Palatino e que o Castelo de Santo Ângelo ainda apresentaria em suas ameias as belas estátuas que o adornavam até a época do cerco pelos godos, e assim por diante. Mais do que isso: no lugar ocupado pelo Palazzo Caffarelli, mais uma vez se ergueria - sem que o Palazzo tivesse de ser removido ó o Templo de Júpiter Capitolino, não apenas em sua última forma, como os romanos do Império o viam, mas também na primitiva, quando apresentava formas etruscas e era ornamentado por antefixas de terracota (p. 88)⁸.

Os etruscos constituem-se num aglomerado de povos que se instalaram na península itálica há mais de 3000 anos. A cidade eterna que Freud supõe condensa toda a história humana numa imagem arquitetônica em que nada é ruína, no sentido de perder quase que completamente sua vitalidade sgnica. Tudo o que foi ainda está vivo e demanda na cidade eterna construída por Freud. A cidade eterna é o hífen, origem das variadas manifestações humanas, em todos os campos do seu fazer. E, por isto, todas as realizações humanas, o desenvolvimento de cada um ó que também é realização humana -, a produção científica, a técnica, as Ciências Humanas, a literatura, a poesia e as demais artes, são todas elaborações sobredeterminadas desta gigantesca e condensada memória viva, que no seu pulsar constitui a própria História, terreno no qual enraízam-se todas as construções humanas. E se dizemos que se enraízam, é num sentido de via dupla: toda construção é mais uma implantação, é mais uma edificação na cidade eterna. E, por outro lado, toda edificação é uma construção erguida a partir dos elementos e da vitalidade colocada à disposição pelo estado de coisas

⁷ Freud, S. *O mal-estar na civilização*. Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XXI. RJ: Imago, 1976.

⁸ *Ibid.*

na cidade eterna. O novo não supera o velho. Entre o velho e o novo, a dinâmica é mais de estrutura. A História não é diacrônica.

Benjamin, nas suas Teses da Filosofia da História, também construiu uma imagem que de algum modo nos permite aprofundar nossa compreensão da História, trabalhando em ressonância com a imagem da cidade eterna montada por Freud. Diz assim a sua tese de número IX:

*Minha asa está pronta para o vôo,
Vôo voluntariamente para trás,
Porque se eu me detivesse algum tempo para viver,
Teria pouca ventura.*

Gershom Scholem, *Saudações de Angelus*

Existe um quadro de Klee que se intitula *Angelus Novus*. Vê-se nele um anjo, ao que parece, no momento de distanciar-se de algo sobre o qual fixa o seu olhar. Tem os olhos arregalados, a boca aberta e as asas estendidas. O anjo da História deve ter esse aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Naquilo que para nós se mostra como uma sucessão de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula sem cessar ruína sobre ruína, a depositar-se sob os seus pés. O anjo gostaria de deter-se, despertar os mortos e recompor o despedaçado. Mas uma tormenta desce do Paraíso e provoca um redemoinho em suas asas, e é tão forte que o anjo não pode firmá-las. Essa tempestade o arrasta irresistivelmente para o futuro, ao qual dá as costas, enquanto o acúmulo de ruínas sobe diante dele, em direção ao céu. Tal tempestade é o que chamamos progresso (p. 82, op. cit., trad. nossa).⁹

Em Benjamin, resgatamos a dimensão dinâmica e processual que é inerente à História e o dinamismo que é inerente ao hífen que nos interessa. A História não é propriamente a cidade eterna, mas o que é possível apreender no aqui-e-agora, na ininterrupta tormenta do progresso que, desde o Paraíso, sopra em direção ao futuro. Freud constrói a sua cidade eterna preservando-a do fluir da História. A cidade eterna é uma espécie de palimpsesto onde todas as múltiplas camadas podem estar à disposição,

⁹ Na apresentação do livro intitulado *Pensamento cruel - Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia?*, Maria Helena S. Patto e João A. Frayze-Pereira, seus organizadores, também trabalharam com esta imagem para pensar a prática da Psicologia. E eles agregam à imagem erguida por Benjamin mais uma obra de Klee, *O saltimbanco*, para salientar o difícil equilíbrio da prática do psicólogo em sua ação crítica, para possibilitar uma leitura transformadora. Em Patto, M. H. S. e Frayze-Pereira, J. A. *Pensamento cruel - Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia?* SP: Casa do Psicólogo, 2007.

manifestamente. Benjamin introduz o elemento dinâmico. E, então, a imagem da ruína deve novamente ser levada em consideração. Porque tudo que, em Freud, é edificação, em Benjamin, que tem o olhar fixo no Paraíso, isto é, no território das expectativas de aperfeiçoamento e até de redenção do homem e dos fenômenos humanos, é visto como ruína, a demandar reparação. Cada construção, cada morto, demanda. A cidade eterna transforma-se no terreno não apenas de uma memória viva, mas de uma demanda intensa feita ao anjo da História, que a tempestade do progresso arrasta. A demanda é tão intensa que o anjo gostaria de se deter e, levando seriamente em consideração essa demanda de mortos e ruínas, edificar uma reparação. Mas a tempestade não dá tempo. E tudo o que o anjo pode construir em seu ato reparatório é talvez um fragmento mal acabado que imediatamente a seguir, dada a força da tormenta - que nada mais é do que o suceder do tempo -, transforma-se em nova ruína depositada sob os seus pés, isto é, numa nova demanda a juntar-se ao grito desesperado das ruínas. E seria esse grito desesperado a realização da História.

Ao nosso ver, as imagens construídas por Freud e Benjamin podem complementar-se e, nesta realização, fortalecer nosso entendimento do hífen tanto em sua ação multidimensional quanto em sua organização. Porque do hífen emergem todas as produções humanas e, por sua vez, todas as produções humanas re-significam e re-organizam o hífen. Em alemão, existe um termo que talvez seja o que mais se aproxime para dar conta da operação no interior do hífen entre o psíquico e o social: trata-se da palavra *Weltanschauung*, que nós poderíamos traduzir como visão de homem/visão de mundo¹⁰ e que, como um conceito englobante, deve apontar ao mesmo tempo para o elemento estável

¹⁰ Freud dedicou a Conferência XXXV, em 1932, a refletir sobre se a Psicanálise poderia oferecer-se aos homens como uma nova *Weltanschauung*, como alternativa às *Weltanschauungs* provenientes dos campos religioso e filosófico. E ele enfatiza o pensamento de que não, de que a Psicanálise não pode se constituir como uma *Weltanschauung* alternativa às provenientes da Religião e da Filosofia. O elemento que ele utiliza para distinguir a Psicanálise desses campos é a íntima conexão que vê existir entre a Psicanálise e a Ciência. E pensa que a Ciência é ainda muito jovem para constituir-se numa *Weltanschauung* por si própria. Por outro lado, Freud argumenta que toda *Weltanschauung*, isto é, toda visão de homem e de mundo é constituída em torno de elementos de ilusão, que passam a fazer parte destas visões. E atribui à Psicanálise oã submissão à verdade e a rejeição às ilusões (p. 220). Por isto, a Psicanálise não apenas é incapaz de oferecer-se como um consolo para os homens na forma de uma *Weltanschauung*, como justamente por isto é uma poderosa ferramenta crítica para mostrar os limites e possibilidades que estão contidos em cada *Weltanschauung* e seus desdobramentos em ideologias, tal como viemos defendendo no uso do modelo e do método psicanalítico (ver Freud, S. Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung*. Em *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos. Obras Psicológicas Completas de S. Freud*, vol. XXII. RJ: Imago, 1976.).

e dinâmico que lhe é inerente. Estável porque, como um conceito englobante, acompanha todas as realizações do homem, como um sentido capaz de abranger em compreensão todo o estado de coisas da realização humana, abarcando algo assim como a história das meditações do homem sobre o homem. Toda produção humana se enreda em sentido. E, no aspecto dinâmico, fazemos referência à própria potencialidade do sentido, que é específica em relação a cada desdobramento das realizações humanas. Só que aqui não mais nos referimos ao sentido na sua dimensão abrangente, mas à concretude específica da atribuição de um sentido singular. Dizíamos antes que o hífen é manifestação de todo o fazer humano ao longo da História, e o aproximamos do inconsciente como sua manifestação em forma bruta e não lapidada. A *Weltanschauung*, isto é, as diversas visões de mundo e de homem e as ideologias que a Filosofia da História foram depositando ao longo da História, bem como as que ainda são construídas, seriam justamente as operações de lapidação que são constituídas no hífen, através da ação humana.

O que nós ganhamos ao integrar as imagens de Freud e Benjamin é que, em primeiro lugar, nos parece que fortalece o terreno da História como campo no qual trabalhamos o hífen psico-social. Em segundo lugar, dada a tensão que se estabelece entre as duas imagens, entre edificações e ruínas, entre o elemento preservado e ativo destacado por Freud e o elemento frustrado e desapontador destacado por Benjamin, desta tensão pode emergir uma produção no campo psico-social que seja ao mesmo tempo um resgate de memória, uma re-significação e um ato reparatório. Ou seja, uma construção no sentido mais pleno do termo, uma vez que envolve memória e reparação. Achamos importante apontar que a imagem de Benjamin é poderosa o suficiente para que também a entendamos não apenas como um constructo erguido para significar o trabalho da História enquanto práxis e estudo, mas, ao nosso ver, esta imagem de algum modo também consegue acolher os processos de reconstrução pessoais que cada homem deve realizar. Porque, nos processos de reconstrução pessoais, um anjo da História particular - se quisermos usar a imagem que Benjamin põe em cena olhando através do quadro de Klee - está em ação, com os mesmos olhos arregalados, a mesma boca aberta, a mesma tensão nas asas e, principalmente, a mesma implicação com o tempo: tudo o que ele dispõe é do passado, apresentado ao mesmo tempo ó se integrarmos as imagens de Freud e de Benjamin ó na forma de memória e ruína, a demandar o seu ato de construção pessoal, modo como o

futuro se realiza. Carlos Drummond de Andrade alude também a esse anjo pessoal na primeira estrofe de seu *Poema de Sete Faces*:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.¹¹

A voz poética é demandada desde o seu nascimento, a partir de suas origens e da sombra, a construir uma determinada concepção de vida, visão de homem e de mundo. Ser *gauche* não é bem uma opção, tampouco é propriamente uma vestimenta obrigatória, algo assim como uma visão de mundo já pronta e acabada que Carlos nada mais teria que fazer a não ser passar a utilizar. É mais algo assim como uma demanda mesmo, uma espécie de força gravitacional proveniente do estado de coisas em sua origem, capaz de organizar seu modo singular de ver a si e ao mundo. Ser *gauche* não é uma opção, mas tampouco é um destino para Carlos. É, como dissemos, uma demanda, algo assim como uma imperiosidade suscitada desde as sombras da origem de Carlos. O desdobrar de Carlos não é arbitrário. Se, na forma poética singular, a herança literária, isto é, a memória das formas literárias empresta o material para a lapidação do poema singular, num processo que Harold Bloom cunhou como ãngústia da influência¹² e que enreda de forma complexa permanência e inovação, tradição e ruptura, Drummond aloca freudianamente esta angústia de influência num terreno biográfico, familiar¹³, e não exclusivamente estético. É desde o seu nascimento que o anjo torto o demanda, com a mesma angústia paradoxal que Harold Bloom aponta. Porque ser *gauche* não é fácil. Ser *gauche* significa, de algum modo, opor-se. Mas, como escutar uma demanda por opor-se, sem opor-se a ela? É quase um impossível. Se Carlos obedecer ao anjo, não será propriamente um *gauche*. *Gauche* que é *gauche* não escuta os anjos. Mas se não escutar o anjo, será um *gauche* e, neste caso, estará sob o imperativo da demanda desse anjo torto, dessa influência de origem. O paradoxal invocado pelo poeta é importante como manifestação da força da origem que o impele a ser o que ele virá a ser,

¹¹ Os poemas de Carlos Drummond de Andrade com que trabalhamos aqui foram todos extraídos da *Antologia poética* organizada por ele: Andrade, C. D. *Antologia poética*. RJ: Record, 1987.

¹² Bloom, H. *Angústia da influência. Uma teoria da poesia*. RJ: Imago, 2002.

¹³ Em *Confidência do itabirano*, bem como nos poemas da seção *A família que me dei*, da *Antologia poética*, torna-se mais explícito que a origem na qual o poema se enraíza e da qual é um desdobramento ao mesmo tempo de submissão e criação é a família e o entorno dela, Itabira.

na sua meditação sobre si e o mundo. Carlos escuta ao mesmo tempo uma demanda de tradição e ruptura, de memória e construção. Diz ele, em *Retrato de família*:

Ficaram traços de família
perdidos no jeito dos corpos.
Bastante para sugerir
que um corpo é cheio de surpresas.

Traços de família e surpresas é do que é feito o jeito de um corpo, tal como traços de família e surpresas fazem o corpo do poema. Porque o poema é um retrato de família, tal como o corpo e suas realizações. O que o poeta irá fazer, o que irá desdobrar em forma poética, o vértice específico a partir do qual trabalhará seus poemas e, através dos poemas, trabalhará suas origens, não é aleatório nem tampouco destinado, no sentido de já dado, mas uma construção tão embrenhada de paradoxo, tão ao mesmo tempo atrelada a uma origem e aberta para o novo como o imperativo de ser *gauche*.

Não deve nos surpreender o paradoxal, se levamos em consideração o modelo freudiano. Nele, não apenas o fenômeno psíquico é maior do que a consciência, isto é, as determinações do que somos estão para além de nós, mas neste modelo é inerente à noção de inconsciente a existência dos opostos. O paradoxo não é uma exceção - nas formações psíquicas é uma regra. Na cidade eterna, o diálogo entre os edifícios pode ser bem ruidoso e nem toda essa arquitetura fala a mesma língua. A memória é uma Babel, tanto em seu sentido macroscópico quanto em sua dimensão microscópica, ao nível da história familiar de cada um. A sombra do poema, desde onde o anjo torto demanda, não é propriamente uma ausência de luz, mas uma claridade indefinida, uma radiação ainda a ser desdobrada nas sucessivas polarizações, isto é, nas concentrações do aqui-e-agora de que é feita a vida. O paradoxo do mundo de Carlos não ficaria resolvido se Carlos fosse Raimundo. Verdade que pareceria mais harmonioso, porque Raimundo rima com mundo:

Mundo, mundo, vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo, mundo, vasto mundo,
mais vasto é meu coração. (Poema de sete faces)

Se Carlos fosse Raimundo, ele e o mundo estariam em melhor acordo. Mas isto, diz Carlos, só na rima. Porque na vida, entre coração e mundo instala-se um paradoxo, ou um conflito, que é outra maneira de falar do paradoxo ó a maneira psicanalítica de abordá-lo. O mundo é vasto, a origem é vasta, mas o coração, diz o poeta, é mais vasto ainda. E é exatamente desde esse coração que o anjo torto da origem demanda, atuando como uma sombra sempre presente e impossível de pular.

Numa incerta hora fria
perguntei ao fantasma
que força nos prendia,
ele a mim, que presumo
estar livre de tudo,
eu a ele, gasoso,
todavia palpável
na sombra que projeta
sobre meu ser inteiro:
um ao outro, cativos
desse mesmo princípio
ou desse mesmo enigma
que distrai ou concentra
e renova e matiza,
prolongando-a no espaço
uma angústia do tempo.

(Perguntas)

O anjo torto aqui assume o re-trato de um fantasma, tão demandante quanto o primeiro e, ao mesmo tempo, capaz de renovar e matizar como o primeiro. Como o anjo, o fantasma é o enigma que desdobra e enraíza o poema. Ele é o próprio suceder da voz poética nas polarizações do aqui-e-agora a que fazíamos referência antes, ou como essa voz diz melhor, na prolongação no espaço de uma angústia do tempo. Neste mesmo poema, Carlos Drummond de Andrade¹⁴ nos permite sair do anjo pessoal e voltarmos para o anjo da História, de Benjamin. Porque a voz poética faz ao fantasma uma última pergunta:

¹⁴ No nome do poeta, vemos inscrito o paradoxo que ele desdobra em tantos poemas: o de ser Carlos nos laços de família tão explicitados na proposição *de*, que o ata aos Andrade. *Mas como dói!*

Perguntei-lhe por fim
a razão sem razão
de me inclinar aflito
sobre restos de restos,
de onde nenhum alento
vem refrescar a febre
deste repensamento;
sobre esse chão de ruínas
imóveis, militares
na sua rigidez
que o orvalho matutino
já não banha ou conforta.

No vôo que desfere,
silente e melancólico,
rumo da eternidade,
ele apenas responde
(se acaso é responder
a mistérios, somar-lhes
um mistério mais alto):

Amar, depois de perder.

(Perguntas)

O fantasma de Carlos Drummond de Andrade atua como o anjo de Benjamin. Ambos são atormentados e ambos operam numa paisagem tão semelhante. Ambos produzem e deixam uma paisagem tão análoga, ambos demandam reparação ó *amar, depois de perder*. Se o anjo de Benjamin, diante da catástrofe, quer recompor o despedaçado e acordar os mortos, o fantasma de Carlos Drummond de Andrade opera nesse repensamento, que nada mais é do que a razão sem razão de se inclinar aflito sobre restos de restos. Em Benjamin, esta reconstrução será mais uma ruína a juntar-se às ruínas. Em Carlos Drummond de Andrade, é uma febre, aqui exposta como poema. O que Benjamin e Drummond nos permitem problematizar nada mais é do que esse campo de estudos tão promissor que atualmente se denomina de transmissão geracional, e que emerge dessa

hipótese tão cara a Freud, sobre a existência de uma analogia familiar nos desenvolvimentos da ontogênese e da filogênese. Talvez o que levou Freud para este tema foi a própria vinculação profunda que ele viu ocorrer entre sua biografia pessoal e a psicanálise que ele criou. Drummonianamente, poderíamos dizer que a Psicanálise é o resultado da febre de Freud, ao inclinar-se aflito sobre restos de restos de sua história pessoal. Na *Interpretação dos sonhos*, Freud opera como Dante na *Divina Comédia*. Não apenas ele é ao mesmo tempo autor e personagem principal, mas também uma travessia difícil é tematizada. Dante, atravessando toda a imensidão do mundo eterno, o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, irá encontrar Beatriz. Freud traz todo esse vasto mundo para a cena familiar. Inferno, Purgatório e Paraíso que devem ser atravessados para encontrar o quê? Um Freud desdobrado em Psicanálise. Laços de família não apenas integram sua produção à sua biografia, mas são os próprios laços de família que se renovam e se matizam em Psicanálise. Na correspondência de Freud a Fliess¹⁵, temos acesso a fragmentos da auto-análise de Freud. E o que vislumbramos é que não é apenas a ambivalência afetiva de Freud em relação a seus pais o pilar do conflito psíquico que ele atravessava nesse período. Ou melhor, o conflito afetivo materializa-se numa complexa rede ideacional que embaraça todo o núcleo familiar, que também é via de passagem ou de acesso aos seus antepassados e seus emaranhados ideacionais.

Em 1900, mesmo ano da publicação da *Interpretação dos sonhos*, são redescobertas as leis da hereditariedade de Mendel, que ele apresentara num trabalho à Sociedade de História Natural de Brünn em 1865. Mendel estudou estas leis trabalhando com os hibridismos de plantas - o que lhe possibilitou determinar o número de formas diferentes com que se manifestam os brotos das plantas híbridas -, ou arranjando-as de maneira tal que dessem origem a formas pré-determinadas de brotos. Ele provou que, na variação de certos aspectos da planta, traços de gerações passadas manifestavam-se no broto, ainda que estes traços estivessem invisíveis na geração anterior, atuando de modo recessivo na ordem genética. Nas palavras dele, certos caracteres eram apenas *õdominadosõ* por outros caracteres numa determinada geração. A partir do que Mendel observava em suas ervilhas, a dúvida que persistia era sobre como explicar esse desaparecimento de uma característica numa geração e o seu reaparecimento na geração seguinte. E é a esta dúvida

¹⁵ Freud, S. e Fliess, W. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess*. RJ: Imago, 1986.

que a hipótese de dominância e recessividade responde. Freud não pensa de modo muito diferente quando estuda a constituição do aparelho psíquico. Aqui também, se se quer, Freud realiza um estudo genético. Porque o estudo das características pessoais leva em consideração as interações com os membros familiares. E esta interação não é exclusivamente de ordem afetiva, ou melhor, o afeto nunca é, na sua forma pura, o elemento que transita entre todos os membros da família. Para Freud, todo traço mnêmico é um híbrido de idéias e afetos. A idéia qualifica o afeto, e assim o conflito psíquico nunca se reduz a um conflito afetivo. Ele é sempre um conflito ideacional colorido por um afeto. É o próprio Freud quem diz que o afeto nunca é reprimido. O que é reprimido é um complexo ideacional. O inconsciente não é constituído por afetos, mas por ideias, isto é, elaborações, expectativas, pontos de vista, recordações, impressões. Claro que qualquer manifestação ideacional é carregada de afeto, e é este afeto que pode tornar o núcleo ideacional desprazeroso e, portanto, sujeito à ação da repressão. Mas, de qualquer maneira, aquilo que fica reprimido e nunca é excluído ou apagado é sempre um componente ideacional. E desde o inconsciente, são núcleos ideacionais que atuam ãecessivamenteõ na determinação de manifestações psíquicas posteriores. E assim nos homens, como nas ervilhas, certas características, mesmo que não se manifestem diretamente, não desaparecem, induzem características posteriores e às vezes tornam a manifestar-se em momentos posteriores da vida.

O conflito psíquico se suporta na ambivalência afetiva entre amor e ódio, mas isto é uma afirmação geral. Na singularidade de cada fenômeno, o modo como o amor e o ódio se manifestam é sempre uma experiência vivida - em família, uma experiência na qual os aspectos ideacionais de todos os membros, crianças e adultos, estão em atividade. Claro que o aspecto ideacional na criança opera numa lógica e até talvez com um estatuto diferente do adulto, mas esta diferença não significa a anulação de sua elaboração ideacional, elaboração esta que obviamente deve adquirir um lastro para a sua operação que é proveniente do núcleo familiar em que está inserida a criança. Lacan diz que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. Não é muito diferente do que estamos dizendo. Toda família é uma linguagem. Mas isto não quer dizer que ela seja apenas uma estrutura. Ela é também um novo ideacional, uma cidade eterna. A criança aprende em família e através da família.

Nicolas Abraham e Maria Torok, no livro *The Shell and the kernel*¹⁶, salientam o fato da criança estar apegada e perceber os gestos da mãe, seus atributos psíquicos e suas palavras. Mais do que perceber e estar apegada, mãe e criança constituem uma unidade dual da qual a criança tem que se separar, carregando em torno de si, de acordo com os autores, toda uma série de rastros, o fantasma que vincula, de alguma maneira, o estar aqui-e-agora com essa unidade dual original. As leituras desses autores permitem compreender a operação ideacional da criança como sendo uma operação com elementos advindos do novelo ideacional familiar, permeada por esse novelo. Vale a pena salientar aqui que esse novelo ideacional também se enraíza nas experiências de vida da família e, portanto, dele fazem parte pontos de vista, expectativas, impressões e o registro das histórias vividas pelos membros também nas distantes gerações desse núcleo familiar. A família é também um novelo de histórias a partir do qual cada um deve organizar-se e ganhar autonomia. Como Carlos, cujo poema é uma elaboração sobre suas origens, os Andrade. A construção de nosso ser, essa operação ontogenética, é feita com o material familiar, em torno desse material, que é a filogênese de cada sujeito. Nós todos somos produtos psíquicos de uma regressão infinita de histórias familiares. Freud destaca na cidade eterna a presença de todas as edificações construídas ao longo da história. As edificações seriam estas histórias familiares. Benjamin destaca o caráter de ruína. As ruínas seriam também estas histórias familiares. Toda história familiar carrega também silêncios, pontos de suspensão, hífen e mutismo. Isto não quer dizer que algo se suprime, nada se suprime. Algo apenas se silencia, se isola e pode ganhar a qualidade de segredo. Na condição de silêncio, de mutismo, o conhecimento se desconhece. Na qualidade de segredo, o desconhecimento se conhece. Ambos operam na rede ideacional da criança. Ambos suscitam a febre a que Drummond se refere em seu poema. Ambos fazem parte da vastidão do coração. Ambos fazem parte da linguagem da família, atuando portanto como forças determinantes dos limites e possibilidades das operações ideacionais a que todos os membros da família estão submetidos, inclusive a criança. Se o silêncio e o segredo ganham uma forte amplificação no novelo ideacional da família, cada um dos membros vê reduzida a sua possibilidade de nomeação tanto sobre o que se passa em família quanto sobre si próprio e sobre o mundo

¹⁶ Abraham, N. & Torok, M. *The shell and the kernel: renewals of psychoanalysis*, vol. 1. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1994.

que o rodeia. Assim como na imagem de Benjamin um anão corcunda determina os lances do jogador, e no poema de Drummond um anjo torto determina a visada de vida da voz poética, os silêncios, os segredos, falam tanto quanto os novos ideacionais no romance familiar que cada um ergue na construção de seus projetos identitários. Tanto no silêncio quanto no segredo está presente um elemento traumático, para utilizarmos um termo que é importante na Psicanálise. Se Freud soube imprimir à Psicanálise um caráter etiológico, isto é, uma vinculação com uma origem para a compreensão do fenômeno psíquico, na origem da Psicanálise Freud outorgou ao trauma o estatuto de origem do sintoma psíquico. Ali, a Psicanálise surgiu. O trauma psíquico é uma comoção psíquica. Ferenczi¹⁷ lembra que a palavra alemã *erschütterung*, comoção psíquica, vem de *schutt*, ruína, compreendendo a destruição, a perda da própria forma. Em *Estudos sobre a histeria*, o primeiro trabalho psicanalítico de Freud, o trauma assume em diversos momentos essa condição de origem do conflito psíquico, do sintoma. Ali, o trauma é entendido como um evento advindo do real, como um choque na experiência real capaz de estremecer as defesas do eu. Mas, à medida que Freud foi se aprofundando em sua compreensão da realidade psíquica, o estatuto do real foi, por assim dizer, sendo absorvido ou englobado pela realidade psíquica. Freud nunca silenciou propriamente a força do real. Isto nós podemos ver em todos os casos clínicos, onde os aspectos do real são seriamente levados em consideração por ele. Mas Freud outorgava também à realidade psíquica um papel ativo na constituição do conflito. Podemos até afirmar que responsabilizar a realidade psíquica pelo conflito é uma das características básicas da Psicanálise e, ao nosso ver, isto se deve não apenas a Freud entender que a realidade psíquica se constitui a partir de um suporte pulsional, mas também talvez porque responsabilizar cada sujeito por seu sintoma seja uma etapa importante da terapêutica, no sentido de possibilitar a superação do sintoma. Em todo caso, é inerente aos textos psicanalíticos de Freud, quando vistos em seu conjunto, uma certa ambigüidade em sua posição em relação à ressonância do real na constituição psíquica e, mais especificamente, na noção de trauma. Se, por um lado, Freud avança no sentido de dar uma ênfase maior à realidade psíquica, por outro lado esta realidade é constituída em resposta ao real. É isto que nós vemos apresentado em *Além do princípio do prazer*, onde a angústia, a

¹⁷ Ferenczi, S. (1933) Reflexiones sobre el traumatismo. Vol. 4. *Obras completas*. Madrid: Espasa Calpe, 1981.

consequência imediata do trauma, funciona como um sinal organizador de todos os mecanismos de defesa do ego, isto é, ela é estruturadora da realidade psíquica. E mais: toda essa ênfase que Freud dá à filogênese nada mais é do que salientar o fator determinante dos elementos extra-psíquicos que, em Freud, de algum modo também devem se constituir numa espécie de história psicológica para agir na psicologia de cada um. Assim é, por exemplo, em seus estudos em *Totem e tabu*, onde a angústia de castração e o próprio complexo edípico, que em princípio são para Freud invariáveis da constituição psicológica de cada um, são determinados pela história psicológica na qual ficam enredados os processos históricos, morais e religiosos dos homens, até uma mítica horda primitiva na qual teria se dado o parricídio originário, cena histórica e origem de uma história psicológica singular dos homens. Isto quer dizer que o novelo ideacional é uma filogênese, ou uma história psicológica que atravessa gerações e constitui-se num patrimônio psíquico da elaboração de cada sujeito: os Andrade é o patrimônio filogenético para a construção ontogenética de Carlos, o que significa que os Andrade são tanto a reserva sócio-cultural-econômica de Carlos quanto o seu trauma. E como o coração dele é mais vasto do que todo esse mundo, isto é, cabe nele todos os Andrades e um algo além, Carlos e esse mundo não rimam em perfeição ó para a sorte e azar de Carlos. O trauma é inerente à elaboração, como o processo de construção pessoal é inerente ao ato de reparação.

Voltemos a Benjamin: num texto dedicado à obra do escritor russo Nikolai Leskow (1831-1895)¹⁸, ele reflete atentamente sobre a arte de narrar e o trabalho do narrador: ãapresentar um Leskow como narrador não significa aproximá-lo de nós ó significa, antes, aumentar nossa distância em relação a eleö (p. 57). O que Benjamin ressalta no início desse ensaio é que ãa arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito... É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre todas as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiênciasö (p. 57). Benjamin ressalta a intimidade existente entre narrativa e experiência, e agrega: ãa experiência caiu na cotaçãoö (p. 57). Ele ilustra esta desvalorização tomando como exemplo o jornal: ãqualquer olhada aos jornais comprova que ela [a experiência] atingiu novo limite inferior, que não só a imagem do mundo

¹⁸ Benjamin, W. O narrador ó *Observações acerca da obra de Nicolau Leskow*. Em *Textos escolhidos/ Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas*. SP: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).

externo, mas também a do mundo moral, sofreu da noite para o dia mudanças que nunca ninguém considerou possíveis (p. 57). Ao trazer à cena os jornais para falar sobre o estado de coisas do mundo externo e do mundo moral, Benjamin, ao nosso ver, não apenas está problematizando este estado de coisas, mas também o modo como ele é representado, ou melhor, o meio através do qual é representada a imagem do mundo externo e do mundo moral. McLuhan salientou que o meio é a mensagem. E Benjamin parece aqui salientar que os jornais, isto é, os meios de comunicação centrais sobre o mundo externo e o mundo moral, não são propriamente instrumentos para a troca de experiências, não são propriamente territórios onde se possa pôr em operação com sua plena força o essencial do narrador, isto é, a narrativa. O jornal pode informar, pode opinar, pode demandar, pode vender, pode dirigir, mas não narrar. E, por isto, o jornal não se constitui num campo através do qual os homens possam ganhar experiência. O que, pelo desdobramento do ensaio, quer dizer que a troca de informações veiculada pela mídia não abre o homem para uma transformação pessoal ó atributo, para Benjamin, da situação de troca de experiências. Ao contrário, as informações que são veiculadas pelos jornais, as imagens do mundo externo e do mundo moral, encerram o homem na situação externa e no mundo moral em que ele já se encontra inserido: o jornal aprisiona o homem ao mundo externo e moral, sem lhe permitir a abertura que a narrativa e a experiência trazem consigo. Mas, Benjamin continua:

com a guerra mundial, começou a manifestar-se um processo que desde então não se deteve. Não se notou, no fim da guerra, que as pessoas chegavam mudas do campo de batalha ó não mais ricas, mas mais pobres em experiência comunicável? O que dez anos mais tarde desaguou na maré de livros de guerra era tudo, menos experiência que anda de boca em boca. E isso não era de estranhar. Pois nunca as experiências foram desmentidas mais radicalmente do que as estratégicas pela guerra de posições, as econômicas pela inflação, as físicas pela batalha de material bélico, as morais pelos detentores do poder. Uma geração que ainda fora à escola de bonde puxado a cavalos ficou sob céu aberto numa paisagem onde nada permanecera inalterado, a não ser as nuvens e, debaixo delas, num campo magnético de correntes e explosões destruidoras, o minúsculo, frágil corpo humano (p. 57).

Nem sequer a ãmaré de livrosõ consegue pôr em circulação a experiência. Tudo se transformou de um modo bem violento, ãnum campo magnético de correntes e explosões destruidorasõ e, no entanto, nada parece dar conta da narrativa dessa transformação - nem

os jornais, nem a maré de livros. Benjamin está falando de um transtorno ocorrido nas primeiras décadas do século XX ó um transtorno que envolve a modernidade, a vida urbana, a tecnicização e uma guerra. E o modo como ele lida com este transtorno sugere que, na história dos homens, podem acontecer fatos que operam em analogia com aqueles que Freud detectou e que promovem a comoção psíquica no sujeito individual. Se, como afirma Ferenczi¹⁹, ão trauma impacta o sujeito, fragilizando o seu sentimento de si, sua capacidade de resistir, de atuar e de pensar em defesa do próprio eu, promovendo uma comoção que não pode ser superada, nem por uma transformação do mundo circundante, no sentido de afastar a causa etiológica da comoção, nem tampouco através da produção de uma elaboração capaz de superar a comoção, Benjamin sugere que, na História, o trauma silencia a experiência, ou melhor, a elaboração de uma vivência, que é o modo como os fatos vividos podem se realizar em experiência, ou seja, em vida elaborada, num patrimônio pessoal, resultado das aventuras de cada um no campo da vida. De acordo com a lógica do texto de Benjamin, é possível viver e não ganhar experiência. Este é um transtorno pessoal. Mas Benjamin, realizando uma arqueologia social, encontra um fator etiológico mais profundo, isto é, mais amplo, para essa incapacidade de elaborar a vida em experiência: os transtornos são pessoais, mas o fator etiológico é um estado de coisas no social: o desaparecimento do narrador e da narrativa promovido por um poder tecnocrata. Os soldados chegaram da primeira guerra mundial, de acordo com ele, mudos. E os jornais e a maré de livros não puderam contribuir para a superação desse silêncio. Uma comoção atingiu a História, isto é, as vivências humanas vêm afetadas a sua possibilidade de elaboração. E todo um grupo social fica encerrado no silêncio, na incapacidade de transformar a vivência em experiência. Benjamin traz assim a noção de trauma ó palavra originária do campo da Medicina e utilizada por Freud para dar conta das comoções psíquicas ó para o campo da História. Mais uma vez, nós podemos acompanhar como observações da clínica psicanalítica podem ser utilizadas no estudo dos fenômenos sociais. Nos dias de hoje, são diversos os autores que trabalham com a noção de trauma na

¹⁹ Ferenczi, S. (1931-1932) Reflexiones sobre el traumatismo. *Obras completas*, vol. 4. Madrid: Espasa Calpe, 1984.

História²⁰, e observam a reação de grupos sociais a eventos violentos, a partir deste referencial. Mas ainda Benjamin, neste texto, pode ser uma referência para este campo de estudos. Porque na sua agudeza reflexiva, ele sabe nomear que a catástrofe de uma guerra ou de eventos sociais violentos pode ocasionar bem mais do que as gigantescas perdas materiais e humanas, que sempre estão envolvidas nesses acontecimentos. Podem acarretar uma comoção psíquica do grupo, isto é, um transtorno no modo como se representam e representam o mundo ao redor, e até na própria possibilidade de representação de si e do mundo, com um impacto intenso na história desse grupo social, a ponto de delinear as determinações básicas do modo como esse grupo social irá comportar-se historicamente. No caso que Benjamin estuda ó as comoções históricas das primeiras décadas do séc. XX -, trouxeram consigo o emudecimento da narrativa, a impossibilidade de representar o vivido, portanto, de superá-lo com uma transformação de si. Freud, em Luto e melancolia, destaca que nos processos melancólicos, isto é, naqueles em que um acontecimento doloroso, uma perda, não é possível de ser superado através de um processo de luto, ãa sombra do objeto cai sobre o ego, isto é, o ego fica refém do objeto perdido e promotor da angústia, suscitando uma fragilização da coesão das formações psíquicas e a emergência de uma desorientação. É desta desorientação que Benjamin trata, num nível coletivo. O grupo social pode perder as instâncias narradoras, aquelas capazes de dar sentido à experiência num para além do mero registro ideológico, que nunca dá plenamente conta da comoção grupal que o choque da História suscita. Os jornais e livros a que Benjamin se refere apenas põem em circulação uma imagem da realidade que coage o grupo social, no sentido de ficarem encerrados, reféns dessa realidade, isto é, esses jornais e livros não são espaços de elaboração, podendo ser, do modo como Benjamin os entende, instrumentos da mesma batalha e, portanto, ferramentas do ãcampo magnético de correntes e explosões destruidorasö.

Se sugeríamos anteriormente que o hífen da Psicologia Social é o lugar da memória e das operações com ela, isto é, o modo como se efetiva uma Psicologia e um Social específicos, ou o modo como se entrelaçam natureza, corpo e cultura, um trauma social nada mais é do que uma comoção no hífen. É isto que Benjamin salienta ao tratar do

²⁰ Uma coletânea importante de estudos interdisciplinares sobre o impacto traumático de violências contra grupos humanos é *Cultures under siege: collective violence and trauma* (org. Antonius Robben e Marcelo Suarez-Orozco). Publicação da Society for Psychological Anthropology. Cambridge University Press, 2000.

silenciamento da experiência. O que parece transtornado é o trabalho com a memória. Benjamin, no mesmo texto, apontará para o esvaziamento da noção de sentido da vida, para a perda do lugar do conselho. O transtorno do ato de recordar repercute em todas as dimensões daquilo que constitui a organização de um referencial identitário de si e do mundo, e numa desorientação histórica, dado o eclipsamento do sentido da vida. O que Benjamin parece estar problematizando é a etiologia do fenômeno da alienação. A alienação é um conceito que também só pode ser compreendido levando-se em consideração o estado de coisas no interior do hífen. A alienação é uma situação de vida na qual, utilizando o modelo de Benjamin, o anjo da História é incapaz de escutar a demanda das ruínas e dos mortos, ou em que o anjo torto de Carlos Drummond de Andrade é incapaz de emergir da sombra e suscitar uma demanda. Em ambos os casos, na situação alienada, a vida se transforma em mero viver, e a febre em angústia.

Para Benjamin, não é a memória diretamente a operadora da narrativa. A memória só se transforma em narrativa graças à presença da morte:

Morrer, outrora um processo público e altamente exemplar (pense-se nas imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se metamorfoseava num trono, de encontro ao qual, através das portas escancaradas da casa mortuária, o povo ia se apinhando) ó morrer, durante a Era Moderna, é cada vez mais repellido do mundo perceptível dos vivos. Antigamente, não havia uma casa, quase nem um quarto, em que alguém já não tivesse morrido... Em espaços que ficaram purificados da morte, os cidadãos hoje são habitantes enxutos de eternidade e, quando seu fim se aproxima, eles são dispostos pelos herdeiros em sanatórios ou hospitais. No entanto, não é só o saber ou a sabedoria do homem, mas acima de tudo sua vida vivida ó a matéria de onde surgem as histórias ó que assume forma transmissível primeiro naquele que morre. Da mesma maneira como no íntimo do homem entra em movimento, com o correr da vida, uma seqüência de imagens ó que consiste nos pontos de vista da própria pessoa, entre os quais sem se aperceber, ele encontra a si mesmo -, aos seus gestos e olhares incorpora-se de repente o inesquecível e transmite, a tudo que lhe disse respeito, a autoridade de que até o mais miserável pé-de-chinelo dispõe diante dos vivos, na hora de morrer. Esta autoridade está na origem da narrativa (p. 64).

A sombra que cai sobre o ego e que transtorna o luto, dando origem à melancolia, para Freud nada mais é do que a impossibilidade de lidar com a morte. Benjamin também relaciona o silêncio da narrativa com uma dificuldade de lidar com a morte. Se fizemos questão de trazer toda esta extensa citação, é para mostrar como pode ser rico relacionar

História e Psicologia. Aqui não há redução nenhuma. Ao contrário, aqui a História pode ser compreendida como a parteira da experiência pessoal, que só emerge, graças à compreensão de Benjamin, quando dotada de uma autoridade que legitimamente pode estar ao alcance de qualquer homem, desde que se saiba mortal diante de uma vida humana que permanece. A narrativa, isto é, a experiência é o que um homem deixa de herança para os seus.

O que nos parece mais insólito nesse texto é o lugar que Benjamin dá à morte na incrível dialética que ele suscita para entender o fenômeno da experiência. Não se trata apenas de que o homem tem que se saber mortal. Trata-se de que dentro do hífen, no interior da memória, a morte tem que ter o seu lugar: é ela a promotora da dinamização da memória. Na cidade eterna de Freud, a morte tem que estar presente para que, da reunião de todas as edificações, um sentido possa emergir. O que o texto de Benjamin nos leva a conjecturar é que o hífen é tão humano quanto o homem, que a memória pessoal e a memória coletiva dos homens são feitas da mesma matéria que cada homem, ela também é mortal, ou melhor, o mortal habita no interior da memória, da mesma maneira como a morte limita cada homem. O hífen que a Psicanálise nos ajuda a pôr de manifesto não é nada mais nem nada menos do que o extrato a partir do qual o homem se manifesta como homem. Alocar a morte na memória é alocar a essência do homem na memória. Por isto, o estudo da Psicologia Social pode permitir a emergência de algo assim como uma antropologia da condição humana em cada situação histórica.

O meu trabalho na Universidade nesses cinco anos como docente tem me propiciado ganhar um ângulo de estudo do qual as reflexões acima elaboradas são resultado. Se meus trabalhos envolveram o atendimento clínico a famílias de migrantes, o desdobramento de meu trabalho de doutorado na situação de desemprego, o estudo do impacto da violência urbana em famílias com jovens órfãos por homicídio, os trabalhos com literatura, entre outros, é porque, como espero ter demonstrado nas reflexões acima, todo esse campo pode ser muito rico para o trabalho de formação de alunos. Não apenas para mobilizá-los diante das urgências da atualidade, mas para aproximá-los do próprio hífen, de forma tal que possam fazer um uso crítico de toda a memória dos homens, seja ela na forma de relato clínico, seja ela na forma de literatura, seja ela na forma de História, seja ela na forma de Psicanálise. Na verdade, trata-se de uma abordagem hermenêutica, no

sentido de aparelhar a busca de um sentido, que é o modo como a Psicologia Social pode transformar o relato pessoal ou o estudo de um grupo social numa experiência. E isto só ocorre se soubermos pôr em atividade o hífen da Psicologia Social.

Quero deixar registrado aqui que considero minha inserção e meu trabalho na universidade uma continuação do trabalho da professora Sylvia Leser de Mello. Isto quer dizer que no hífen com que eu opero academicamente, suas aulas e postura como educadora me mobilizam. A ela dedico este trabalho.

Seguem alguns trabalhos que selecionei, cuja realização constitui a base desta reflexão.

REFERÊNCIAS

Abraham, N. & Torok, M. *The shell and the kernel: renewals of psychoanalysis*, vol. 1. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1994.

Andrade, C. D. *Antologia poética*. RJ: Record, 1987.

Benjamin, W. Tesis de la Filosofia de la Historia. Em *Angelus Novus*, Barcelona: Edhasa, 1971.

_____. O narrador ó Observações acerca da obra de Nicolau Leskow. Em *Textos escolhidos/ Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas*. SP: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).

Bloom, H. *Angústia da influência. Uma teoria da poesia*. RJ: Imago, 2002.

Ferenczi, S.(1933) Reflexiones sobre el traumatismo. Vol. 4. *Obras completas*. Madrid: Espasa Calpe, 1981.

Freud, S.(1900) *A interpretação dos sonhos*, capítulo VII, A regressão. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. RJ: Imago, 1976.

_____ (1916-1917) Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. *Conferências introdutórias sobre Psicanálise*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XVI. RJ: Imago, 1976.

_____ (1921) Psicologia de grupo e a análise do ego. Em *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XVIII. RJ: Imago, 1976.

_____ (1930) *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Ed. Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XXI. RJ: Imago, 1976.

_____ (1933) Conferência XXXV. A questão de uma *Weltanschauung*. *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XXII. RJ: Imago, 1976.

_____, Fliess, W. *A correspondência completa de S. Freud para W. Fliess*. RJ: Imago, 1986.

Marcuse, H. *A ideologia da sociedade industrial*. RJ: Zahar, 1979.

Patto, M. H. S. e Frayze-Pereira, J. A. *Pensamento cruel - Humanidades e Ciências Humanas: há lugar para a Psicologia?* SP: Casa do Psicólogo, 2007.

Robben, A. e Suarez-Orosco, M. (orgs.) *Cultures under siege: collective violence and trauma*. Society for Psychological Anthropology: Cambridge University Press, 2000.

O desemprego em situação: um estudo psicossocial²¹

As repercussões psicossociais do desemprego constituem tema sobre o qual pesquisei por cinco anos junto a trabalhadores desempregados pobres, homens e mulheres com pouca ou nenhuma qualificação, no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da Freguesia do Ó, cidade de São Paulo. Apresento primeiramente aqui alguns achados e reflexões importantes de pesquisadores que se debruçaram sobre o tema em diversos países do mundo, tornando-se referências para o campo, para, em seguida, trazer alguns dos elementos que pude observar em meu trabalho, realizado entre os anos de 2000 e 2004²².

Pesquisadores (Jahoda, 1987; Castel, 1997; Dejours, 1999; Feitosa dos Santos, 2000) que se aprofundaram no exame das determinações e conseqüências psicossociais do desemprego permitiram o surgimento, a partir de suas observações, de um certo amálgama de ações e comportamentos sociais e sua tradução no interior de linguagens que visaram descrever as dinâmicas intrasubjetivas de cada homem, bem como das relações entre eles, tendo como eixo de indagação a vivência do desemprego.

Marie Jahoda (1987), que estudou as conseqüências sócio-psicológicas do desemprego em dois contextos tão distintos quanto a Europa dos anos 30 e dos anos 80, inicia o seu trabalho dizendo da dificuldade de se chegar a uma definição única do que seja desemprego: ele varia entre os países e entre as épocas, mesmo em seus aspectos legais. Para os fins de sua pesquisa, ela considera desempregada a pessoa que, num momento dado, encontra-se sem emprego embora quisesse tê-lo ou que, quando não tem um posto de trabalho, depende de um auxílio econômico para subsistir. Em nosso trabalho, optamos por adotar esta definição, por considerá-la ao mesmo tempo precisa e abrangente para o exame do campo de investigações.

Jahoda adota, como referencial teórico para a compreensão das conseqüências sócio-psicológicas do desemprego, o modelo da privação. O que esse modelo sugere, em

²¹ Trabalho apresentado no evento "Crise, desemprego e realidade brasileira", organizado pelo Centro de Psicologia Aplicada ao Trabalho (CPAT) no Instituto de Psicologia da USP, maio de 2009. Posteriormente, uma versão modificada foi publicada na *Revista da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho*, v. VIII, N. 2, jul./dez. 2009.

²² Os dados aqui apresentados são parte de minha tese de doutorado, *O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social*, realizada sob a orientação da Profa. Sylvia Leser de Mello e apresentada ao Instituto de Psicologia em maio de 2004.

síntese, é que se pode interpretar as conseqüências da perda do emprego a partir das funções que desempenha ter um emprego, ou seja, o ganho de um salário, a imposição de uma estrutura temporal, o estabelecimento de vínculos pessoais e de experiências compartilhadas fora da família, a proposição de objetivos que transcendem o indivíduo, situando-o numa dimensão coletiva mais ampla, a atribuição de um *status* e de uma identidade social e a obrigação de manter um certo nível de atividade. O emprego, enquanto modalidade historicamente determinada do trabalho, tem, para Jahoda, um caráter constitutivo da subjetividade humana, na medida em que os homens, através dele, não só produzem coisas, mas produzem a si mesmos nesse processo. A partir da consideração destes elementos constitutivos da subjetividade propiciados pela situação de trabalho, Jahoda investiga as diferentes experiências subjetivas produzidas pela realidade objetiva do desemprego - as significações geradas pela perda de elementos outrora providos pelo trabalho. Assim, para além das conseqüências estreitamente ligadas ao empobrecimento material, Jahoda observa outras em que a conexão com a perda do emprego enquanto conjunto de atividades com implicações psicológicas e sociais parece ser mais visível do que com a perda de poder aquisitivo. São elas: a perda da estrutura temporal habitual e do sentido do tempo; a falta de objetivos, de um sentido de finalidade; a exclusão de uma sociedade mais ampla, um relativo isolamento social e a perda do sentido de identidade produzido no e pelo trabalho. Indo ao encontro das observações de Jahoda em relação à importância que ela confere ao trabalho para a constituição subjetiva e para a manutenção de um certo equilíbrio psíquico, Freud (1930), numa longa nota de rodapé ao texto *O mal-estar na civilização*, diz:

Não é possível, dentro dos limites de um levantamento sucinto, examinar adequadamente a significação do trabalho para a economia da libido. Nenhuma outra técnica para a conduta da vida prende o indivíduo tão firmemente à realidade quanto a ênfase concedida ao trabalho, pois este, pelo menos, fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana. A possibilidade que essa técnica oferece de deslocar uma grande quantidade de componentes libidinais, sejam eles narcísicos, agressivos ou mesmo eróticos, para o trabalho profissional, e para os relacionamentos humanos a ele vinculados, empresta-lhe um valor que de maneira alguma está em segundo plano quanto ao de que goza como algo indispensável à preservação e justificação da existência em sociedade (p. 99).

Trabalho como fonte de subsistência, em pelo menos dois sentidos: asseguramento das condições materiais necessárias à manutenção da vida pessoal e dos dependentes, mas

também das condições materiais e sociais nas quais são possíveis a expressão e realização da identidade pessoal e a manutenção de um equilíbrio psíquico que depende de um certo ordenamento temporal e das possibilidades de deslocamento de componentes libidinais que encontram no trabalho, particularmente no trabalho realizado por livre escolha, amplas possibilidades de sublimação.

Christophe Dejours (1999), utilizando como referencial teórico a compreensão advinda dos estudos em psicodinâmica do trabalho, mostra como a perda do trabalho impõe um processo de dessocialização progressiva que ataca os alicerces da identidade, na medida em que o reconhecimento do trabalho, ou da obra, pode depois ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade. Trabalhar, para ele, tal como para Jahoda, não se restringe apenas à atividade de produção, mas é inserção numa experiência coletiva de produção de sentidos sobre o mundo, sobre o trabalho e sobre si próprio. O trabalho de Dejours mostra como a realidade do desemprego cria, mesmo para os que estão empregados, uma situação de precarização e de permanente ameaça da qual o coletivo dos trabalhadores defende-se através de estratégias individuais e coletivas de defesa. Através dessas estratégias, os indivíduos, coletivamente, consentem em submeter-se e são agentes de uma verdadeira máquina de guerra econômica (p. 16).

O sociólogo Robert Castel (1997, pp. 22-23) pensa o problema do desemprego ãa conjunção de dois vetores: um eixo de integração/não integração pelo trabalho e um eixo de inserção/não-inserção em uma sociabilidade sócio-familiarö, mostrando como o desempregado, para além de sua exclusão do mundo do trabalho, õexpressa um modo particular de dissociação do vínculo socialö. O que Castel enfatiza é que o desemprego lança os homens numa situação de fratura com o social, de ruptura dos vínculos de sociabilidade, para além das privações materiais impostas pelo empobrecimento decorrente desta condição. Ao definir estes dois eixos entrecruzados, Castel mostra como a intensidade da ruptura com o social e do isolamento do desempregado vai depender das redes familiares e sociais que irão garantir, ou não, a inserção do trabalhador excluído ou em relação precária com o mundo do trabalho. E, neste sentido, a tragédia de nossos dias parece advir, para Castel, de uma situação na qual, à precariedade e falta de vínculos de trabalho, soma-se uma crise da família enquanto grupo social capaz de conter e garantir a inserção social do desempregado.

Em nosso país, Feitosa dos Santos (2000) realizou um trabalho de pesquisa com trabalhadores desempregados que freqüentavam os pátios do SINE (Sistema Nacional de Emprego - Ceará), local em que pôde observar e conversar longamente com as pessoas que lá vão todos os dias em busca de uma colocação profissional. Seu intuito, como ele próprio diz, era compreender a questão do desemprego sob a óptica do desempregado (p. 15), realizar um estudo subjetivo de uma categoria social (p. 25). As entrevistas - que segundo os depoentes funcionavam como espaços de reflexão, de terapia - revelaram, a um pesquisador sensível à experiência vivida por eles, o sofrimento desencadeado por esse evento da vida, o sentimento de exclusão, de interrupção de um percurso, de perda, muitas vezes de choque e de impossibilidade de pensar, mas também as estratégias de sobrevivência e o papel das redes familiares e sociais como suporte de enfrentamento. Nessas entrevistas, os trabalhadores podiam lembrar as suas histórias de trabalho e de demissão e as repercussões de suas experiências em seu mundo pessoal, em seus sonhos, em suas famílias e em seus grupos de convivência. Após explicitar e descrever os sentimentos percebidos e falados em sua convivência com os desempregados - o medo, a vergonha, o desgaste, a frustração, a violência, a indignação, a irritabilidade, a tristeza, a humilhação, a solidão, a incerteza, a inutilidade, a depressão, o fracasso, a culpa -, ele chega a propor o conceito de *síndrome subjetiva do desemprego*, referindo-se a esta pandemia da contemporaneidade desencadeada pelo desemprego, um sofrimento que se transforma em agravos à saúde de seus referidos (p. 290), uma coletânea de problemas funcionais, com ou sem substrato orgânico (p.292), cujos agentes etiológicos seriam os próprios sentimentos citados acima.

Os autores que até aqui apresentamos estabeleceram os seus campos de investigação na tentativa de significar o impacto do desemprego nos indivíduos desempregados, ou sobre os quais paira a ameaça do desemprego. Jahoda e Castel privilegiam em seus estudos a descrição das alterações nas situações de vida, nos vínculos de sociabilidade, nas relações com o tempo e com os espaços sociais dos sujeitos implicados. Dejours e Feitosa dos Santos privilegiam as implicações da condição de desemprego no estado emocional dos sujeitos desempregados. É claro que, ao resumir deste modo os trabalhos desses investigadores, estamos apenas ressaltando os vetores principais de seus estudos, pois a investigação do efeito do desemprego nos homens desenvolve-se

num campo complexo de estudos, que é o da interação entre a realidade sócio-político-econômica e a vida psíquica. A situação de desemprego traz para os implicados uma urgência por realizar uma elaboração que leve em consideração tanto os assim chamados dados subjetivos da biografia pessoal quanto os dados da assim chamada realidade externa.

Nos manuais de economia, nos artigos de jornais, nas notícias veiculadas pela televisão, o desemprego emerge como um número ou um dado ou um fato por assim dizer ideacional. Ele é um aspecto que faz parte de uma leitura da realidade. Em todos esses casos, o desemprego é tratado como uma representação ó em sua condição de dado ou mesmo de fato social de nossa realidade -, ou uma idéia ó em sua condição de número, em qualquer das inumeráveis pesquisas apresentadas. Porém, o testemunho da experiência direta com o desempregado nos põe em contato imediato com uma realidade que não é simples representação ou idéia, pois não se trata de meras interpretações ou leituras sobre o desemprego, tais como as que podemos depreender dos manuais e notícias de jornal, que visam oferecer um retrato ou uma explicação ao fato. A experiência direta com o desempregado agrega à visão ôteórica, se assim pudermos nos expressar, uma dimensão orgânica, o aspecto ativo de cada um dos implicados. O que freqüentemente denominamos de vida psíquica nada mais é do que esse aspecto ativo da vida humana, o traço singular emotivo e ideativo que se traduz na experiência de vida de cada um, em cada movimento que realiza, em cada gesto que atualiza, em cada palavra que emite.

Poder-se-ia argumentar que a realidade de vida das pessoas desempregadas é advinda inteiramente de um modo de funcionar econômico que promove a catástrofe do desemprego e, portanto, psicologizar neste contexto ó adentrar a vida psíquica dos implicados - seria algo assim como um trabalho de perfumaria que, quaisquer que fossem os achados, quaisquer que fossem as considerações realizadas, significaria nada ou muito pouco, uma vez que não seria nesse campo que encontraríamos as reais determinações para a realidade do desemprego. E, de fato, quão equivocada é, diante da realidade econômica em andamento, a tão propagada responsabilidade pessoal pela vida no mundo do trabalho! Mas, hoje em dia, creio que já não é mais possível tecer considerações sobre o homem reduzindo-o a um objeto da história. Todos os homens, de algum modo, se emanciparam. Pelo menos, foram emancipados no campo das teorias. E, portanto, devem pagar o preço por essa emancipação. Devem pagar o preço de serem vistos como sujeitos de sua história,

responsáveis por ela. Esta leitura não tem volta, mesmo quando os dados da realidade, como em nosso país, apresentam gigantescas parcelas da população desprovidas das condições mínimas necessárias tanto de consciência, isto é, de educação, quanto de participação política e social para poderem ser plenamente chamados de cidadãos. Faz parte do imaginário em todas as camadas sociais, inclusive nas mais pobres, como pudemos ver em nosso trabalho, assumir para si uma parcela da responsabilidade pelo seu destino no mundo do trabalho, seja através do fator idade ou nível de formação, seja pelo lugar em que se mora, disponibilidade para trabalhar, etc. E espera-se que cada um pessoalmente se fortaleça para, fazendo o melhor possível, aperfeiçoar o seu currículo ó ter um currículo bom, como me disse um desempregado -, re-qualificar-se ou mobilizar-se atrás de uma vaga, portando todos os recursos pessoais de que dispõe para encontrar um lugar no sistema produtivo. E uma leitura que reduza os homens a objetos do acontecer histórico de algum modo anularia esse processo emancipatório de cada um como indivíduo em relação à tessitura social. Por isso, aceitamos o caminho da implicação pessoal. Evita a idealização a que levaria colocar todas as pessoas com que lidamos em nosso trabalho na posição de vítimas do sistema. Claro que são vítimas, claro que sobre elas se abate uma funesta realidade, diante da qual suas biografias pessoais os responsabilizam em menor medida. E elas sabem disto, dada a profunda queixa que emitem sobre o social maior, o modo como compreendem e avaliam a ação do sistema de mercado e a recorrente transformação de sua força de trabalho em mercadoria. Cabe-nos também compreender essa queixa como um processo de resistência diante dos violentos mecanismos em jogo na dinâmica dos mercados. No entanto, todos eles não apenas incorporaram todo o mundo de representações e de idéias que são veiculadas pelos meios de comunicação a respeito de si e de seus destinos como brasileiros, como põem em funcionamento esse campo ideológico a partir dos seus limites e possibilidades, advindos de suas histórias pessoais. Eles, por assim dizer, ãvestem a camisa de serem desempregados no Brasil do início do séc. XXI, e atuam a partir desse marco identitário, produzindo assim também a realidade de suas existências. Implicá-los é respeitá-los para ganharmos uma melhor compreensão da séria situação que atravessam, da terrível demanda que emerge para a sociedade como um todo a partir do drama de suas condições e do impacto de suas situações na vida social. Os implicamos sem

esquecer que suas realidades como desempregados têm sua origem no marco das políticas macroeconômicas que estão em andamento em nosso país.

O nosso próprio estudo realizou-se na tentativa de acompanhar e observar homens e mulheres desempregados, e também suas famílias. Pesquisas que tratam da questão do impacto da perda de emprego na família, realizadas em diversos países, apontam consistentemente para fenômenos tais como a elevação do nível de conflito, tensão e *stress* - perturbações emocionais que atingem todos os membros da família - e o aumento da frequência de separações, divórcio e violência doméstica²³. Diversos autores apontam também para a urgência de serviços de atendimento psicológico e social que ofereçam suporte para essas famílias²⁴.

A família, de algum modo, é violentada quando um de seus membros vê-se excluído da esfera do trabalho, e é a própria família um dos espaços privilegiados para a emergência de estratégias possíveis para o enfrentamento dessa situação. Em nossa pesquisa, partimos da hipótese de que a família pode oferecer-se como um espaço de elaboração diante da violência do real, que impeça os seus membros de sucumbir a ela. Mas, levamos em consideração também que o espaço familiar pode ser plenamente contaminado por essa violência e repetir em seu interior, nas situações do cotidiano familiar, a mesma violência executada em seu exterior, promovendo o pesadelo de legitimar o lugar da incapacidade para a execução de funções sociais de seus membros. Pude observar que o desemprego significa, para cada uma das famílias com que tive contato, a explicitação de uma ferida real. Numa realidade tão carente, cheia de fraturas na história cultural, na biografia pessoal e na sociabilidade com o entorno ó mesmo quando em atividade de trabalho -, a interrupção do precário salário mensal resulta numa urgência de fazer frente à situação que acaba por capturar a vida de cada um dos implicados por inteiro.

²³ Para um levantamento detalhado de dados estatísticos que relacionam desemprego e conflitos familiares, ver Dew, M.A. Effects of unemployment on mental health in the contemporary family. Em: *Behavior Modification*, 1991, vol. 15(4): 501-544; Price, R. H. Psychosocial impact of job loss on individuals and families. Em *Current directions in Psychological Science*, 1992, vol. 1(19):9-11; e Schwebel, M. Job insecurity as structural violence: implications for destructive intergroup conflict. Em *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, 1997, vol.3(4):333-351.

²⁴ Ver, por exemplo, Hoffman, W. Initial impact on plant closings on automobile workers and their families. Em: *Families in Society*, 1991, vol. 72(2): 103-107; e Jones, L. Unemployed fathers and their children: implications for policy and practice. Em: *Child and Adolescent Social Work Journal*, 1991, vol. 8(2): 101-116.

Exemplos da situação de encerramento a que o desemprego parece lançá-los não faltam. Encerrados em si próprios e no território familiar, o trabalho psíquico parece restringir-se a uma certa adaptação para ocupar uma vida violentamente contraída. Disse um trabalhador desempregado:

O duro é que todo dia é a mesma coisa. Quando você trabalha, chega fim-de-semana, é uma maravilha! Descansa, chama os amigos, faz um churrasco. Depois, segunda-feira é um horror, acorda cansado da farra do domingo (ri) e vai trabalhar. Mas, quando você tá desempregado, que bom seria acordar na segunda-feira e ir trabalhar! Mas, não. Todos os dias é a mesma coisa, não tem segunda, não tem terça, nem fim-de-semana. Você sabe que acorda e tem mais um dia pela frente. Agora, é uma questão de acostumar, eu digo pra mulher. É o mesmo quando você muda os móveis da casa de lugar: de início, você entra e estranha, tava acostumado de outro jeito. Mas, aos poucos, vai acostumando. É o mesmo com a mudança de rotina, com a perda do emprego. Precisa acostumar.

Para ele, a vida de trabalho contraiu-se em lembrança, da qual faz parte algo assim como uma esteira sobre a qual desfilam, num fluxo rotineiro, as segundas, terças, quartas, quintas, sextas, sábados e domingos. Ele perdeu a esteira, perdeu a rotina diária, mas não ganhou a liberdade. O tempo mostra-se assustadoramente desempregado, tal como ele: parado, estático. É essa apresentação do tempo que o assusta. E talvez assuste tanto que ele prefere lembrar de uma mudança espacial, da alteração nos móveis da casa, para dar a entender que a gente, ao final, se acostuma. Mas, o que é acostumar-se nessa experiência do tempo?

O desemprego faz emergir uma solidão que parece ameaçar a identidade de cada um dos implicados. Isolados, esse mote enunciado ó ãos poucos, a gente vai acostumandoó ó parece suscitar um movimento no qual são mais conduzidos do que propriamente sujeitos de sua ação. É o patrão que manda embora e é Deus que vai ajudar. É a vida que se agita com uma força e uma violência tão imensas que, se já se era pequeno quando inserido no mundo produtivo, agora se é tão ínfimo que tudo o que resta a fazer é ir tocando o que aparecer no pequeno mundo a que se ficou restrito.

Olha, em casa, sempre tem alguma coisa pra fazer, então a gente tá sempre...modo de dizer, uma pintura, uma reforma...

A gente não agüenta ficar em casa. Eu saio, dou a ronda, vou na casa do meu tio, passo no bar, jogo um dominó.

O real parece ser uma prisão, e os sujeitos demitidos não o são apenas de seu trabalho, mas também de si próprios, de sua condição humana, de seu ir e vir e de seu exercício reflexivo. Eles têm que encontrar uma saída e uma saída, nesse caso, não é metáfora de nada. É conseguir um punhado de reais por mês que garanta a sustentação do precário barraco onde se vive, ou da reposição de móveis que a chuva estragou, como conta um desempregado com quem conversei:

A situação de quem está empregado já está difícil. Realmente, nós sabemos que a inflação está devorando o pessoal. E quem está desempregado, pior ainda, né? Pela graça de Deus, ela continua recebendo uma parcela desse tal de renda mínima. No momento, do que nós estamos sobrevivendo é com isso. Mês que vem, agora, é a última parcela do meu seguro-desemprego, depois só Deus sabe o que vai acontecer...o dinheiro da indenização, os mil e trezentos reais, eu tive que desmanchar uma parte da nossa casa que era de madeira e, quando chovia, entrava água dentro de casa, a madeira já tava caindo, tinha uma parte inteira que praticamente já tinha caído, aí eu comprei o material e construí a parte de madeira em tijolo. Quem é dispensado, tem que pelo menos segurar um dinheiro até arrumar um outro trabalho, mas no nosso caso não foi possível, porque o barraco 'tava caindo.

Acho que quando não tiver mais dinheiro pra fazer compra, aí é que vai apertar mais a família, porque, com criança pequena pedindo coisa pra comer, não tem...por enquanto, a gente não tá nisso. Estamos sobrevivendo com o seguro-desemprego, né? Mas, agora vai ser a última parcela, aí seria pra ficar mais preocupado, desesperado, mas...tem que procurar uma forma, uma ajuda, né? Então, talvez vocês tenham condições de ajudar nesse sentido também, né?

Desgarrados da possibilidade de serem incluídos no mercado de trabalho, vêm-se solitários na luta contra um contexto que os exclui e apresentam entraves difíceis de superar. Nem sequer o sindicato é visto como uma instância de amparo para o terrível conflito de um contra todos a que se vêm reduzidos. O substrato materialista de suas vivências é trazido por eles com tanta crueza, de forma tão explícita no que diz respeito às mazelas do social, que o que emerge é algo assim como uma pornografia do estado da sociedade, que seria habitada por padrões enganadores e exploradores que tiram o sangue, funcionários desatentos e insensíveis, colegas que fazem qualquer coisa para conservar o seu lugar de trabalho, políticos interessados apenas em obter cargos políticos, radialistas que se oferecem como salvadores, mas que não passam de engabeladores, corpos que são espremidos até o bagaço. Enfim, da fala que eles enunciam pode se desprender um coletivo no qual a violência ganha uma materialização que tende a transformar o social em algo assim como uma máquina sádica que os ameaça. Não que eles não articulem situações que permitem o resgate de todo esse social como um espaço no qual e para o qual vale a pena investir. Claro que sim. Mas a desesperança ergue-se à maneira de um muro intransponível, não só para cada um deles, mas também para os seus. "De que adianta minha filha estudar?", exclama uma mãe diante dos desesperadores empenhos de sua filha, obturando assim com uma visão realista pessimista os empenhos da jovem. Pelo que podemos observar, o que eles carregam consigo de forma mais autêntica, se é que assim podemos nos expressar, é a luta contra tudo e contra todos pelo cuidado com aqueles a quem os laços familiares os atam. Parece que o melhor que eles têm para contrapor-se a esse estado de coisas vem do que Ecléa Bosi (1973) denomina de uma "moral sustentada pelo grupo primário", tão contraída, no entanto, que não parece ter existência num marco que transcenda a própria vida familiar deles, e muito menos um ancoradouro na vida social mais ampla. Do coletivo maior, o que chega para eles são frustrações que assumem a forma compactada e imperativa de frases do tipo "está demitido", "está negado", "não tem trabalho" e "não é nossa função oferecer empregos" — frases essas que suscitam sentimentos de raiva que atormentam a pessoa. Fazem "ficar sufocado" e "apavorado", "deprimido", "sem ânimo" e "sem graça de nada", subtraindo-os da roda de amigos. E com tanta dor, "que não dá vontade de sair da cama". Ou seja, o social, o lugar da sociabilidade maior, o lugar que antes oferecia, para além do trabalho, a roda de amigos e as coisas que

se deseja, agora parece ganhar um véu refratário, uma cortina que os separa e divide o mundo em dois: eles e os outros. E eles como que se desconectam, talvez porque o mundo maior, o social do qual fazem parte, apenas os frustra, ao produzir milhões de desempregados e poucos, para não dizer nenhum sinal de que, de algum modo, o destino deles é motivo de preocupação desse coletivo. O que eles não encontram de modo geral são sinais de que o drama da vida deles é levado seriamente em consideração. É como se o social também se desconectasse de seus destinos, entregando-os a si mesmos contra todos. O que não os faz soçobrar de vez é algo que advém da frágil, porém poderosa, estrutura familiar que cada um carrega. Frágil porque, sentindo o impacto de todas as transformações econômicas, são famílias em processos de profunda mutação, núcleos que devem agregar outros membros ou, ao contrário, em processos de separação; e ainda, sobre esses radicais processos de reorganização e/ou desestruturação familiar, deve-se ter presente a tendência que esses núcleos apresentam para realizar deslocamentos, seja de um bairro para outro ou de São Paulo para outros estados. Trata-se de grupos familiares que devem acolher a mãe ou o irmão distantes, ou que dependem dos parentes para obter a casa em que vivem ou o dinheiro do pão e leite de todo dia. Frágil também porque a situação do casal está sempre em questão, num clima tenso que os faz oengolir em seco as frustrações que vão se acumulando, o medo diante da incerteza, e põe em cena ter que provar uma impressionante capacidade de amar apesar de tudo. As figuras parentais também ficam em questão e, com elas, a sua autoridade diante do grupo familiar, num jogo em que ora soçobram, ora são resgatados, sem uma conclusão definida. As repercussões do drama da falta de trabalho em um dos pais são enormes na vida dos filhos, se é que podemos fazer do grupo com que conversamos um padrão para estudo. Todos os filhos, de algum modo, têm que lidar com a incerteza que a falta de trabalho dos pais suscita. E a tendência para o extravio é grande. Quase todos os que participaram de nossa pesquisa trazem um sentimento de que, se para eles está difícil arrumar emprego por causa da idade ou dos entraves advindos da própria história de trabalho, para os filhos as coisas não se apresentam mais fáceis, deixando pairar sobre todos, de algum modo, a sombra de que a maldição do desemprego, por assim dizer, possa cair também sobre os filhos. Cada membro da família tem que acolher o outro, desesperadamente. Se não o faz, é insensível. Não pode, como me disseram, o jogar na cara. E todos parecem saber do quão importante é acolher aqueles que o mundo do

trabalho abandonou. Esse é um aspecto que ganha um traço quase que moral, apesar de se sustentar sobre um sem fim de sentimentos ambíguos, fruto azedo da angústia, do medo e da incerteza. Não se pode fazer justiça na própria casa, não a justiça que o social faz. Não se pode avaliar as pessoas como o mundo administrado lá fora o faz, isto seria perder o coração. Como diz Christopher Lasch (1991), a família é uma célula protetora ou acolhedora num mundo sem coração. E é essa função protetora e acolhedora que é posta em questão diante do trauma do desemprego. Às vezes, são as intervenções dos filhos as responsáveis pela manutenção de um frágil equilíbrio entre os pais, demandando de um e de outro forças para se manterem juntos. Faz parte da esperança desesperançada que vivem a resposta positiva do núcleo familiar, principalmente em relação aos homens desempregados, que tendem a ver a si próprios sob a moldura de um amor próprio ferido profundamente. Serem acolhidos pela família ou pela companheira é tudo que lhes resta. Eles retraem-se na moral familiar, como desterrados do mundo social. E habitam o círculo familiar como refugiados que se acolhem e se abrigam, se protegem e se amparam por entre as redes do tecido familiar. Porém, sentem-se lá dentro banidos do seu lugar natural, convivendo de forma desequilibrada, como estranhos no ninho em torno dos afazeres domésticos. Verdade que tendem a adaptar-se. Mas, não é o natural. Já as mulheres parecem realizar o movimento oposto: as mazelas do mundo do trabalho favorecem o emprego do feminino, ou seja, o emprego temporário, quebra-galho, sem carteira assinada e sem maior responsabilidade por parte do empregador do que o aqui-e-agora. Lavadeiras, vendedoras ambulantes, faxineiras, empregadas domésticas, enfim, toda uma série de serviços temporários e informais oferecem-se como alternativas para o ingresso de algum provimento, tendendo a inverter-se assim, de algum modo, os papéis desempenhados pelo casal parental, transformando ela em provedora e ele em responsável pela organização doméstica. Para as mulheres, esta situação não parece ser algo novo. Elas parecem muito mais disponíveis e aptas para o papel de provedoras do que eles para serem enredados na organização da casa. Precisa de muita campanha externa para sentirem-se bons cozinheiros, guardiões dos filhos, lavadores de louça e de roupa. De algum modo, o desemprego os degrada, ao transformá-los em cuidadores da casa. Não gostam, não parece ser coisa para homem. Tornam-se moralistas, demandam um amor e uma fidelidade infinitos e observam com inveja o desempenho das mulheres fora de casa. O desemprego, para os homens, põe

em xeque a própria moral deles. Não é apenas uma violência pessoal, não é apenas uma ferida interna, mas é o próprio chão ideacional sobre o qual estão implantados que parece ecoar junto com o mundo do trabalho e tende a expulsá-los. Os acontecimentos aqui se precipitam com muito mais velocidade do que a acomodação de todo o sistema de valores ó duro e complexo como uma rocha ó sobre o qual se legitimam e a partir do qual são legitimados. O desemprego demanda deles uma abertura para um enorme re-arranjo de si, e nem sempre há disponibilidade para tanto. As mulheres, mesmo que muitas vezes mais atadas à vida familiar - e quem sabe também por isto mesmo -, tendem a realizar um processo de reorganização que leva em consideração o real ó uma vez que o mundo do trabalho muitas vezes prefere o feminino para atividades informais, sem vínculo empregatício ó e possibilita a emergência de situações concretas que dêem conta, ainda que minimamente, do cotidiano, funcionando elas como verdadeiros rebocadores que, tomando a iniciativa e a dianteira, arrastam, com o seu esforço, o pesado fardo familiar, em cujo núcleo freqüentemente esconde-se um homem magoado e ferido.

A família é o núcleo central de elaboração, o território que resta para uma reorganização da nova realidade situacional que o desemprego gerou. E constitui-se num privilégio inestimável o daqueles que podem contar com uma estrutura familiar mais tolerante e disponível para acolher toda a carga pesada que o desempregado traz pra casa, e que supera em muito a já difícil situação econômica. Pois aqui não se trata apenas da falta de dinheiro, mas da sobra de frustrações e carências que os envolve por inteiro como existentes, colocando em questão suas competências de um modo tão intenso que suspeitam de sua legitimidade para existir. E, assim, oscilam entre o sentimento de fracasso e a humilhação de viver dos favores e da boa vontade dos familiares, numa dinâmica que só a constância de um cotidiano familiar mais estável é capaz de catalisar, promovendo uma transformação que os re-afirma enquanto existentes mais plenos. Mas, apesar da família ser este insubstituível território de reorganização pessoal, não se pode pedir a ela que se transforme na totalidade do território existencial de seus membros. Talvez os idosos contraiam a sua existência à vida familiar. Porém os desempregados, que se vêem forçadamente contraídos para dentro da família, deixam em aberto pontes fundamentais para com o mundo mais amplo que a família. E a falta de conexão com a outra margem traduz-se em algo assim como veias abertas por onde escoar uma sangria identitária, um

esvair-se constante de tudo aquilo que lhes permitia reconhecer-se afirmativamente como homens. E todo o amparo familiar, quando este existe, não é suficiente para estancar essa sangria. É que a dimensão do trabalho não é essencial apenas para o ganha-pão, como deixaram claro quase todos com quem conversei. O que se come no trabalho é mais gostoso, não apenas porque está garantido um mínimo de dinheiro, mas porque, trabalhando, reafirma-se o homem. E não adianta insistir na idéia de que organizar a casa é da mesma natureza que cumprir uma função no mundo social mais amplo, cujo eixo está sempre do outro lado da porta da casa. Freud afirmava que a saúde psíquica sustenta-se sobre dois pilares: o amor e o trabalho. Mancos de um, a família não apenas desequilibra-se, como também é incapaz de clonar em seu interior a reconstituição deste pilar. Se bem que muitas vezes a coluna do amor possa passar a ser vivida como sendo o trabalho dos membros para conter as desventuras e amarguras de quem foi deixado de fora ou expelido do mundo do trabalho. De qualquer forma, trabalham os outros membros para suportar aquele que perdeu o trabalho. E o desempregado em casa será sempre um desempregado em casa, ainda que pinte paredes, arrume o telhado, lave louça, cuide dos filhos, cozinhe, etc. Nada disto substitui o mundo do trabalho. Hoje em dia, muitos autores [ver, por exemplo, Gorz (1987) e Offe (1985)] afirmam que, na contemporaneidade, o mundo do trabalho perdeu a sua centralidade na vida dos homens. Teria se dado um processo no mundo do trabalho tal que, por assim dizer, o homem estaria, em grande parte de seu tempo, dispensado da produtividade. As máquinas trabalhariam por si sós, a produção aconteceria enquanto os homens ficassem recolhidos à fruição de produtos culturais, lazer e afazeres pessoais. Verdade que está tentando se inventar um novo homem. E verdade que o homem é capaz de desdobramentos transformadores incríveis, como a história mostra. Mas, na realidade do nosso Brasil e, mais especificamente falando, na realidade das populações que lutam pela sobrevivência diária sem ter garantido nem sequer o teto, o alimento, a saúde, a vestimenta e a educação dos filhos, todo esse debate tão presente em países do primeiro mundo sobre a substituição do trabalho por outras formas de viver soa estranho. O que desesperadamente as pessoas que atendemos buscam é trabalho, porque para elas o trabalho é o lugar da própria afirmação de suas existências. Sylvia Leser de Mello mostra em *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo* - fruto de uma longa escuta de mulheres que trabalhavam como empregadas domésticas, todas elas

moradoras da Vila Helena, um bairro na periferia de São Paulo, e oriundas da mesma região rural de Minas Gerais - como o trabalho ocupava um lugar tão central que, de acordo com a autora, confundia-se com a própria vida. O trabalho, para elas, era a forma de resistir às desesperanças, de afirmar a continuidade da vida. "Porque trabalhar é mais do que sobreviver: de certo modo, é colocar as coisas no lugar, arrumar o mundo, dar ordem nas circunstâncias, que, de outra maneira, seriam devastadoras" (p. 168). E mais, para essas mulheres, trabalhar era opor-se à desesperança:

Se o trabalho é a resposta de que dispõem para enfrentar [os conflitos], é porque não se permitem mergulhar na desesperança. Elas conhecem bem demais, porque convivem diariamente com ele, o caminho que pode tomar a desesperança. Acompanharam passo a passo a destruição de seres humanos. Viram o último reduto de dignidade, o orgulho pobre e secreto de ser capaz de vencer as dificuldades, ser invadido pela bebida, pela doença mental, pela violência. (p. 187).

E nós podemos, pela nossa experiência, ampliar essas reflexões de Sylvia Leser para todo o conjunto de pessoas com quem trabalhamos, homens e mulheres. O trabalho que elas demandam reiteradamente não é apenas o meio de ingresso de um dinheiro miúdo, mas a própria afirmação da existência delas. Buscam trabalho porque se amarram à vida e só conseguem se ver fazendo parte da vida trabalhando. É mais do que um equilíbrio psíquico que aqui está em jogo. É a própria existência. É a vida que só é vida quando também se trabalha. O trabalho é o legítimo território do estreito laço que existe entre a vida psíquica e a realidade sócio-política-econômica porque, no circuito da família, o espaço de socialização contrai-se de tal maneira que essa realidade mais ampla, a dimensão sócio-política-econômica, tende a esvair-se. Trabalhando, ocupa-se um espaço que legitimamente é o lugar da sociabilidade, o nexos entre eles e a vida.

REFERÊNCIAS

- Bosi, E. *Cultura de massas e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1973.
- Castel, R. Da indigência à exclusão, à desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. *Saúde e Loucura*, n. 4, p. 21-48, 1997 (tradução brasileira

- extraída de Donzelot, Jacques. (org.) *Face à l'exclusion: le modèle Français*. Paris: Éditions Esprit-Le Seuil, 1991).
- Dejours, C. *A banalização da injustiça social*. RJ: Editora FGV, 1999.
- Feitosa dos Santos, J. B. *O avesso da maldição do Gênesis: a saga de quem não tem trabalho*. SP: Annablume, 2000.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. RJ: Imago, 1974.
- Gorz, A. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. RJ: Forense Universitária, 1987.
- Jahoda, M. *Empleo y desempleo*. Madrid: Ediciones Morata, 1987.
- Lasch, C. *Refúgio num mundo sem coração ó a família: santuário ou instituição sitiada?* RJ: Paz e Terra, 1991.
- Mandelbaum, B. *O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social*. São Paulo: IP/USP, 2004. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-12012007-162027>.
- Mello, S. L. *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. SP: Ática, 1988.
- Offe, C. Trabalho: categoria sociológica chave? Em Offe, C. *O capitalismo desorganizado*. SP: Brasiliense, 1985.

Um lugar para uma casa sem chão: escuta psicanalítica de uma família refugiada²⁵

Tânia Biazioli de Oliveira, Larissa Pretti Costa* e Belinda Mandelbaum

Introdução

Este trabalho é fruto de um projeto de extensão universitária que se destinou a atender famílias na Casa do Migrante, albergue que dá acolhida a migrantes recém chegados à cidade de São Paulo. Interessava-nos oferecer uma escuta psicológica a essas famílias, na qual o grupo familiar como um todo pudesse refletir sobre o impacto da migração em suas vidas. Através de uma metodologia de base psicanalítica de atendimento familiar breve, ou seja, em cinco encontros semanais com a família tendo como foco as vivências ligadas ao processo migratório, proporcionávamos um espaço de escuta para que os membros da família pudessem refletir sobre este momento de transição. A proposta era oferecer encontros em que a dinâmica familiar pudesse aparecer e ser pensada conjuntamente, entre os familiares e nós, em torno das dificuldades suscitadas pela migração. Nosso objetivo era compreender a maneira singular como vivenciavam esta situação. Entre as famílias atendidas, destacamos aqui uma família de refugiados colombianos.

Em seguida à apresentação e reflexão sobre os referenciais teóricos que utilizamos neste trabalho, apresentaremos uma família refugiada, para analisar os impactos do refúgio na família a partir dos encontros realizados conosco. As perdas da experiência migratória atravessaram os encontros em nossa presença, uma vez que tiveram início com a despedida da terra de origem, mas prosseguiram aqui, inclusive com a saída do albergue. Na última parte do trabalho, destacaremos algumas reflexões sobre o enquadre terapêutico com famílias como forma de escuta a migrantes recém-chegados.

²⁵ Artigo publicado na *Revista Travessia* do Centro de Estudos Migratórios, No. 60. SP, jan.- abril/2008.

Compreendendo o migrante em seu mundo próprio

O fenômeno migratório apresenta-se como um objeto complexo de estudos, que esbarra em questões que transcendem o retirante e, no entanto, o condicionam. Há aspectos da realidade social reconhecíveis por todos, que delimitam a situação do migrante. No entanto, reduzir o fenômeno migratório à realidade puramente objetiva é silenciar os aspectos subjetivos, ou seja, a maneira mais ou menos particular como cada migrante vivencia a própria migração. Nosso foco aqui será a subjetividade do migrante, visto como parte de um grupo familiar que migra. A subjetividade não se confunde com o domínio do puramente individual. Pois se arrancamos o migrante de seus mundos de pertença, perdemos de vista seu mundo próprio, compartilhado com outros homens em condições sócio-histórico-culturais específicas. A compreensão retraída ao domínio individual arrisca neutralizar também a possibilidade de mudança social. É José Moura Gonçalves Filho (1998) quem nos alerta para esta questão: ãoã há mudança efetiva de mentalidade quando a mudança de mentalidade, perdendo o mundo, desenvolve-se apenas em seu próprio registro, sem implicar engajamento e perturbação material, sem implicar ação, sem fundação de novos relacionamentos. O rosto do migrante só poderá aparecer em sua singularidade ao sofrer o impacto de habitar o mundo que lhe é próprio, modificando-o por meio de sua originalidade peculiar. Em última instância, só encontraremos o que é mais singular no homem na maneira como compartilha o mundo com os outros homens. Se reducionismos sociológicos apagam os homens do mundo ao apresentar ao mundo um mundo sem homens, reducionismos psicológicos retiram o homem do mundo, porque retira do homem seu mundo próprio. A questão migratória, ao ser totalmente absorvida pela Sociologia ou pela Psicologia, sofre perdas significativas. Não se trata de optar entre os homens ou o mundo, pois um não existe sem o outro. Ou seja, partimos da realidade subjetiva do homem para compreendê-lo em seu mundo próprio. O drama do migrante revela que o homem arrancado do mundo perde a si mesmo.

O migrante é aquele que sai de um mundo conhecido e compartilhado para um mundo desconhecido, que ele não compartilha. O drama próprio ao migrante é ser um homem com uma certa concepção de mundo, implantada em sua terra de emigração, num mundo em que ele não se reconhece, a terra de imigração. Assim, perde os dois mundos e a

si próprio, já que está no entre-mundos. Ao perder o mundo, o migrante perde a si mesmo como homem. Gonçalves Filho, no mesmo artigo, fala da vivência de “despencar” a impossibilidade de compartilhar o mundo faz “despencar” Na clínica winnicottiana²⁶, a vertigem, a angústia de cair, é freqüentemente reconhecida como o sentimento de não existir no meio dos outros, não existir para os outros ou não consentir a própria existência. O migrante já não faz parte de seu país ou de sua cidade de origem, mas continua com as concepções e valores de antes; também não se sente parte do país em que chega, já que não compartilha os novos valores. Como se o presente fosse o sem-lugar: o homem arrancado de seu mundo e de si. Esta ausência de lugar produz uma ruptura no tempo, como se o mundo da emigração tivesse ficado no passado enquanto o mundo da imigração viesse a ser alcançado no futuro. No entanto, a bagagem cultural que o migrante traz consigo é uma lente de leitura para as novas percepções: o novo percorre o caminho do antigo. É assim que o local que foi deixado para trás está aqui e o passado está no presente. Por outro lado, a ilusão de um futuro com plena adaptação do migrante no mundo da imigração é a negação do sem-lugar no presente. Como se a experiência de “despencar” fosse passar com o prolongamento da permanência do migrante no novo mundo. Abdelmalek Sayad (1998), ao tentar compreender o que é um imigrante, revela que os primeiros interessados a convencerem a si mesmos de sua condição provisória são os próprios imigrantes, como que para não confessarem seu itinerário nesta situação teoricamente provisória, porém objetivamente definitiva. É a perpetuação indefinida desta condição provisória que não pode ser enunciada. Ou, ainda, é o sem-lugar no presente que não pode ser revelado. No entanto, isto produz a separação do tempo em dois espaços que não se cruzam: o passado ficou preso à terra de origem, enquanto o futuro é a promessa da conquista do local de destino.

A família migrante albergada

Nosso trabalho foi realizado na Casa do Migrante, albergue que dá acolhida a migrantes recém-chegados à cidade de São Paulo. As famílias albergadas não têm nenhuma

²⁶ O autor refere-se aqui ao psicanalista inglês Donald Winnicott, cujas idéias sobre a importância do meio ambiente humano para o desenvolvimento psíquico foram fundamentais para a clínica psicanalítica.

rede de parentesco ou conhecidos na cidade. O cuidado da rede tradicional, constituído em suas terras de origem, foi substituído por um atendimento institucional. Em nossa experiência, pudemos observar como esta restrição das relações sociais produz a intensificação do convívio entre os membros do núcleo familiar. Isto faz a família sofrer. Sabemos que a família não tem como substituir a necessidade do mundo social para cada um de seus membros. Mas pensamos também que a família como grupo de pertinência pode dar suporte aos seus nesta fase difícil de transição. Belinda Mandelbaum (2004) vai além do impacto da miséria social na família, alertando para as diversas possibilidades de trato com a violência do real no próprio interior do núcleo familiar: ãA família pode oferecer-se como um espaço de elaboração diante da violência do real, que impeça os seus membros de sucumbir a ela. Mas, levamos em consideração também que o espaço familiar pode ser plenamente contaminado por essa violência e repetir em seu interior, em todas as situações do cotidiano familiar, a mesma violência executada em seu exteriorö.

Para a compreensão da família, propomos o cruzamento de vários olhares que perpassam o campo social e psíquico de nosso objeto de estudo. Pois focar a família apenas pela Sociologia, como sugerimos acima, é correr o risco de silenciar a implicação subjetiva de seus membros. Por outro lado, o foco pela Psicologia arrisca desconsiderar a condição social em que a família se insere. Entendemos que a família vivencia uma dada realidade objetiva, fruto de uma história sócio-cultural, a partir da interação afetiva entre seus membros. Trata-se de uma tarefa complexa não retirar da família suas determinações sociais e, ao mesmo tempo, não perder de vista as particularidades que a constituem. Para uma compreensão mais profunda da dinâmica familiar e de suas correntes afetivas, nos referimos à Psicanálise, em particular aos estudos psicanalíticos sobre o funcionamento da dinâmica familiar. Sylvia Leser de Mello (2002) diz: ãA Psicanálise chega aos sujeitos, ou seja, dá o passo seguinte que é transformar os protagonistas culturais em sujeitos únicos, psicológicos, analisando seus conflitos com a cultura e os reflexos deles que se manifestam nas transformações das relações sociaisö.

Nosso trabalho não se propôs apenas a pesquisar o impacto da migração na dinâmica familiar, mas junto com isto estruturar-se como uma oferta de escuta para as famílias. A escuta do grupo familiar deveria possibilitar a abertura de um espaço para a reflexão conjunta, entre nós e eles, das questões que emergem com a migração. Assim,

pretendíamos possibilitar uma compreensão ampliada que pudesse gestar as transformações possíveis. Uma escuta psicanalítica da família em que o método freudiano pudesse servir à investigação e à intervenção no campo psicossocial.

A família colombiana

A família que apresentamos para ilustrar nosso trabalho é composta pela mãe, Conceição, e seus três filhos, Luna, Jorge e Cristovão²⁷. Conceição aparenta ter aproximadamente 45 anos. Luna, a mais velha dos três irmãos, tem 14 anos. Jorge é o irmão do meio, com 8 anos. Cristovão tem 3 anos. Antes de emigrarem da Colômbia, a família já havia passado por mudanças sucessivas de local de moradia dentro do próprio país. O motivo das migrações foi sempre o mesmo: a fuga para garantir a vida, pois estavam sendo ameaçados de morte pela guerrilha. Por fim, a família sai sem rumo definido e acaba chegando ao Brasil.

Chegando a São Paulo, foram acolhidos pela Casa do Migrante. A família sobrevivia na cidade por meio do auxílio fornecido pela Cáritas²⁸. Conceição aguardava o reconhecimento do pedido de refúgio político junto ao Governo Federal. Os trâmites legais demorariam alguns meses, mas a entidade já prestava atendimento à família. Além do direito ao auxílio econômico de R\$ 150,00 mensais a cada um dos familiares, eles usufruíam uma série de serviços da instituição. Todos eram acompanhados por uma psicóloga em atendimento individual. A parceria da Cáritas com o SESC²⁹ abria possibilidades de lazer para a família. Além disso, na nova cidade, as crianças também frequentavam a escola: o caçula passava o dia na creche e os dois irmãos maiores cursavam o ensino fundamental.

²⁷ Os nomes foram alterados para preservar a identidade dos membros da família.

²⁸ A Cáritas Arquidiocesana de São Paulo é o organismo da Igreja Católica encarregado pelo Governo e pela ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, de acolher os refugiados na cidade, fornecendo atendimento jurídico, psicológico e social.

²⁹ O SESC, Serviço Social do Comércio, é uma instituição de caráter privado, sem fins lucrativos, mantida pelo empresariado do comércio e serviços para promover o desenvolvimento cultural dos trabalhadores, de seus familiares e da comunidade em geral.

Os encontros

Por indicação de profissionais que trabalham na Casa do Migrante ó a assistente social e o administrador -, em discussões de nosso trabalho com eles, convidamos a família de Conceição para participar de cinco encontros conosco na própria instituição.

No dia em que nos reunimos para convidá-los, apresentamo-nos, escrevemos nossos nomes e pedimos que escrevessem os seus, como primeira forma de conhecermo-nos. Conceição escreve dois nomes diferentes para cada membro da família, e pede que nós os chamemos pelos segundos nomes, inventados no Brasil. Ela não quer ter sua identidade e as de seus filhos reveladas. A família escapava da ameaça de morte em seu país de origem. Para refugiarem-se, trocaram os próprios nomes. Só assim poderiam afastar o risco de serem identificados e delatados, e fugir. A mudança espacial da migração já é uma perda de referenciais identitários. Mas o nome é aquilo que primeiramente marca o nosso lugar na sociedade. Mesmo quando tudo é modificado ao longo da vida, o nome permanece. Ele é um fio que liga todas as experiências constituintes da subjetividade. Para essa família que foge de ameaças de morte, o que há de mais próprio é modificado. São refugiados que deixam o nome e o local de origem. Como se as crianças que portavam os nomes antigos tivessem ficado na Colômbia. Como se os novos nomes ordenassem o preenchimento de um lugar social e psíquico por vir. A troca dos nomes na migração para refugiados é falsa e verdadeira a um só tempo. Falsa porque são dois nomes diferentes para uma mesma pessoa, como se fossem pessoas diferentes. A família quer fazer o mundo acreditar que eles são outros. A verdade é que eles acabam se tornando ãoutrosõ para eles mesmos. Pois ocuparão um novo lugar social no ambiente desconhecido e um novo lugar psíquico no seio da família.

No primeiro encontro, Conceição traz a Colômbia, como que se despedindo de lá. Assim, narra a história das sucessivas migrações dentro do país - o êxodo da família, motivado pela violência interna da guerrilha. A mãe decide fugir com os filhos da sombra dos mortos e desaparecidos, que assombram como uma possibilidade real para a sua família. Fala então da história da viagem para o Brasil, que começou de barco pela Amazônia. Luna desenha o barco da viagem em uma lousa da sala em que realizávamos os encontros, enquanto a mãe vai lembrando das cidades que atravessaram pelo percurso. O

desenho refaz a travessia em linhas e cores, fixando a narração da mãe. O barco tem uma bandeira do Brasil no mastro e um escrito no casco: ãmãe-adeusö. O ãadeusö deixou para trás tudo o que faz falta aqui, fazendo lembrar de lá. Vir fugido significa não ter tempo de se despedir dos conhecidos e familiares, sem saber se haverá um reencontro no futuro. Também é deixar para trás a casa, boa parte das roupas e os brinquedos das crianças, porque não dá para viajar com muita bagagem. O que não dá para fazer é levar a casa nas costas. Cristovão desenha um avião sobrevoando uma casa, e em seguida liga linhas do avião à casa. Sua casa é levada pelo avião. Tão impressionante que perguntamos: ão avião leva a casa para onde?ö. ãPra viajar!ö. ãE vai parar aonde?ö. ãVai parar aqui (apontando no desenho), porque a casa pesa muitoö. A casa de Cristovão vem junto na viagem. Ela se desgrudou do chão, foi levada pelo avião e ainda não aterrissou. A migração é o próprio movimento de mudança. E é violento porque a casa é na realidade levada de si. Esta é a violência de migrar contra a própria vontade, fugindo para garantir a vida.

A experiência desta casa de família em mudança vai aparecendo aos nossos olhos. Conceição, como mãe, conta que vai ãmalö: os filhos estão brigando muito e andam desobedientes. Cristovão quer tudo igual a Jorge, quer ser como o irmão maior por inteiro. Quando não consegue o que quer, irrita-se, grita muito, é violento. No final do primeiro encontro, Jorge desenhava um avião de guerra para si e, frente às insistências do irmão, fez um igual para ele. Um avião atacava o outro. A guerra estava armada entre os irmãos, em desenho e brincadeira. Conceição se mostra angustiada. Ela não agüenta mais, parece querer entregar os filhos. Mas se nós recebemos a carga de Conceição por meio das palavras, Luna, a filha mais velha, recebe concretamente. Porque a mãe, sobrecarregada, transfere o cuidado de Jorge e Cristovão para ela. Com a migração, Luna passou a ocupar um outro lugar na família. Como filha e irmã, ela parece eclipsada. Ou, antes, estas posições se diluíram com o preenchimento de mais uma função. Agora é também um pouco mãe: a mãe dos irmãos menores, pois a sua mãe anda transbordando e está delegando funções. Absorver este novo cargo deixa Luna nervosa com os irmãos. O conflito que ela vivencia com a mãe é estimulado pela reorganização interna ocorrida na família com a migração. Lá, na Colômbia, eles tinham empregada doméstica para cuidar da casa e da comida. Lá, eram acostumados a brincar na rua. Aqui, Conceição não os deixa sozinhos. É Luna quem está só com eles: somente com eles e sozinha com eles. Mas Conceição parece

não entender porque a filha vive discutindo com ela. Para a mãe, são as duas que devem cuidar da casa e dos meninos enquanto, de acordo com Luna, õeles só ficam com os benefícios.

Com a vinda ao Brasil, a família se enlaça em formas variadas de auxílio institucional para suprir as necessidades de moradia, alimentação, educação, assistência financeira, psicológica e jurídica. No albergue, os cuidados diários ficam institucionalizados, existindo horários para comer, para se recolher à noite ao dormitório, como também escalas para lavar a roupa e limpar os banheiros comunitários. Os espaços e horários de brincadeira foram restringidos. Brincar na rua, para as crianças, já não é uma possibilidade concreta na cidade de São Paulo. Agora, é o SESC que oferta oportunidades de lazer.

Conceição e Luna preservam e transmitem aos menores os valores colombianos. Mas, se são as únicas responsáveis por transmitir esses valores, é porque não encontraram aqui uma comunidade de destino para compartilhar esta função. A família migrante esbarra com os costumes do país de imigração, com os quais tem que se haver. Lembrando-se certa vez, por exemplo, da Parada Gay, em São Paulo, mãe e filha dizem que aquilo é libertinagem. Na Colômbia, õhomem é homem e mulher é mulher: homem namora com mulherõ. Conceição comenta: õnão quero isso para os meus filhos. Se vejo minha filha com outra mulher, prefiro vê-la mortaõ. A Parada Gay aparece como um emblema dos problemas de transmissão da cultura dos pais para os filhos, na migração. Com a chegada em um novo país, todos os membros da família se deparam com outros costumes e crenças. Como manter a cultura da Colômbia? Como os pais passam aquilo que acreditam aos seus filhos? O choque cultural faz-nos pensar que o novo mundo não é um lugar compartilhado por eles. E assim, os membros da família voltam-se uns para os outros. Por conta disto, os afetos ficam intensificados. Conceição gosta de ir ao parque e insiste no passeio em família. Contam-nos de um passeio ao parque Ibirapuera, da forma como podem estar juntos, como família. Mas as crianças brigam muito. Jorge pede a Cristóvão para bater em Luna e Luna pede a Cristóvão para bater em Jorge. Os irmãos usam a agressividade do menor para interesses próprios. Há uma carga excessiva sobre Cristóvão, que bate em todos, em nome dos outros. E assim, o convite para o passeio em família é um desastre: um chamado para a união forçada. Não dá para estar mais junto, é insuportável. Já dormem todos num mesmo

quarto. Uma família de recém-chegados anda em bloco pela cidade, com os membros grudados uns nos outros. Este efeito de ímã da família migrante é produzido pela insegurança despertada pelo ambiente desconhecido. A antiga rede de relações foi rompida. O que é seguro e certo são as relações familiares. A urgência de cada membro para tapar o buraco deixado pela perda das relações sociais inflaciona as obrigações no seio da família. Esta nova exigência emocional é difícil de ser atendida, õeles não entendem que não dá para dar maisõ, diz Conceição. Esta aproximação excessiva dos membros da família, tanto física quanto emocional, é um caldeirão prestes a explodir.

Conceição pede que a escutemos, há muito a ser despejado através das palavras. Ela pede a continência de suas angústias. Talvez da angústia da família sem chão e sem teto. Conceição suplica pela legitimação de seus ditos do mesmo modo que suplica por um quarto para sua família. Ela quer deixar a Casa do Migrante e alugar um quarto. A Casa do Migrante oferece comida e um local para dormir. No entanto, oferece um espaço apenas de transição, do qual a família não pode se apropriar. Como nos ensina Abdelmalek Sayad em seu livro *A Imigração*, o que define o imigrante é a manutenção de uma ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente. A sociedade de imigração instala o imigrante na provisoriedade, negando-lhe todo direito a uma presença permanente de fato. Assim, só o reconhece na modalidade de provisório contínuo ou na modalidade da presença não reconhecida, apenas tolerada (Sayad, 1998, p. 46). Conceição pede que sua família ultrapasse essa condição de transitoriedade. Quando pede um quarto concreto para abrigar os seus, está pedindo um lugar na sociedade. Exigindo que a escutemos, demonstra o seu desejo de ter voz. E ter voz é também ter um lugar. Porém, o imigrante õnão é apenas um *alógeno* mas, mais do que isso, um -não-nacionaløque, a este título, só pode estar excluído do campo políticoõ (Sayad, 1998, p. 57). Permanecendo num não-lugar, Conceição está amordaçada. E ela mostra a cartela de calmantes receitada pelo psiquiatra, onde acabou indo parar encaminhada pela Cáritas. É anestesiada pelo médico e também pelo albergue. Conta-nos que, na Casa do Migrante, õeles diminuem o ser humano, amputam braços e pernasõ.

Não existe a própria casa, lugar continente das subjetividades. Conceição, ao não encontrar um espaço fora, volta-se para dentro. E o interior é a própria família que, na migração, é como um corpo só. A família torna-se o único continente de seus membros, que

lembram mais almas sem voz vagando pelos locais, em um *continuum* do movimento migratório. No seio da família, Conceição transborda. Ela fala, fala aos outros, fala para nós e parece não se ouvir. Talvez seja insuportável escutar o próprio discurso. E então Conceição fala aos quatro ventos, esperando soluções. Talvez espere um reconhecimento de si e de sua condição de refugiada colombiana, a nomeação de sua experiência. Mas, mais do que isso, Conceição provavelmente grita para garantir o seu lugar. Tentando se fazer visível aos berros.

Não tendo a casa concreta, Conceição arruma uma solução. Quando chegamos para a realização do último encontro, fomos informadas de que a família havia saído da Casa do Migrante. Mais tarde, porém, voltaram para pegar suas coisas. Conceição preferiu sair a ficar em uma moradia que não é a sua casa. Preferiu ficar sem lugar a estar em um não-lugar.

Reencontramos a família na Cáritas, quando Conceição nos convidou para visitar o quarto que havia alugado. O quarto ficava nas redondezas da Casa do Migrante, permitindo a conservação da rede social de que a família passara a fazer parte, junto a outros migrantes e funcionários da instituição. As crianças também não tiveram que deixar a escola e a família continuou indo ao SESC. Ao visitá-los, em pequenos detalhes pudemos perceber a diferença subjetiva entre morar em um albergue e ter um lar. Em seu quarto, Conceição nos ofereceu pão e leite. Em seguida, mostrou-nos seu álbum de fotografias, que revelavam a história da família. Havia fotos de pessoas já falecidas e do local de moradia que fora destruído pela guerrilha. A violência da Colômbia estava posta em evidência. Mas a história familiar não parou na Colômbia, seguiu rumo junto com a viagem. A saída forçada do país de origem apareceu diante de nossos olhos. Assim, pudemos acompanhar a travessia pelos pontos turísticos de Equador e Peru até chegarem ao Brasil, pela Amazônia. Surgiram as fotos de novos amigos feitos durante o percurso e no Brasil.

Se não foi possível trazer a casa junto na viagem, como Cristóvão tanto queria, o álbum pôde ser carregado na bagagem, servindo como o fio da memória do grupo familiar, onde puderam ser pregados os momentos principais. O acolhimento de tamanhas perdas se deu por meio de um registro visual. Imagens preciosas que podem sustentar um sem número de narrativas do passado, enquanto as páginas em branco do álbum prenunciam experiências por vir. O álbum de fotografias aparece como a concretização da experiência

migratória, trazendo as memórias da terra natal, retratando o presente na terra de destino e abrindo espaço para o futuro.

Breves considerações sobre o enquadre familiar

Finalizando, gostaríamos de fazer breves considerações sobre o impacto do enquadre de nosso trabalho para os membros desta família. Luna prefere o atendimento individual da Cáritas, pois tem atritos com a mãe que não gostaria de expor em grupo. Com isto, ela indica que o atendimento em família exige uma exposição que faz pressão. Já Conceição chega a pedir um horário só para ela, pois não quer que Luna e Jorge saibam o que ela suplica em nos contar. Assim, ambas farejam a tensão que é falar para a família. Ambas tentam romper com o enquadre familiar em nome de uma escuta individual. Podemos pensar que a família colombiana tem um referencial cultural de atendimento psicológico que é individual. E a oferta da Cáritas está mais próxima da concepção que os membros desta família construíram a respeito de um serviço psicológico, do que nossa proposta de terapia familiar, ainda não apropriada por eles.

Também não podemos negar que o enquadre de nosso trabalho força a aproximação de seus membros. Sabemos que se trata de uma família migrante de recém-chegados, que está excessivamente consigo mesma. A questão é saber se este espaço serve para a família refletir sobre suas relações, podendo estar juntos de uma maneira diferente, ou se perpetua em seu formato o insuportável da união.

* Tânia Biazoli de Oliveira e Larissa Pretti Costa eram alunas da graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo no período (março de 2005 a junho de 2006) em que o projeto de Cultura e Extensão foi realizado.

REFERÊNCIAS

Gonçalves Filho, J. M. Humilhação social ó um problema político em Psicologia. São Paulo: *Revista Psicologia USP*, v.9, n.2, 1998, pp.11-67.

Mandelbaum, B. *O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, USP, 2004. www.teses.usp.br.

Mello, S. L. Família, uma incógnita familiar Em Agostinho, M. L. & Sanches, T. (orgs.)
Família: conflitos, reflexões e intervenções. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

Sayad, A. O que é um imigrante? Em *A Imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.

Crime e família: trauma, processos de elaboração e rupturas de enquadre no atendimento psicanalítico de uma família³⁰

Paula de M. Sampaio Pessoa*, Marcelo L. Agostinho** e Belinda Mandelbaum

Introdução

Na noite de 12 de maio de 2006 e na semana que se seguiu a ela, uma série de ataques atribuídos a um grupo de crime organizado, o Primeiro Comando da Capital (PCC), atingiu prédios públicos, principalmente postos e delegacias de polícia, e instituições privadas, como bancos, além de diversos ônibus em diferentes regiões da cidade de São Paulo. Esses ataques foram acompanhados por rebeliões em 73 presídios do Estado de São Paulo e por uma quantidade considerável de homicídios, que vitimaram civis, policiais e agentes penitenciários (Adorno e Salla, 2007). A violência atingiu tal envergadura que a onda de terror paralisou a maior cidade do país. Embora não faça parte do escopo deste trabalho analisar a criminalidade organizada no Estado de São Paulo, nem suas repercussões políticas e sociais, é necessário ter em vista que foi nesse contexto de violência que se deu a morte de dois membros da família cujo atendimento será narrado aqui.

A terapia familiar teve início em novembro de 2006, com a procura da avó, Maria³¹, 53 anos, por apoio psicológico ao neto, Lucas, de 4 anos. Seu filho João Henrique, pai da criança, havia sido assassinado aos 30 anos, assim como seu outro filho, Miguel, este na época com 23 anos. Depois de um primeiro atendimento de triagem na Clínica Escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Maria e o neto foram encaminhados para atendimento familiar, junto com os demais membros da família, por se entender que havia uma situação de luto que envolvia a todos. Para que se possa compreender melhor o relato, apresentamos a composição familiar, incluindo aqui todas as pessoas que se fizeram

³⁰ Este trabalho foi publicado no livro Gomes, I. C. (org.) *Clínica psicanalítica de casal e família*. SP: Santos Editora, 2009.

³¹ Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

presentes em algum momento do atendimento, que durou 5 meses (excluindo-se o mês de férias):

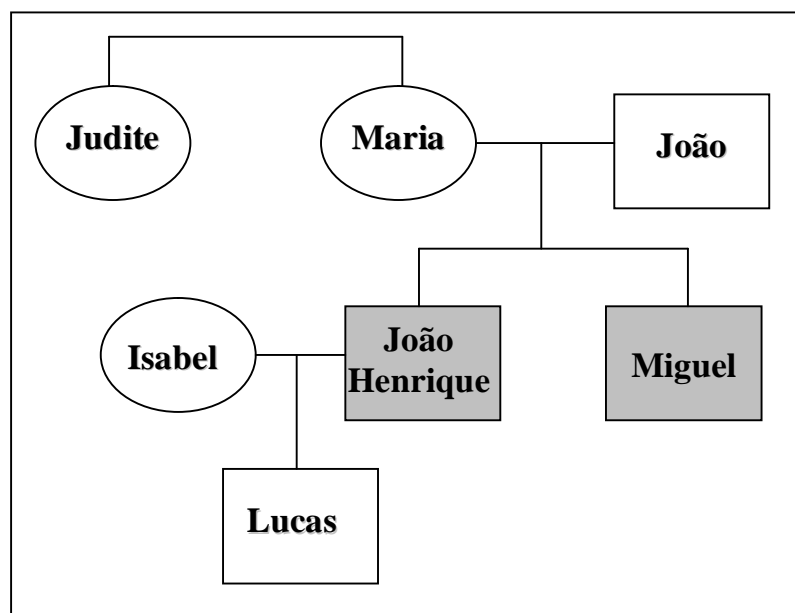


Figura 1: Composição familiar

Processo de atendimento

O atendimento transcorreu no período de abril a setembro de 2007, tendo uma interrupção durante o mês das férias de julho. Sua primeira parte é constituída de dez sessões semanais, das quais oito foram efetivamente realizadas, tendo a família faltado nas duas sessões que antecederam a última, antes da interrupção de férias. Isabel compareceu nas três primeiras sessões e João, avô de Lucas, na quarta. As presenças mais constantes foram de Maria, Lucas e Judite, irmã de Maria. Depois das férias, os atendimentos de Maria e Isabel foram realizados separadamente, em processo que será descrito no decorrer do trabalho. O atendimento foi realizado em co-terapia por um casal de alunos do 5º ano de

graduação³², com supervisão psicanalítica, dentro da disciplina *Família: abordagens psicossociais e psicanalíticas I*.

A família se apresenta: configurações

Na primeira sessão compareceram a avó, Maria, a mãe, Isabel, e a criança, Lucas. Elas relatam o que aconteceu na noite em que ocorreram os crimes. O pai e o tio de Lucas saíram com a criança para ir à padaria e, na volta, enquanto abriam o portão de casa para guardar o carro, foram assassinados a tiros, muitos deles no rosto dos dois. Lucas assistiu a tudo, no banco de trás do carro. Maria e Isabel expressam total incompreensão pelo que aconteceu. Descrevem os dois como sendo boas pessoas, com muitos amigos, conheciam e tinham amizade com todos na rua, trabalhavam honestamente. Todos moravam juntos - Isabel, João Henrique e Lucas em uma casa nos fundos do terreno, e Maria, João e Miguel na casa da frente. Segundo nos disseram, todos estavam sempre juntos e se davam muito bem, situação interrompida pelos assassinatos.

Logo depois eles mudaram de casa. Isabel foi morar com Lucas em um apartamento, sozinhos, e Maria mudou-se com o marido para uma casa nos fundos da casa de Judite. Elas tinham parado de trabalhar no dia seguinte à tragédia, cortando todos os laços que as ligavam à casa e à rua. Não sabiam a quem recorrer para pedir a punição dos culpados, tinham medo de retaliação e de envolver mais alguém. Isabel conta que João Henrique foi seu primeiro e único namorado. Para Maria, a vida perdeu o sentido. Sobre o seu marido, Maria fala que ele é o que ficou mais perdido, ficou mais quieto e começou a beber.

Ouvindo a mãe e avó falarem sobre como estavam, Lucas se agitava na carteira. Apontava continuamente os bastões de giz de cera e, quando se mexia, espalhava as aparas de giz por todas as cadeiras; ao fim da sessão, estavam todos recobertos de pedacinhos de giz, tingidos de azul em uma cena que, tendo-se em vista o assunto conversado, parecia um verdadeiro derramamento de sangue. Em sua fala, apareciam frases como *õminha mãe está loucaõ* e, mais pra frente da sessão, *õeu quero ficar loucoõ*; sobre o

³² A família foi atendida por Paula de M. Sampaio Pessoa e Paulo S. Pita.

pai, *õé meu queridoö*, sobre o que aconteceu, *õquero bater no bandidoö*. Ouvindo isso, mãe e avó diziam que essa era a maior preocupação delas, que Lucas cresça e fique violento, por isso procuraram ajuda. Em um determinado momento Lucas, ouvindo sua mãe, vira-se para ela e pergunta: *õmãe, dói no seu coração?ö*. Diante da resposta afirmativa da mãe, ele abre um enorme sorriso.

Em todas as sessões oferecemos material gráfico, e Lucas desenhava sempre acompanhado da mãe, da avó ou da tia. No terceiro encontro, ele insiste que não haja conversas entre os adultos, que todos prestem atenção no que ele faz ou que desenhem todos juntos. Um então começava o desenho e os outros completavam em seguida. Todas as vezes que se procurava conversar algo além da atividade do desenho, Lucas não deixava. Num determinado momento, ele faz o desenho de uma árvore e diz que cada um vai desenhar uma árvore. Quando chega a vez do terapeuta, este percebe que *õnão tem espaço para eu fazer minha árvore, mas vou desenhar assim mesmoö*. Sua árvore ficou menor do que as outras, porém é a única com frutos. Outro desenho é o de um cachorro que irá levar um homem para perto de uma mulher com uma criança.

Quando ocorrem conversas na sessão, Lucas não deixa que os adultos o excluam. Isso dá mote para que Isabel e Maria questionem sobre se não seria interessante que os atendimentos fossem com cada um deles em separado. Enquanto Maria se levanta para brincar com Lucas, Isabel fala para os terapeutas de um certo ressentimento por fazer o atendimento junto com a sogra. Quando a conversa é sobre a possibilidade de fazerem atendimentos individuais, Lucas se agita mais ainda.

O dilema de manter o atendimento familiar ou encaminhá-los todos para atendimentos individuais se impôs depois dessa conversa. De certo modo, fazer o luto pelo marido é diferente do luto por dois filhos ou do luto pelo pai. Eram também momentos de vida bastante diferentes, e talvez fosse o caso de permitir que Isabel e Maria, nora e sogra, pudessem também se separar. Por que insistir, então, em manter o atendimento familiar?

No material da sessão, é possível observar que o terapeuta homem havia sido expulso do desenho da árvore. As duas mulheres haviam perdido seus homens e eram principalmente essas duas mulheres que tinham que se haver com o crescimento de Lucas, com o próprio sofrimento e com a vida sem aqueles que elas apresentavam como seus

sustentáculos. Era perceptível como, na sessão, o casal de terapeutas de certo modo reproduzia o que havia acontecido. Era como se a terapeuta fosse mais convidada do que o terapeuta a compartilhar do sofrimento delas. Era à mulher a quem elas se dirigiam na maior parte das vezes e era ela quem mais falava durante as sessões. A figura masculina adulta estava sendo retirada de cena também durante nossos encontros.

No desenho do cachorro, a história que aparece é a de um animal que une pessoas, no caso, um homem e uma mulher, que estão separados. Parece representar a vontade de Lucas de que os pais voltassem a estar junto. Esse desenho, no entanto, aliado ao comportamento dele durante toda a sessão, faz pensar o quanto cabe a Lucas manter essa família unida. Vale lembrar que Isabel é jovem, agora sozinha, pode vir a ter outros relacionamentos, e que isso talvez possa significar para todos uma ruptura mais definitiva do núcleo familiar. Assim, o luto dessas pessoas, principalmente do ponto de vista de Maria, é não só o luto pelos dois rapazes, mas também pela família, que teria que se reestruturar em outros moldes.

Esse é o quadro em que começa o atendimento. Na medida em que as sessões corriam, algumas hipóteses foram levantadas sobre o funcionamento familiar, tendo por base a conceituação de Bleger a respeito de grupo e enquadre.

Todo sujeito, para Bleger, é sujeito do grupo, e sua identidade se constitui no e pelo pertencimento a um grupo social. A identidade grupal se constituiria em dois níveis - o da interação, dada pela tendência à integração, pelo desenvolvimento de uma tarefa em comum, e o nível sincrético, da indiferenciação, baseado em uma comunicação pré-verbal, em um modo de funcionamento não individualizado. O grupo seria õuma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciaçãoõ (Bleger, 1980). No caso de um grupo terapêutico, como o do atendimento dessa família, o grupo é constituído por todos, o que inclui o casal de terapeutas, e o enquadre assumiria a função psíquica de depositário dessa parte indiferenciada da identidade grupal. Bleger (1988) define enquadre na situação analítica como aquilo que permanece constante para que o processo se desenvolva em seu interior. Do enquadre fazem parte elementos técnicos, definições de tempo e espaço, papel do analista; porém, tão ou mais importante que isso, vale ressaltar, é a função psíquica que o enquadre exerce para os membros do grupo e, nesse sentido, Bleger (1988) fala de dois

enquadramentos: o que o psicanalista propõe e aquele em que, inconscientemente, o grupo projeta a parte indiferenciada de seu funcionamento psíquico. No caso deste atendimento, percebia-se ao longo das sessões que, apesar de Lucas ter presenciado tudo, a família tinha uma dificuldade muito grande em conversar com ele sobre os assassinatos, bem como de encontrar uma outra forma de se organizar como grupo. Outra hipótese que levantamos é que Lucas tinha sido colocado na função de ser a alegria do lar, de manter essa família unida e feliz. Em outras palavras, dentro do enquadre proposto pelo casal de terapeutas, existia uma tarefa explícita no grupo relacionada à elaboração do trauma, ao trabalho de luto e ao cuidado de Lucas. Essa interação explícita estava apoiada, por sua vez, num modo de funcionamento familiar que se revelava, na situação analítica, nas rupturas de enquadre que ocorreram ao longo do processo e que só puderam ser significadas posteriormente.

A primeira ruptura de enquadre acontece na segunda sessão, quando Judite sai da sala com o garoto e Isabel e Maria contam que tinham ficado sabendo quem matara os dois rapazes: um policial que morava na mesma rua que a família e que elas conheciam. Tem-se aí o rompimento do contrato terapêutico de atendimento familiar, baseado na idéia de que todos falem para todos.

A segunda ruptura é a ausência de Isabel a partir do quarto encontro. Os terapeutas são informados por Maria que Isabel, a mãe, arrumara um emprego e não poderia mais vir no horário combinado. Foram feitas algumas tentativas de mudar o horário para que ela pudesse vir após o seu horário de trabalho, mas nenhuma delas foi viável. Com a ausência de Isabel, Maria fala um pouco mais da relação entre as duas e começa a ficar claro que se estava lidando não com um único núcleo familiar, aquela família extensa do primeiro encontro, mas com dois núcleos familiares, um constituído por Maria, seu marido João e Judite, e outro de Isabel e seu filho, Lucas.

A partir daí, o grupo terapêutico se manteve sem Isabel. A manutenção do espaço terapêutico, mesmo com a ausência da mãe, mostrava-se importante e necessária devido a todas as questões relacionadas ao luto na família. Com a continuidade, Lucas pode manifestar abertamente seu sofrimento, assim como Judite e Maria.

Sofrimento sem testemunho: trauma

No quarto encontro estão presentes Maria, Lucas, Judite e, pela primeira vez, João, marido de Maria. Essa sessão se caracteriza, mais do que todas as outras, por uma franca expressão de dor e desespero. João nos fala: *õjá tenho 65 anos, não tem mais porque viver (...) a vida ficou esquisitaö*. Judite começa a contar de sua relação com os rapazes e abre um choro pungente. Com ela, de maneira mais contida, choram Maria e João. Lucas olha a todos, pergunta: *õvocê está chorando, vô?ö*, e diz: *õa tia está chorando, não quero ninguém chorando na minha cabeça, dá dor de cabeça, não pode chorarö*. A conversa nesse dia foi sobre poder chorar. Lucas olha para o avô e pergunta: *õvocê está chorando, vô?ö*. João, de cabeça baixa, responde que não. Parece-nos que Lucas se defronta pela primeira vez, em uma sessão, com a dor familiar abertamente manifesta.

Essas primeiras sessões foram de grande angústia, não só para a família, mas também para o casal de terapeutas. Estes estavam sendo chamados a testemunhar a dor de uma família que, vítima de violência extrema, havia ficado até então sem nenhum amparo ou proteção social, sem saber o que fazer com o próprio sofrimento. Uma breve incursão em algumas teorias psicanalíticas sobre o trauma e suas implicações na clínica se fizeram necessárias para a compreensão do processo em curso na família.

Em "Além do princípio do prazer" (1920) Freud, através da metáfora de uma vesícula, apresenta o que seria a gênese do aparelho psíquico e a dinâmica do trauma. A vesícula possui uma membrana que serve como escudo protetor em relação às excitações provenientes do mundo externo, de modo a preservar a sua quantidade interna de energia e suas formas próprias de transformação. Nos organismos mais complexos, os órgãos dos sentidos localizam-se logo abaixo dessa capa protetora, sendo responsáveis pela recepção de estimulações específicas e pela proteção contra excessos. Essa membrana protetora, que na analogia de Freud corresponde ao sistema consciente, receberia estímulos provenientes do exterior e também do interior. Quanto ao exterior, em condições normais a membrana seria capaz de prover proteção e a estimulação externa teria um efeito reduzido. É interessante observar que a posição desse sistema situado entre o exterior e o interior e a diversidade de condições sob as quais ele recebe influências de ambos os lados são fatores

decisivos para o seu funcionamento, bem como para todo o aparelho psíquico. (Freud, 1920, p.153). Nessa regulagem, é a energia que o sistema possui em seu interior que assume a tarefa de vincular psiquicamente as excitações proveniente do meio externo, o que permitiria posteriormente a realização do princípio do prazer, ou seja, a descarga de energia. Considerando-se esta teoria, o trauma se configuraria pela ruptura da barreira de proteção e pelo intenso afluxo de energia no aparelho psíquico - energia esta que pode ter origem tanto interna quanto externa.

O trauma é entendido, então, como um excesso pulsional em um momento em que o aparelho psíquico não está preparado para receber tão demasiada carga, ou seja, não é capaz de vincular esse excesso de energia livre, podendo ou não mobilizar e até constituir mecanismos de defesa para dar conta disto. A energia livre, não vinculada psiquicamente, geralmente manifesta-se na clínica na forma de angústia, ou então é ligada na forma de sintomas. Esta é uma concepção de trauma que repercute na clínica em duas vertentes, sendo a segunda consequência da primeira: na idéia de que o trauma pode ser um processo subjetivante, constitutivo do funcionamento psíquico, e na construção de estratégias que permitam a vinculação dessa energia livre, como por exemplo a recordação de eventos traumáticos e sua vinculação a uma nova malha de significações, diferente daquela em que estava situado o evento que ocasionou o trauma, o que permitiria a sua superação. Em outras palavras, pode-se pensar na constituição do sujeito a partir do trauma e como o tratamento analítico pode contribuir para a sua elaboração.

Em Ferenczi (1928, 1929, 1931, 1933), o mecanismo traumático e sua elaboração apresentam uma variante em relação ao pensamento freudiano, pelo fato de implicar uma dimensão social no processo do trauma. É o que ele aponta no texto "A adaptação da família à criança" (1928), no qual, ao discutir a idéia de trauma do nascimento, ele escreve:

Outros traumas reais têm efeitos mais difíceis de eliminar: não são de ordem fisiológica, mas dizem respeito ao ingresso da criança na sociedade de seus semelhantes e, quanto a isso, o instinto dos pais parece com muita frequência falhar. Quero referir-me ao trauma do desmame, do treinamento de asseio pessoal, da supressão dos "maus-hábitos" e, finalmente, o mais importante de todos, a passagem da criança à vida adulta. Esses são os traumas mais graves da infância e, quanto a eles, até

o presente momento, nem os pais em especial nem a civilização em geral foram bastante previdentes (Ferenczi, 1928, p.5).

Ferenczi desenvolve sua teoria do trauma em outros textos, como *“A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”* (1929) e *“Análises de crianças com adultos”* (1931), nos quais destaca a importância do acolhimento pelo ambiente das pulsões de morte da criança, como forma de garantir uma certa contenção de suas tendências desestruturantes. No texto *“Confusão de línguas entre adultos e crianças”* (1933), em que explicita o processo de-subjetivante do trauma, Ferenczi toma por base a sexualidade real. Segundo essa teorização, de maneira resumida, a criança sofreria um assédio por parte de um adulto de seu círculo próximo, ou um adulto por quem ela pode alimentar uma fantasia lúdica, mas que a atravessa com um transbordamento de desejo e culpa que seriam próprios de uma pessoa que já atingiu a maturidade sexual. A criança, sem recursos para lidar com esse excesso, identifica-se com o agressor, e essa confusão de línguas - a infantil, da ternura, e a do adulto, que responde com a linguagem da paixão - se instaura no espaço intrapsíquico infantil. Sedenta por significação a criança, em sua angústia, procura uma outra pessoa que lhe acolha e esse outro, por algum motivo, não reconhece sua experiência de sofrimento. Nesse sentido, mais do que o ato violento em si, o que é traumático para essa criança é a ausência de possibilidade de elaborar sua experiência, pelo fato de não encontrar um outro que seja testemunha, que lhe acolha e reconheça o que foi vivido.

O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento, ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isto, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico (Ferenczi, 1992a, p.79).

A importância do cuidado com o espaço intersubjetivo aparece também nos textos em que Ferenczi (1928b; 1928c; 1930) discute a técnica na relação analítica, ao propor o *“princípio de relaxamento”* e teorizar sobre o *tato* do analista, aquela dimensão do trabalho do terapeuta que transcende a técnica. Em outras palavras, a possibilidade de privilegiar na relação terapêutica o encontro afetivo como condição para a produção de sentido, um alerta para que o abandono traumático sofrido pelo analisando não se reproduza na experiência transferencial (Kupermann, 2004, p.128). O trauma é aqui pensado em sua

função de-subjetivante, e Ferenczi chama o terapeuta para ocupar o lugar de testemunha do trauma. Mais do que isso, ao salientar a construção simbólica e conjunta acerca do vivido, permite que pensemos a clínica como espaço de compartilhamento (Ferenczi, 1933b).

Se consideramos o dispositivo grupal, podemos pensar que o grupo pode assumir o lugar de um espaço possível para esse compartilhamento, bem como uma função análoga à membrana da vesícula proposta por Freud, de pára-excitação. A cadeia associativa grupal organiza-se por meio do discurso, tanto do grupo quanto do sujeito singular como porta-voz de conteúdos presentes no grupo e, via o trabalho psíquico da intersubjetividade, pode-se dar um movimento de suspensão e/ou a manutenção do recalque do trauma. A instauração da cadeia associativa grupal permite a elaboração da experiência traumática ao possibilitar que se traga à enunciação conteúdos que para um dado sujeito no grupo poderiam não estar disponíveis:

o vital (...) é esse relatar, em várias vozes, com vários ouvintes e para vários ouvintes; uns, vítimas da catástrofe; outros, testemunhas da catástrofe; outros, estranhos a ela. O que é importante, nesse relatar, é a diversidade e similitude de versões que são elaboradas. É necessário que o relato seja feito por um sujeito ou por um pequeno grupo de pessoas que assumem a função do *Dichter*³³: ao mesmo tempo porta-voz, historiador e poeta. O *Dichter* dirige-se aos familiares, às testemunhas e aos estranhos; à parte que é estranha no que é familiar e à parte familiar no que é estranho. Esse duplo atestado é necessário à reconstituição simultânea de um tecido psíquico, social e interdiscursivo; comum e partilhado (Kaës, 2005, p.92).

A cadeia associativa grupal, ao possibilitar a ligação entre a experiência e sua designação pela fala, permite que a excitação traumática seja representada, simbolizada e, mais ainda, permite que um novo sentido seja atribuído ao evento, a sua inscrição em um novo contexto significativo (Kaës, 2005).

Na família de que estamos tratando, depois dos assassinatos os adultos tiveram suas vidas interrompidas e foram silenciados pelo medo de sofrer qualquer retaliação, bem como para se preservarem e preservarem Lucas. Porém, no esforço de preservá-lo, a possibilidade do luto também era negada. Em vários momentos, Maria e Isabel relatam situações em que

³³ *Dichter* é um termo alemão que quer dizer oaquele que dizô.

Lucas comenta sobre os lugares em que passeava com o pai, sobre o que eles assistiram juntos, ou simplesmente momentos em que ele chora e as duas ficam sem saber como agir, buscando consolá-lo a qualquer custo. Lucas era uma criança que não podia chorar, tinha que estar permanentemente feliz, sob o risco de a família desabar caso ele se entristecesse. Essa situação se mostrava tão premente para os terapeutas que assumimos como princípio norteador, durante boa parte do atendimento, que nossa função ali seria a de testemunhar, afirmar e reconhecer o sofrimento da família para que, a partir daí, fosse possível um trabalho de luto que atentasse em especial para a função que Lucas exercia no grupo.

Logo no início do quinto encontro, Lucas pergunta se elas vão chorar, *õ não quero ninguém chorando na minha cabeça*. Maria conta que ele não queria vir. Em outro momento, Lucas novamente pergunta a Maria se ela vai chorar e ela responde: *õ mas o tio Paulo e a tia Isabel (terapeutas) não falaram na semana passada que quando a gente quer chorar, a gente pode?* Maria fala então sobre sua vida após a morte dos filhos em um tom de voz baixo, para Lucas não ouvir o palavrão: *õ minha vida está uma merda*. Fala sobre estar perdida e de morar de favor na casa da irmã. Nesse momento Lucas começa a rabiscar e ultrapassa todas as margens do papel. Passa o lápis pela pasta, pela mesa, sem nenhum limite. Quando lhe perguntamos se aquilo tudo era raiva, ele começa a fazer o contorno de alguns brinquedos que trouxe e pede que a terapeuta faça o contorno de sua mão. Depois que o contorno é feito, ele desenha uma unha comprida, *õ como a de um demônio* (todos riem), e faz unhas em todos os dedos. Isabel pergunta se é mão de quem é malvado e está bravo. Paulo pergunta a Lucas se ele está bravo daquele jeito (com as garras à mostra), e Isabel começa a fazer de preto o contorno da mão. Lucas pinta uma das unhas do desenho de vermelho e depois o resto da mão. Paulo fala sobre a mão cheia de sangue e Lucas começa a pintar ainda mais o desenho de vermelho. Isabel e Lucas pintam o desenho de preto e vermelho, falando que é a mão de quem está com muita raiva. Maria observa tudo calada e com certo estranhamento, ao ver todo aquele vermelho e preto no desenho do neto.

Nessa sessão, dois elementos chamam a atenção: Maria começa a questionar, durante o encontro, sua vida presente, e Lucas pode expressar raiva. O vermelho, o preto e

as garras pintados sobre o contorno da mão eram expressões de sentimentos que ali, durante o encontro, acreditamos que tiveram contenção.

Rupturas do enquadre e funcionamento familiar

Novas rupturas de enquadre trazem à tona alguns segredos. No sexto encontro, Maria sai da sala com Lucas para ir ao banheiro e nesse momento Judite nos revela que o filho mais velho de Maria tinha sido preso antes do assassinato, segundo ela por engano. A família entrara com um processo, conseguira libertá-lo depois de três meses, e o julgamento dos policiais acusados pela prisão seria 14 dias depois dos assassinatos. Caso fossem acusados, os policiais poderiam ser expulsos da corporação e, para ela, isso pode ter sido a causa das mortes. Uma possível reação dos envolvidos a fazia temer as conseqüências de uma denúncia. Maria volta e Judite conta que a conversa era sobre o medo dela de entrar com um processo na Corregedoria, depois de tudo o que acontecera. Ela não conta, no entanto, que falara sobre a prisão do pai de Lucas.

A saída de membros do grupo da sala pode ser entendida como uma quebra de enquadre, no sentido que Bleger (1979, 1988) lhe atribui. O enquadre assume uma função estruturante da realidade psíquica do grupo, uma função de apoio e depósito e, quando quebrado, pode revelar conteúdos que até então não eram conhecidos. Neste caso, a quebra do enquadre pôde revelar, dentro do espaço terapêutico, uma outra história, com novos elementos sobre a morte dos dois rapazes. A partir desse momento, nessa sessão e nas seguintes, Judite estabelece uma relação de cumplicidade com os terapeutas e passa a trazer à tona situações e sentimentos que Maria compartilha com ela em casa, mas que nem sempre traz à sessão.

Outros conteúdos sobre o funcionamento familiar começam a aparecer: Maria fala de seu relacionamento com Lucas, de quem ela afirma que sempre cuidou. Comenta que fica muito preocupada com ele, por ficar muito tempo na escola. Conta que ele só vai ao banheiro se estiver junto com ela, *õnem com a mãe ele vai. Eu já falei pra Isabel que ela precisa conversar na escola, a tia da escola fica junto quando ele vai ao banheiro, e ele não gosta, aí não faz cocô. Passa o dia inteirinho e não vai ao banheiro. Mas sabe o que é,*

quando o Lucas nasceu era o pai quem cuidava dele, eu e o pai, a Isabel não sabia fazer nada. Até hoje é assim, sou eu quem cuida. Diz que, depois da morte do filho, fica mais preocupada com o neto; que a família era muito unida, mas que discutia muito com o filho mais velho, não é que a gente não brigava, a gente discutia, sim, mas meia hora depois estava tudo bem. Conta também que era muito próxima do filho mais novo, a ponto de ele até o fim da vida trazer um colchão para dormir em seu quarto. Ela diz: deu sei que não é certo, com o Lucas eu não faço mais isso. Em uma das sessões, Maria havia comentado que seu relacionamento com o marido já não era bom antes da morte dos filhos e, naquele momento, eles tinham apenas uma relação de amizade e respeito mútuo. Ou seja, toda a trama de relações da avó com seus filhos, neto e marido vêm à tona, com seus componentes incestuosos e de ruptura da ordem das gerações.

Como parte dessa mesma trama, o que supúnhamos acerca da relação que Maria estabelece com Lucas e Isabel - uma espécie de rivalidade a respeito de quem é a mãe de Lucas - aparece claramente no sétimo encontro, em que Lucas, brincando com os bonecos da família, identifica todos os membros e se confunde sobre qual deles é a mãe. Quando questionamos: *Qualquer uma pode ser a mãe?*, ele diz: *É*.

No oitavo encontro esses conteúdos familiares emergem de maneira mais explícita, em uma nova ruptura de enquadre. Judite sai da sala com Lucas e, na ausência do menino, Maria fala de sua rivalidade em relação à Isabel: segundo ela, Isabel casou e teve Lucas sem saber fazer nada do serviço de casa e era Maria quem cozinhava para o filho, a nora e o neto e, muitas vezes, limpava a casa deles, pois o casal estava sempre fora, trabalhando. Maria sempre fora em parte mãe do Lucas também.

Em uma tentativa de recompor o enquadre terapêutico rompido, os terapeutas conversam com Maria sobre ela assumir esses sentimentos na frente do neto, que ele também deveria estar confuso por ter duas mães, sendo que o brinquedo da semana anterior já o revelara - qualquer uma podia ser a mãe dele. Foram todos, então, buscar Lucas fora da sala, que ressentido, não queria voltar. Com a ajuda dos bonecos, contamos a ele da conversa e do medo que a avó tinha de que ele não soubesse se ela e Isabel eram amigas ou não. Falamos sobre as brigas entre a avó e a mãe e sobre o fato de ambas cuidarem dele. Ele assente em voltar.

Essa é a última sessão antes das férias e, quando retomamos no início de agosto, reencontramos o grupo familiar composto por Judite, Maria e Lucas. Isabel, por telefone, nos cobra notícias sobre o atendimento do filho, já que ela, em função das dificuldades de se conseguir um horário em comum para todos, havia sido alijada do processo.

O convite para uma sessão conjunta, com a família reunida, foi extremamente ansiógeno tanto para Isabel quanto para Maria e ambas recusaram a proposta, numa série de telefonemas bastante difícil. Isabel deixou bem clara sua posição de que o que ela considerava importante era um atendimento entre ela, mãe, e seu filho - ela não permitiria mais que Lucas viesse com a sogra.

O enquadre de atendimento foi quebrado em dois núcleos familiares, o que revelou uma série de conteúdos bastante angustiantes, tanto para todos os membros da família como para os terapeutas. Assim, na primeira sessão com Isabel e Lucas, ela relatou histórias que até então nunca tinham vindo à tona. Conta que a família estava envolvida em roubo a bancos e atividades estranhas envolvendo carros. Maria era cúmplice dos filhos, inclusive dirigindo o carro usado nas fugas. Isabel descreveu o sogro como uma pessoa muito fraca e Maria como uma mulher de personalidade muito forte, que comandava marido e filhos. Mesmo não participando de tudo aquilo, Isabel sabia do que estava acontecendo e nunca conseguiu se contrapor. Disse que sabe que nunca assumiu de verdade a própria vida, sempre em volta do marido e da sogra, mas naquele momento ela queria se responsabilizar mais por si mesma e pelo filho. Reaproximou-se de seus pais e estava tentando reassumir sua vida e a educação de Lucas. Sentia-se ameaçada por Maria e tinha medo todas as vezes que deixava o filho com a avó - medo, inclusive, de que Maria levasse o garoto embora.

Os atendimentos em separado tiveram muitas faltas, e os terapeutas entraram em contato com Isabel, porém não com Maria, numa atuação contratransferencial provavelmente ligada a tomar partido sobre quem era a mãe de Lucas. Na conversa que se deu em seguida com Isabel, ela contou que as duas brigaram muito nesse meio tempo, entre outras coisas porque Isabel impôs um limite de tempo para as visitas de Lucas à Maria e proibiu-o de dormir na casa da avó.

Os atendimentos de Isabel tiveram como foco principal a relação dela com Lucas. No último encontro ela pede um encaminhamento para terapia individual, o que veio a

ocorrer. Quanto à Maria, quando os terapeutas entraram em contato com ela, quase um mês depois, para tentar chegar a uma espécie de mediação entre elas, ficou evidente a extrema dificuldade em dar continuidade ao atendimento por meio de sessões separadas. O encontro final com Maria assumiu um tom bastante agressivo, com ela questionando os terapeutas a respeito do atendimento que estava sendo proporcionado a Lucas e a capacidade de Isabel ser mãe. A reafirmação do distanciamento entre os dois núcleos familiares torna a sessão mais difícil ainda, até que o atendimento se encerra.

A possibilidade de olhar com um certo distanciamento o material das sessões - principalmente no que diz respeito à maneira como Maria se relacionava com os filhos, como esse modo de relação estava se repetindo com o neto e o impacto do contexto do caso sobre os alunos terapeutas - nos permite perceber como o estabelecimento de um enquadre de ruptura entre os dois núcleos familiares pôde favorecer, no caso de Maria, um certo modo de funcionamento psíquico e a constituição de um grupo terapêutico familiar em que a mãe ficou de fora, o que permitiu a Maria repetir com o neto a relação simbiótica que tinha com os filhos. No caso dos alunos terapeutas, percebe-se como a preocupação com o que seria a tarefa explícita do grupo - o trabalho do luto e a reorganização da família - favoreceu no entanto a aliança, durante um bom período do processo, com esse modo de funcionamento de Maria, que excluía a mãe. Esse é um bom exemplo, ao nosso ver, do enquadre exercendo a função psíquica de depositário de uma parte indiferenciada da identidade grupal.

* Pedagoga graduada pela Faculdade de Educação da Unicamp, psicóloga pelo Instituto de Psicologia da USP, cursando a graduação na época da realização deste trabalho.

** Psicólogo responsável pelo Serviço de Atendimento a Famílias e Casais do Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Psicanalista e Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP.

REFERÊNCIAS

- Adorno, S.; Salla, F. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. *Estudos Avançados*. São Paulo: IEA. vol. 21, n. 61, p.7-29, set./dez. 2007.
- Bleger, J. Grupo como instituição e o grupo nas instituições. Em Bleger, J. *Temas de Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- _____. Psicanálise do enquadramento psicanalítico. Em Bleger, J. *Simbiose e Ambigüidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- Ferenczi, S. (1928a [1927]) A adaptação da família à criança. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- _____. (1928b) O problema do final da análise. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- _____. (1928c) A elasticidade da técnica psicanalítica. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- _____. (1929) A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- _____. (1930) Princípio de relaxamento e neocatarse. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- _____. (1931). Análise de crianças com adultos. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- _____. (1933a).(1933). Confusão de língua entre adultos e crianças. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- _____. (1933b) Reflexões sobre o trauma. *Obras completas*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992a. vol. IV.
- Freud, S. (1920) Além do princípio do prazer. Em Freud, S. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*. vol. 2, São Paulo: Imago Editora, 2006.
- Kaës, R. *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- Kupermann, D. Por uma outra sensibilidade clínica: fale com ela, doutor! *Revista do Departamento de Psicologia*. Rio de Janeiro: UFF. vol. 11, n. 1, p.121-131, 2004.

De duas cartas de Kafka à sua irmã Elli sobre a educação de crianças³⁴

Tradução de Enrique Mandelbaum*, Belinda Mandelbaum e Eduardo Brito**

Para Elli Hermann

[Praga, outono de 1921]

...Tenho a meu favor (entre muitos outros) um grande testemunho, que cito aqui justamente porque é grande e porque acabei de lê-lo ontem, e não porque eu ouse ter a mesma opinião. Diz Swift em sua descrição da viagem de Gulliver a Lilliput (cujas instituições ele muito elogia):

Os conceitos acerca das obrigações entre pais e filhos diferem completamente dos nossos. Dado que a união de homens e mulheres funda-se na grande lei da natureza, a fim de dar continuidade e perpetuar a espécie, os lilliputianos afirmam que homens e mulheres se unem unicamente por este motivo, e que a ternura para com os filhos seria resultado do mesmo princípio natural. Por isto, eles nunca permitirão que um filho tenha qualquer obrigação em relação a seus pais pelo fato de o terem trazido ao mundo, o que, além do mais, não constituiria nenhum benefício, se considerássemos as misérias da vida humana. Nem os pais buscaram tal fim, uma vez que pensavam em coisas totalmente diferentes em seus encontros amorosos. Por estas e outras razões, eles opinam que, entre os seres humanos, é aos pais a quem menos se deve confiar a educação dos filhos.

Com isto, ele obviamente quer dizer, em total acordo com a distinção que você faz entre õpessoaö e õfilhoö, que o filho, se há de chegar a ser uma pessoa, deve ser retirado o quanto antes da animalidade, como ele (Swift) o diz, da relação puramente animal a partir da qual ganhou existência.

Você mesma reconhece que em sua hesitação há uma certa dose de egoísmo. Mas, este egoísmo não é de certo modo prejudicial a você mesma? É como se você, por exemplo, não quisesse, durante o verão, entregar os casacos de inverno ao peleteiro, por sentir que, ao recebê-

³⁴ Tradução feita a partir das versões espanhola (Brod, M. *Kafka*. Madrid: Alianza Editorial, 1982) e inglesa (Kafka, Franz. *Letters to friends, family and editors*. Nova Iorque: Schocken Books, 1977) e cotejada com o original em alemão (Kafka, Franz. *Briefe. Gesammelte Werke in Acht Bänden. Herausgegeben von Max Brod*. Fischer Taschenbuch Verlag: Frankfurt am Main, 1998. Publicada na Revista *Psicologia USP*, vol. 13, N. 2, 2002, número temático *Família*, sob minha organização.

los de volta no outono, eles te seriam intimamente estranhos, enquanto se, por causa disto, você própria os guardasse, ao chegar o outono eles te pertenceriam por inteiro, tanto íntima quanto externamente, embora comidos pelas traças. (Acredite-me que não estou falando maldosamente, de verdade que não, é apenas um exemplo que encontrei a mão) ...

É assim como vejo as suas reflexões. Eu poderia reconhecer apenas um argumento contrário aos meus, mas você não o menciona. Talvez você o tenha em mente. É este: quê valor pode ter o meu conselho a respeito da educação dos filhos dos outros, se eu mesmo nunca estive em condições de aconselhar-me sobre como ter meus próprios filhos? Este argumento é irrefutável e me atinge por inteiro mas, por melhor que seja, creio que atinge mais a mim do que a este meu conselho. Não responsabilize o meu conselho ao fato dele ter vindo de mim.

2.

...O principal em Swift não é o que você aponta (os filhos não devem ser gratos aos pais por sua existência). Na realidade, ninguém afirma isto tão ao pé da letra. O peso principal recai sobre a última sentença: *Entre todos os seres humanos, é aos pais a quem menos se deve confiar a educação dos filhos.* Com certeza, é essa a frase mais representativa no argumento dele, dito muito concisamente; por isto, tratarei de te explicá-la mais extensamente, ainda que, te repito, trate-se unicamente da opinião de Swift (que, a propósito, era pai de família). Minha própria opinião tende na mesma direção, embora não me atreva a ser tão taxativo.

Swift opina que: toda família representa em princípio somente uma organização animal, em certa medida um organismo único, um fluxo sanguíneo único. Por isto, por estar referida a si mesma, não pode sair de si, não pode criar exclusivamente a partir de si nenhum indivíduo novo, e se o tenta através de uma educação familiar, isto é uma espécie de incesto espiritual.

A família é, assim, um organismo, mas complicado e extremamente desequilibrado. Como todo organismo, também a família aspira continuamente ao equilíbrio. Na medida em que esta aspiração ao equilíbrio se dá entre pais e filhos (o equilíbrio dos pais entre si não vem ao caso), a isto se chama educação. Por que se chama assim é incompreensível, pois não tem nem vestígios de uma educação verdadeira, ou seja, do desenvolvimento sereno, desinteressado e afetuoso das aptidões de um homem em sua evolução, ou simplesmente a tolerância tranqüila a um desenvolvimento independente. Ao invés, trata-se de uma tentativa convulsiva de

equilibrar um organismo animal condenado a muitos anos de desequilíbrio; para diferenciar este organismo do indivíduo, isto é, do animal humano, podemos chamá-lo de animal familiar.

A causa da impossibilidade imediata de se alcançar um equilíbrio justo (pois só um equilíbrio justo é um verdadeiro equilíbrio, um equilíbrio estável) dentro deste animal familiar é a desigualdade das partes, ou seja, a monstruosa superioridade do casal frente aos filhos, que perdura por anos. Os pais se atribuem, durante a infância de seus filhos, o direito exclusivo de representar a família, não somente no exterior, mas também em sua organização interna espiritual. Retiram assim de seus filhos, passo a passo, o direito à personalidade própria, e podem chegar a lhes anular a capacidade de desenvolver positivamente este direito; é uma desgraça que, com o tempo, pode vir a pesar não menos sobre os pais do que sobre os filhos.

A diferença essencial entre a educação verdadeira e a educação familiar é: a primeira é uma questão humana, a segunda uma questão familiar. Todo homem tem seu lugar na humanidade ou tem, pelo menos, a possibilidade de sucumbir ao seu modo; porém, na família, confinada pelos pais, somente têm seu lugar homens totalmente determinados que respondem a exigências totalmente determinadas e, mais ainda, aos termos ditados pelos pais. Se não respondem a estes imperativos, não são expulsos o que seria muito bom, mas é impossível, pois sabemos que se trata de um organismo -, mas são amaldiçoados ou destruídos, ou ambos ao mesmo tempo. Esta destruição não é corporal, como na mitologia grega (Cronos devorava os seus filhos, é o mais temido dos pais), mas talvez Cronos preferisse esse método aos habituais de então movido precisamente por piedade aos seus filhos.

O egoísmo - autêntico sentimento paterno - não conhece limites. Mesmo o maior amor dos pais é, em relação à educação, mais egoísta que o menor dos amores do educador pago. Não é possível de outra forma. Os pais não são livres diante de seus filhos como sim o é um adulto diante de uma criança, porque se trata, no primeiro caso, de laços de sangue, do próprio sangue. Há, além disso, outra grave complicação: o sangue de cada um dos pais. Se o pai (e o mesmo se dá com a mãe) educa, ele encontra no filho coisas que já odiou em si mesmo e não pôde dominar, mas que agora espera seguramente dominar, já que a débil criança parece estar mais em seu poder do que ele próprio. E é assim que ataca com furor cego, sem aguardar o desenvolvimento, o homem em evolução, a fim de extirpar o elemento nocivo. Ou reconhece com susto que, por exemplo, algum traço que ele considera de destaque seu e que, portanto (portanto!), não deveria faltar na família (na família!), falta na criança, e põe-se a martelá-lo

nela; o consegue mas ao mesmo tempo malogra porque, além disso, martela a criança. Outro exemplo: encontra no filho traços que amou em sua mulher, mas que ele odeia na criança (a quem ele confunde continuamente consigo próprio; todos os pais o fazem); assim, pode-se amar muito os olhos azuis claros da própria esposa e sentir a maior repugnância em ter, de repente, ele próprio esses olhos. Outro exemplo: encontra no filho traços que ama em si mesmo ou que anseia ter e considera necessários à família. Neste caso, todos os outros traços do filho lhe são indiferentes, só vê nele o que é amado, atrela-se ao amado, humilha-se à posição de seu escravo, ele o destrói por amor.

Tais são os dois meios educativos nascidos do egoísmo dos pais: a tirania e a escravidão, em todas as suas gradações. A tirania pode expressar-se de uma maneira muito suave (õVocê deve acreditar-me, porque sou sua mãeö) e a escravidão adotar uma forma muito orgulhosa (õVocê é meu filho, por isto, farei de você um salvador para mimö); porém, ambos são meios de educação terríveis, são meios de *antieducação*; só servem para esmagar a criança contra o solo de onde veio.

Os pais sentem por seus filhos um amor animal, irracional, que continuamente se confunde com a criança. Ao invés, o educador presta atenção à criança e isto é, num sentido educativo, incomparavelmente melhor, ainda que não intervenha amor algum. Repito: num sentido educativo. Pois qualificar o amor dos pais de animal e irracional não é em si uma subestimação; o amor dos pais é um mistério tão impenetrável quanto o amor racional e fecundo do educador; e, tratando-se apenas do sentido educativo é que esta subestimação nunca é suficientemente grande.

Quando N diz que ela é como uma galinha, tem toda razão. No fundo, toda mãe o é e, para a que não é, cabem duas possibilidades: ou é uma deusa ou um animal aparentemente doente. Mas, ocorre que a galinha N não quer ter pintinhos, mas seres humanos; por isto, não deve educá-los sozinha.

Repito: Swift não pretende denegrir o amor dos pais; chega a considerá-lo, sob certas circunstâncias, o bastante forte para proteger os filhos justamente desse mesmo amor dos pais. Uma mãe que, numa poesia qualquer, resgata seu filho das garras de um leão, poderia defender seu filho de suas próprias mãos? E o faria sem recompensa, ou o que é mais certo, sem a possibilidade de uma recompensa? Em um outro livro escolar de poesias que você certamente conhece, consta que um peregrino, após muitos anos, regressa à sua aldeia natal e ninguém o

reconhece, a não ser sua mãe: Mas o olho materno o reconheceu. Este é o verdadeiro milagre do amor materno, e há aqui expressa uma grande sabedoria. Mas, somente pela metade, pois falta agregar que, se o filho tivesse permanecido em casa, ela não o teria reconhecido jamais, que permanecer sentada cotidianamente junto ao filho teria feito com que este se lhe tornasse completamente desconhecido e que, então, teria ocorrido o contrário do que diz a poesia, isto é, qualquer um o teria reconhecido melhor do que ela. (Claro que, neste caso, ela não teria que reconhecê-lo, já que ele não teria nunca regressado a ela.) Talvez você diga que o peregrino foi-se pelo mundo após ter completado onze anos, mas eu sei com toda certeza que ainda faltavam alguns meses para que completasse dez³⁵. Ou, dito de outro modo, não se tratava de uma mãe que avidamente quisesse tomar para si a responsabilidade e as alegrias e, o que talvez seja ainda pior, quisesse compartilhar as dores (não se deve possuir nada por inteiro!); não se tratava de uma mãe que tomasse para si a responsabilidade de ser salva pelo filho e que tinha, portanto, confiança nele (a desconfiança é própria dos habitantes de Praga; além do mais, tanto a confiança como a desconfiança acarretam riscos por igual, mas, além disso, a desconfiança em si própria é um risco) e, por isso mesmo, tivesse sido salva pelo retorno de seu filho à casa. (Contudo, talvez desde o início o seu perigo não tenha sido tão grande, já que não se tratava de uma mulher judia de Praga, mas de uma católica devota de Estíria.)

O que resta fazer, então? Segundo Swift, há que separar os filhos de seus pais, isto é, o equilíbrio que necessita o animal familiar deve ser alcançado inicialmente de forma provisória; ao afastar os filhos, adia-se por um tempo o equilíbrio definitivo, até que então os filhos, já independentes de seus pais, lhes sejam equivalentes em força corporal e espiritual e tenha chegado assim a época do equilíbrio verdadeiro e amoroso, ou seja, aquilo que você chama salvação e outros chamam gratidão dos filhos e o encontram tão raras vezes.

Por outro lado, Swift sabe marcar os limites e não considera absolutamente necessário separar os filhos da gente pobre. Pois no caso da gente pobre, o mundo e a vida do trabalho penetram de certo modo irremediavelmente em seus casebres (como, por exemplo, no nascimento de Cristo, em cujo estábulo exposto às intempéries estava presente todo o mundo, os pastores e os Reis do Oriente); nos casebres dos pobres, o mundo impede que penetre o ar denso, envenenado e destruidor de crianças que vicia as residências familiares belamente instaladas.

³⁵ Kafka refere-se aqui ao filho da destinatária da carta, que não havia ainda completado dez anos.

Tampouco nega Swift que, sob certas circunstâncias, os pais possam formar uma excelente unidade educativa, mas apenas para crianças alheias. Esta é, mais ou menos, minha interpretação da passagem de Swift.

* Psicanalista, doutor pelo Centro de Estudos Judaicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, autor do livro *Franz Kafka: um judaísmo na ponte do impossível*. SP: Ed. Perspectiva, 2003.

** Doutor em Literatura Alemã pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, com a tese *Violência e literatura na obra de Franz Kafka*.

A família de Kafka ou da educação de crianças no interior de um organismo animal³⁶

Enrique Mandelbaum e Belinda Mandelbaum

No outono de 1921, Kafka envia duas cartas para a sua irmã Elli Herrmann, nas quais, dentre outros assuntos, aborda a questão da educação dos filhos. Quando Max Brod copiou os trechos acima expostos a partir das cartas que estavam em posse da irmã de Kafka, ele omitiu passagens que considerou menos importantes. Após a 2^a. guerra mundial, Brod quis restaurar as cartas por inteiro, mas descobriu que os originais haviam desaparecido. Tudo o que nos restou são essas incríveis passagens, fragmentos de um todo maior que, ao serem retirados por Brod das cartas de que eram partes constitutivas, tiveram o mérito de sobreviver à destruição nazista, que consumiu milhões de homens e seus objetos pessoais.

A idéia de que se deva extrair os filhos de seu núcleo familiar para promover a sua educação não é nova e tampouco é o essencial do que Kafka insinua nesses fragmentos. Montaigne, no final do séc. XVI, no capítulo XXVI do Primeiro Livro de seus *Ensaio, Da Educação das Crianças*, já assinalava que o quem quiser fazer do menino um homem deve levar em consideração que a presença dos pais é nociva à autoridade do preceptor, a qual deve ser soberana (p. 83).

A família sempre foi o lugar privilegiado para o acolhimento das crianças em seus primeiros dias e anos de vida. Mas, é bastante arraigada também a desconfiança de que a família seja capaz de percorrer com eficácia todo o caminho que leva, do menino e da menina, ao homem e à mulher. O familiar é o suporte sobre o qual a história cultural dos homens se constrói. Mas, quem quiser participar ativamente dessa história, deve ser capaz de atravessar a insidiosa membrana familiar e tornar-se parte do espaço público, lugar legítimo da construção humana, incluindo nesta a própria constituição de um novo núcleo familiar.

Em princípio, como sugerimos, parece que é sobre a educação das crianças que Kafka está pensando ao escrever essas cartas. E, num primeiro nível, assim o é. Mas, a força da argumentação de Kafka não está na idéia de que os filhos devem ser educados pelo mundo e não pela família. Isto, como também acabamos de sugerir, é de há muito quase que um lugar-

³⁶ Texto publicado na Revista *Psicologia USP*, v. 13, N. 2, 2002.

comum entre os homens. O estranhamento que o texto suscita em nós advém dele reivindicar à família o seu estatuto de organismo animal. Dentro da família, o humano penetra na sua dimensão animal. A idéia é assombrosa e vai na contra-mão de todas aquelas teses que atribuem à família o lugar privilegiado de construção do humano. E o terrível da argumentação de Kafka é que o contexto familiar também não é o lugar de atuação de singularidades humanas isoladas que pudessem dar fruição à sua animalidade. Não se trata de adultos e crianças atuando com autonomia, uns em relação aos outros. Todos são partes de um organismo e, portanto, partes de um sistema a cujo equilíbrio estão submetidos ó um sistema no qual as partes constitutivas essenciais, pais e filhos, assumem atribuições em nada equilibradas. Aos pais, cabe tudo, aos filhos, quando muito, sucumbir. E não da maneira como o fariam no seio da sociedade, mas sucumbem amaldiçoados ou destruídos se não assumirem a determinação de responder ãa exigências totalmente determinadas e, mais ainda, aos termos ditados pelos pais.

O que Kafka está explicitando é uma compreensão bem pessoal sobre a dinâmica das relações em família, tentando trazer à cena as forças que mobilizam essa dinâmica e que certamente, se de fato operarem com a eficácia que Kafka lhes atribui, tornam imperiosa uma intervenção do mundo para, nas crianças, sustentar viva a potencialidade de virem a se transformar em sujeitos sociais plenamente constituídos. Kafka, por assim dizer, explicita a mecânica do organismo familiar, investigando os movimentos promovidos entre pais e filhos e as forças que produzem esses movimentos. E, assim, aqui o vemos transformado num psicanalista. Porque sua investigação o leva a ter que lidar com o intercâmbio afetivo que se dá entre as partes, deixando surgir a estrutura que tal intercâmbio promove e dentro da qual cada um dos implicados é dinamizado.

Kafka compreende o que ele denominou de organismo familiar como um sistema, um conjunto de elementos em relação que se coordenam e funcionam como uma estrutura organizada. O que faz esse sistema ser um organismo é que a coordenação de todos os seus elementos realiza-se através de um meio comum. Diz Kafka: ãos pais não são livres diante de seus filhos como sim o é um adulto diante de uma criança, porque se trata, no primeiro caso, de laços de sangue, do próprio sangue. Kafka opera na materialidade da metáfora do organismo familiar, como se este fosse um sistema que, à maneira de um organismo animal, de um corpo biológico complexo, tivesse, em torno dos órgãos que o compõem, um fluxo de irrigação sangüínea que mantivesse esse conjunto de órgãos intimamente relacionados entre si. ãÉ

sangue do meu sangue é o que um membro pode dizer ao outro dentro desse organismo familiar, se bem que Kafka não esqueça do problema da õgrave complicação: o sangue de cada um dos pais. Ao operar com tanta maestria no interior da metáfora do organismo, Kafka mantém-se nesses textos como o grande escritor que é. Ou seja, é no interior de sua atividade de escritor que Kafka se apresenta, através desses fragmentos, como um arguto psicanalista, explicitando o feixe de poderosas forças emocionais responsáveis pela configuração de um estado de coisas entre pais e filhos que é violento em sua essência.

Parece-nos interessante destacar as fontes de onde Kafka extrai o material com o qual a sua escrita opera. Em primeiro lugar, está a destinatária das cartas, sua irmã, sangue do seu sangue e, portanto, alguém a quem pode narrar de forma sublimada uma experiência familiar pessoal, como que sob o mote õvocê bem sabe do que eu estou falando. Ou seja, sob toda a abstração que a carta tem, falando de pais e filhos de uma maneira tão generalizada que atinge o mítico pai Cronos que, na *Teogonia* de Hesíodo, devora os filhos³⁷, parece estar-se comunicando à destinatária uma reflexão sobre a vida em família dos Kafka, a situação kafkiana por excelência. Bem sabe Kafka e bem sabe a sua irmã o quanto as inclinações para a escrita e seu modo de ser em nenhum momento ganharam do pai qualquer reconhecimento, a não ser o furor, um furor que, para Kafka, sempre beirou a repugnância por aquela criança, depois adulto, que teimava ou não podia configurar-se à forma de ser que o senhor Hermann Kafka acreditava ser a legítima para a vida em sociedade³⁸. Diante dessa almejada forma de ser, o pai se comportava como um zeloso funcionário que dá tudo de si para fazer bem feito mas que, por obstinação do filho, deve arcar com um fracasso difícil de explicar para o mundo: um filho já adulto solteiro e dado a esquisitices tão exóticas quanto a de ser escritor. Vale a pena salientar de passagem que a sensibilidade de Kafka para o impacto da conflituosa dinâmica dele em seu seio familiar era tão grande que não erraríamos muito se afirmássemos que grande parte da maravilhosa e perturbadora obra ficcional de Kafka emerge, dentre outras matrizes, de uma

³⁷ õEngolia-os o grande Cronos tão logo cada um do ventre sagrado da mãe descia aos joelhos, tramando-o para que outro dos magníficos Uranidas não tivesse entre os imortais a honra do rei. O mesmo Cronos que, na condição de filho, ceifa o pênis do pai Céu no instante do gozo, quando este se envolvia em amor ao redor da Terra. Da branca espuma que aquela carne ejaculava, gera-se Citera, a circunfluída Chipre e Afrodite. Eros e Desejo também tiveram origem a partir desse ato de violência original: um acerto de contas entre o filho e o pai (Hesíodo, 1981).

³⁸ Sugerimos a leitura da *Carta ao pai* (1986), uma série de reflexões pessoais de Kafka sobre o seu relacionamento com o pai e que visavam como destinatário o próprio pai, mas que ele optou por entregar à mãe. Nessa carta, avolumam-se argumentos para explicitar a pressão violenta e equivocada que um pai pode exercer sobre um filho.

análise pessoal de sua vida em família. Mais do que espaços públicos, a obra de Kafka é ocupada por cenas familiares, em cujo interior a morte ronda à espreita, seja na forma de um veredicto promulgado pelo pai, em *O Veredicto*, ou como o triste resultado de uma transformação inesperada, em *A Metamorfose*. Definitivamente, em Kafka, a família não é o lugar de promoção da compreensão e do entendimento. Verdade que, no para além da família, no exílio de *América*, na vida urbana de *O Processo* ou na aldeia de *O Castelo*, as coisas não são mais fáceis. Mas, para Kafka, os espaços públicos são os lugares por excelência de busca, de uma busca difícil de ser bem sucedida porque o familiar lança as suas sombras para o coletivo. E, como em Kafka o poder e a violência autoritária materializam-se, antes de mais nada, em figuras tão concretas quanto a de um pai, o social, por assim dizer, emerge contaminado de toda essa desconfiança e poder de destruição que a incomunicabilidade é capaz de suscitar. Mapeia-se a dinâmica do poder do particular para o geral. Em Kafka, a família não é um instrumento através do qual uma determinada ideologia social põe-se em funcionamento. Kafka parece inverter esse modo de compreender as coisas. Em seus escritos, a família é núcleo originário de um modo de relação entre pais e filhos que conduz à alienação ou à solidão. Em Kafka, forças muito violentas atuam no interior da família, originariamente ó uma violência que ele parece recuperar de textos tão fundantes quanto a Bíblia ou a Teogonia de Hesíodo. De fato, em ambos esses textos fundantes de uma situação originária do homem, mito-poético um ó a Bíblia ó e mítico o outro ó a Teogonia -, o humano emerge de um núcleo familiar no qual dinamiza-se também a violência. Violência que já vimos na *Teogonia* e que, na Bíblia, emerge de uma forma tão explícita que poderíamos resumir todo o *Livro do Gênesis* a uma luta sem tréguas entre irmãos. E se é para lembrar da violência entre pais e filhos, a passagem do sacrifício de Isaac pelo pai Abraão é insuperável. Aqui, o pai ergue uma faca diante do filho porque assim o exige a sua crença e porque é assim que as coisas entre os homens devem se dar. Deste ponto de vista, ser filho é ser sujeito de uma ação profundamente violenta, porque o novo ser que vem ao mundo deve, antes de mais nada, inserir-se numa história que o antecede. E o processo de incorporação, por um meio sócio-cultural e afetivo, de uma criança, é violento, porque incide no âmago da constituição desse sujeito. Verdade que as coisas não podem ser de outro modo. Mas, a mera atribuição de um nome a um bebê é um sinal demarcatório de propriedade, através do qual o sangue dos pais, para trabalhar no interior da metáfora kafkiana, encontra um novo meio para a expansão de sua corrente.

Kafka é, dos escritores do início do séc. XX, com certeza um dos principais a obrigar-nos a levantar suspeitas sobre todo e qualquer processo civilizatório. Talvez possamos traçar toda uma linha de afinidades das principais elaborações teóricas do séc. XX ó que se caracterizam por manter uma atitude de suspeita diante das instituições responsáveis pela construção do humano, sejam estas o Estado, hospitais psiquiátricos, escolas, etc. ó com Kafka, que, ao explicitar o modo de funcionar da família, violento em sua essência, levou a figura do pai e sua autoridade às alçadas de um tribunal, arranhando assim o autoritário poder que, originariamente, parecia lhe ser de legítima propriedade. Os pais, depois de Kafka, devem se explicar. E, diante dos filhos, por amor a eles (e melhor ainda se for só por respeito pelas almas humanas), devem se sentir pisando em ovos. Esta é, talvez, uma das idéias mais originais do séc. XX. E Kafka ajudou a consolidá-la. Todo o poder advém da figura paterna, mas este, no fundo, não passa de um esmerado funcionário de uma maquinaria ideológica que o atravessa e o aprisiona.

A segunda fonte de onde Kafka retira os elementos de sua reflexão nessas cartas é o texto escrito por Swift no início do séc. XVIII, *Viagens de Gulliver*, especificamente o cap. VI desse livro, ãDos habitantes de Lilliput; do seu saber, das suas leis e costumes, da sua maneira de educar os filhos. A maneira de viver do autor nesse país. A sua defesa de uma grande damaõ. Swift, nesse livro, através do relato fictício de uma viagem a terras desconhecidas, cria um espaço textual que funciona à maneira de um espelho ao mesmo tempo irônico e alegórico, no qual emergem com destaque os traços característicos da sociedade de onde o viajante partiu. Essa descrição de usos e costumes de povos em territórios exóticos serve para explicitar o caráter especular crítico que o texto pode ter em relação ao contexto em que se insere. Cada texto é um território novo, como o são as paragens onde Gulliver aporta. Mas, a exploração desse terreno possibilita a emergência de uma visão renovada do lugar de onde se parte, do contexto em que realizamos a leitura. Pelo menos, é assim que Kafka lê Swift, e encontra nele os argumentos necessários para dizer à sua irmã que o melhor lugar para a educação de seu sobrinho não é o seio familiar, mas o mundo.

Literatura e experiência pessoal são os materiais com os quais Kafka opera para desvendar uma mecânica de forças atuantes na família que nós poderíamos nomear de mecânica kafkiana. Se Newton, através de sua mecânica, permitiu-nos observar e controlar as

forças que atuam nos movimentos dos corpos, a mecânica kafkiana, tal como explicitada nesses fragmentos, permite-nos observar aspectos essenciais da dinâmica entre pais e filhos.

REFERÊNCIAS

Brod, M. *Kafka*. Madrid, Espanha: Alianza Emecé, 1982.

Hesíodo. *Teogonia: A origem dos desuses* (J. Torrano, estudo e trad.). São Paulo: Iluminura, 1981.

Kafka, F. *Letters to friends, family and editors*. New York: Schocken Books, 1977.

_____ *América* (D. J. Vogelmann, trad.). Madrid, Espanha: Alianza, 1982.

_____ *Carta ao pai* (M. Carone, trad.). São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____ *O veredicto / Na colônia penal* (M. Carone, trad.). São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____ *O castelo* (M. Carone, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____ *A metamorfose* (M. Carone, trad.). São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____ *O processo* (M. Carone, trad.). São Paulo: Brasiliense, 2000.

Mandelbaum, E. *Franz Kafka: Um judaísmo na ponte do impossível*. SP: Perspectiva, 2003.

Montaigne, M. *Ensaaios* (S. P. Milliet, trad.). São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Swift, J. *Viagens de Gulliver* (O. M. Cajado, trad.). Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Algumas letras sobre família, lentilhas e aftas³⁹

Lembro-me do prato servido no almoço, na casa de meus avós maternos, no dia em que meus pais se separaram. Eram lentilhas que, ainda que não tivessem perdido seu aspecto de grãos separados, com contornos definidos, compunham no conjunto do prato, em cima do arroz, uma massa cinzenta de difícil digestão. Durante muito tempo depois eu não gostei de comer lentilhas. Eu tinha então seis anos e, depois do almoço, minha mãe ocupou-se de preparar a mim e à minha irmã para ir à escola. Subi o primeiro lance da grande escadaria que me levava à classe lidando em silêncio com o impacto do que era para mim um triste acontecimento em nossa família, mas o mandato materno parecia ser o de que a vida seguisse o seu curso normal ó almoço, escola -, sem que nada fosse dito. Ela não se sentou comigo e com minha irmã para falar sobre a sua decisão. Talvez no fundo não soubesse como. Tampouco a comunicou a meu pai, escapando conosco da casa em que vivíamos pela manhã, logo após ele sair para o trabalho. Na escapada, eu parei na soleira da porta, expressando no último momento a minha hesitação entre ir com ela ou ficar com ele. Vendo-me ali parada, recordo que minha mãe perguntou se eu queria ir ou ficar. Acho que a pergunta soou-me pró-forma, porque eu avaliava ó acho que com alguma razão ó que não poderia ficar longe dos cuidados dela. Algum tempo depois, morando na casa de meus avós, minha boca encheu-se de aftas por alguns dias, e doía-me então qualquer coisa que eu pusesse na boca.

Estas lembranças da infância ó as lentilhas talvez como anti-*madeleines* proustianas e as aftas ó contêm, ao meu ver, alguns ingredientes centrais do que desejo tratar aqui na tentativa de articular conhecimentos advindos do campo de estudos da Psicossomática, particularmente aqueles desenvolvidos a partir da Psicanálise, com os estudos psicanalíticos e sistêmicos sobre famílias. O desejo de tratar aqui dessas coisas, articulando vida pessoal, Psicanálise e estudos de família, é parte ainda da digestão, um lento processo que toma uma vida, da qual realizar este artigo, transformando lentilhas em letras, é parte, no empenho de interromper o curto-circuito no qual o que não pode ser dito irrompe no corpo, na materialidade incômoda das aftas.

³⁹ Texto publicado no livro *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*, organizado por Rubens M. Volich, Flávio C. Ferraz e Wagner Ranña, SP: Casa do Psicólogo, 2008. Posteriormente, uma versão modificada foi aceita para publicação na revista *Psychoanalysis, culture and society*, Londres: Palgrave, no prelo.

O acontecimento familiar ó a separação de meus pais ó desenrolou-se como um drama que transformou o destino das relações familiares no plano intersubjetivo ó que diz respeito à dinâmica das interações entre os envolvidos (pais, filhas e avós) -, compondo naquele momento uma massa cinzenta de fatos materiais e imateriais de difícil discriminação. Afinal, na separação, lugares e funções ficam em suspenso e os membros da família podem perder contornos pessoais definidos anteriormente, alocados que são para preencher o lugar daquele que agora está distante, ou para desempenhar outras funções, em novos lugares. A quem se destinam agora as funções do pai, quem é o casal, quem cuida de quem? Muda a geografia da habitação e com ela as formas e tipos de deslocamentos, os lugares para dormir e comer, para guardar as coisas, os espaços individuais e coletivos, a serem consciente e inconscientemente distribuídos. Além do que, as próprias concepções que foram construídas no decorrer do tempo e as leituras sobre cada um dos membros são confrontadas violentamente por um fato da realidade que coloca em questão, estremecendo, todo esse amálgama de concepções.

Em minha mente ó no que podemos chamar de plano intrasubjetivo ó, creio que não estaria longe do que me lembro que me habitava se dissesse que lá havia também uma massa cinzenta de sentimentos de difícil digestão. Para poder lidar com ela, penso hoje que eu dependia de palavras que talvez sozinha não podia pensar, e no grupo familiar não se criou o espaço para poder dizê-las. Joyce McDougall (1991) afirma ter encontrado, na anamnese de pacientes psicossomáticos, ãum discurso familiar que preconiza um ideal de inafetividade e condena qualquer experiência imaginativaö. Robert Young, em seu texto *Mental space and group relations* (1995), debruça-se sobre as condições psíquicas do grupo, qualquer que seja ele, que permitem ou inibem o desenvolvimento de um espaço mental para fantasiar, imaginar, pensar e criar. Apoiado nas concepções kleinianas sobre o funcionamento mental, ele propõe que uma das funções principais dos grupos é proteger os seus membros de ansiedades sentidas como aniquiladoras para a vida mental de cada um deles. Particularmente em situações ameaçadoras ó como era seguramente o caso do que estou contando aqui -, o grupo organiza-se inconscientemente no sentido de proteger os seus membros do contato com a ansiedade e a dor mental. Constituem-se arranjos grupais defensivos, que envolvem a distribuição, entre os membros do grupo, de lugares e funções psíquicas bem determinados, que tendem a se cristalizar ao longo do tempo, justamente

porque colocá-los em questão é proibido, dada a ameaça que isto representa para o grupo. Não só a separação de meus pais já era uma forma de separar o bem do mal, evitando o trato com a complexidade dos conflitos que então faziam parte da vida em família, como o próprio silenciamento e o mandato de que tudo continuasse a seguir a rotina normal faziam parte do arranjo defensivo em minha família. Evidente que este arranjo, se por um lado visava evitar o contato de todos com a dor, por outro impediu que toda a vida mental em torno do ocorrido ó as fantasias, as dúvidas, as ansiedades, mas também as possibilidades de pensar e crescer com a experiência ó pudesse desdobrar-se. Um resultado importante foi que cada um de nós teve que buscar espaços fora da família, ao longo da vida, para poder falar e pensar a história familiar com maior liberdade. No meu caso, as relações familiares e pessoais que vim a constituir, as análises que fiz e o interesse apaixonado pelo campo da Psicanálise, particularmente dos estudos de família, constituem ainda hoje espaços de elaboração, que seguem seu curso.

Sigamos então pelas reflexões que consigo fazer hoje do acontecimento em minha família. Tendo como referência a leitura de Berenstein e Puget (1993), estou aqui propondo que este acontecimento - a separação de meus pais e seus desdobramentos - seja compreendido a partir de três dimensões diferentes e articuladas entre si: a dimensão intrasubjetiva, que diz respeito às relações do próprio ego com os objetos internos e destes entre si, no mundo interno de cada um. O palco pode ser uma boa metáfora para que visualizemos este mundo interno no qual objetos e ego estão continuamente interagindo. A cada momento, diferentes cenas são iluminadas e vêm ao primeiro plano, enquanto outras permanecem na penumbra, e desde ali continuam a organizar a cena toda. A Psicanálise, desde o seu início com Freud, procurou descrever as origens e vicissitudes destas relações, dos dramas que se desenrolam na mente ó e/ou no corpo - de cada um de nós. Porque, afinal de contas, a nossa psique é corpo tanto quanto nosso corpo é psique. Digerimos com nossa mente da mesma forma que pensamos com o coração, tal como a linguagem, que é a ferramenta central com que nos construímos e construímos o mundo, nos mostra, entrelaçando em metáforas corpo e mente. No meu caso, o drama familiar e pessoal, convertido em massa cinzenta, não encontrou na ocasião representações mentais suficientes, metáforas para a sua digestão, e desconfio que explodiu dentro da boca, ainda como uma metáfora, mas materializada somaticamente, antes de poder ser enunciada. É lá,

no concreto da boca, que eu senti a dor. Interessante que, embora aftas sejam irrupções a partir do interior do corpo, também impediam que eu pusesse para dentro o que vinha de fora. Talvez recusasse assim a comida da casa dos meus avós, eu desgostosa com tudo ali. O prato de lentilhas, agora convertido em lembrança, funcionou como representação material, concreta, do meu estado emocional naqueles dias. Penso agora também que aftas são formas mal sucedidas de fragmentar a ferida em múltiplas pequenas lesões, e assim a dor em dores menores, mais suportáveis. Fora que aftas contribuem ainda mais para o silenciamento porque, concretamente, com elas falar dói. Como Freud propõe, aqui também a afta, enquanto sintoma, cumpria duas funções: por um lado, inscrevia meu corpo e minha mente no interior dessa lei cujo imperativo demandava silêncio e, por outro, expunha para todos da família que eu estava machucada e ferida. Dá pra ver que parte importante de minha vida intrapsíquica passava-se então na boca.

No plano intersubjetivo, a massa cinzenta de lentilhas bem poderia ser a expressão, como já sugerimos, da desorganização e do rearranjo familiar que a separação de meus pais implicava. Um passado sem muitas perspectivas, no interior do grupo familiar, de ser elaborado, e um futuro ainda pouco nítido. Éramos ainda, nesse longo momento inicial, um amontoado de gente e coisas por reencontrar o seu lugar. Se em meu interior não pude encontrar as formas de representar mentalmente, digamos assim, a dor que eclodiu na boca, nos vínculos familiares predominava o mandato do silêncio, do não falar sobre o ocorrido. Poderíamos negar assim o acontecido e seguir vivendo, não fosse a vida material que a cada momento mostrava que tudo havia mudado. Mas era no plano material, na vida concreta, que as arrumações eram feitas para caber tudo na casa de meus avós.

Salvador Minuchin, em seu livro *Families of the slums*, trata de famílias que se caracterizam por formas de relação nas quais predomina o que ele chama de vida operatória. Com isto ele quer dizer que, no lugar do pensamento e do diálogo, dá-se a ação, a operação concreta sobre o outro e sobre as coisas. Os sentimentos expressam-se em ações físicas, concretas, e as comunicações se fazem por vias outras que não a palavra. Muitas vezes pelo corpo, pelos gestos, caras e bocas - mais pela forma do que é dito, pelas intensidades e melodias sonoras, do que por aquilo que as palavras podem em seu conteúdo articular e comunicar. Haveria nessas famílias uma espécie de insuficiência de linguagem verbal que permita o pensamento, seja pessoal ou grupal, e uma espécie de cristalização

performática gestual de cada membro. É interessante observar que não se trata de uma deficiência cognitiva ou intelectual. Não no meu caso: minha família materna valorizava muito a vida intelectual, as leituras, os estudos. Minha mãe tem um monte de diplomas! Com isto, quero também assinalar um aspecto importante da pesquisa de Minuchin, que realizou o trabalho relatado nesse livro com famílias negras e porto-riquenhas dos bairros pobres de Nova Iorque, famílias com filhos adolescentes que cometeram atos que o autor chama de delinquentiais. O autor opera com a hipótese de que o ato delinqüente teria sua origem numa forma de comunicação aprendida em família, na qual o ato toma o lugar da palavra, o gesto o lugar do pensamento. Sua pesquisa pode sugerir, numa leitura menos atenta, que a deficiência lingüística seja um problema sócio-cultural. Mas é preciso fazer justiça ao trabalho dizendo que ele comparou estas famílias com outras, do mesmo grupo social, sem filhos infratores, supondo, portanto, que as dificuldades de comunicação não podem ser explicadas a partir de questões de classe social. Eu também penso, tal como Robert Young propõe para os grupos em geral e o exemplo de minha família bem o demonstra, que as dificuldades de comunicação parecem estar associadas às profundas angústias que o contato com o sofrimento mental mobiliza. Pensar e falar sobre o ocorrido era não só entrar em contato com a dor, mas pôr em questão um arranjo psíquico pessoal e familiar que não deveria ser discutido. Havia mitos cristalizados sobre a maldade do meu pai e a bondade da minha mãe, das filhas e dos pais dela.⁴⁰ Nestas situações, é muito comum que as palavras e os gestos, mais do que comunicar conteúdos e ajudar a pensar, visem principalmente fazer com o outro alguma coisa, concretamente. Estamos no campo de interações onde grassa o que Melanie Klein chamou de identificação projetiva, uma forma de comunicação que busca inconscientemente, e de forma concreta, colocar dentro do outro experiências emocionais sentidas como insuportáveis. Os estudos de grupos, incluindo aqui as famílias, dentro do campo psicanalítico ó particularmente o kleiniano -, mostraram como as relações intersubjetivas estão continuamente se dando através destas identificações. A separação de meus pais era a colocação em operação de um mecanismo identificatório deste tipo: deixando o meu pai longe do restante da família, creio que minha mãe esperava livrar-se de algo ruim e ficar com o bom ó ela, eu e minha irmã: as boas. Ao

⁴⁰ Não vou entrar aqui na discussão sobre o conceito de ômito familiarö, mas para quem tiver interesse em aprofundar-se neste instigante tema, sugiro a leitura do artigo seminal de Antonio Ferreira (1960), ôMitos familiaresö.

chegar na casa dos meus avós, a operação já mostra seu furo: a comida, digamos, não é tão boa assim, e o sinal de que, na separação, perdemos algo também de bom é que havia dor pela perda é não vem nas palavras ou conversas, mas explode na minha boca de criança.

Mas quero prosseguir aqui com as três dimensões que Puget e Berenstein propõem para examinar o fenômeno psíquico. Além de pensá-lo nos campos intrapsíquico (ou intrasubjetivo, tanto faz) e interpssíquico (ou intersubjetivo), dos quais procurei dar algumas pinceladas mostrando como o acontecimento da separação foi vivido por mim e no conjunto das relações em minha família, toda a experiência vivida ganha nova luz que a expande se considerarmos sua dimensão transpsíquica (ou transsubjetiva), que diz respeito às relações entre os sujeitos e o universo sócio-cultural em que habitam. Nesta dimensão, creio ser importante lembrar do significado que tinha para a minha família é uma família judia de classe média em meados dos anos 60 do século XX, na cidade de São Paulo -, a separação de meus pais. Ter pais separados não era comum entre meus colegas de classe, nem era comum na minha própria família ampliada. Houve muita mobilização de parentes e amigos para que minha mãe voltasse atrás, e eu me lembro que quase todo sábado à tarde alguém vinha em casa para convencê-la a mudar de idéia. Este era para mim mais um forte motivo para o silêncio: eu passei a infância com vergonha de contar aos outros que meus pais eram separados, e este fato rondava em minha cabeça como presença forte, sem poder ser compartilhado.⁴¹

Creio que todas estas dimensões do fato é o intra, o inter e o transsubjetivo é participaram em sua configuração como trauma psíquico, definido como acontecimento que impacta a psique, excedendo suas possibilidades de acolhimento, continência, digestão e elaboração. É um princípio básico da Psicossomática de P. Marty, por exemplo, afirmar que irrompe no corpo aquilo que excede a capacidade de tratar psiquicamente. O que quer dizer que excede a capacidade psíquica? Não se trata meramente de um limite mecânico interno, pessoal. Mas de uma situação em que o jogo de forças emocionais que pressionam o sujeito constribe sua capacidade de elaboração e predispõe para a conversão somática.

⁴¹ Sobre a psicopatologia da vergonha, sugiro a leitura dos trabalhos de Pierre Benghozi, que mostra como a vergonha impede que se fale em família sobre acontecimentos traumáticos, especialmente, no caso deste autor, aqueles que se dão durante catástrofes humanitárias que envolvem situações de extrema violência e humilhação (ver, por ex., "Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias", em Correa, O.R. (org.) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. SP: Escuta, 2000).

Parece que assim se deu comigo. Quero voltar a enfatizar que o sintoma psicossomático, embora físico ó ele se dá no concreto do corpo -, guarda características de sintoma psíquico, é expressão da dor mental e, no meu entender, deve ser compreendido como tal: ele é também uma forma de comunicação e conta sobre o modo de funcionar psíquico do sujeito que o produziu. Mais do que isto: estou também procurando mostrar como, nos bastidores do sintoma psicossomático, como pano de fundo de seu desenrolar, estão também as formas de interação e comunicação no interior da família, no caso aqui a vida lidada no plano operatório, concreto, e o silêncio, a boca fechada de todos sobre os dissabores que aquela situação produzia. Quero com isto dizer que o sintoma psicossomático é uma forma de linguagem a que se deve buscar o sentido. Porque, na vida humana, nunca uma afta é só uma afta. Apesar de soar um tanto redutor e esquemático, valorizo nos trabalhos de psicanalistas pioneiros no campo de pesquisas com pacientes psicossomáticos este esforço de atribuição de significados psíquicos às diferentes patologias psicossomáticas. Assim, por exemplo, French e Alexander (em Garma, 1978) dizem, a respeito do ataque de asma, que este õtem o significado de um grito angustiado para a mãe inibido na garganta e que, como substituição, provoca uma excitação na musculatura inferior do conduto respiratórioö. Não é outra coisa que aprendemos com Melanie Klein, que conseguiu pôr em movimento uma linguagem capaz de dar conta e mobilizar o nosso modo de funcionar psíquico utilizando-se da metáfora corporal do seio para pôr em evidência nossas primeiras relações objetais. E aqui seio é tanto corpo humano concreto quanto espaço de continência necessário para a formação de qualidades psíquicas. Ou seja, é específico da teoria psicanalítica lidar com esta integração corpo-psique de um modo em que a materialidade do corpo evoca a dinâmica psíquica bem como a agilização da dinâmica psíquica mobiliza o corpo. Do mesmo modo como, no campo psicanalítico, a configuração material da família deve servir para observar e mobilizar os arranjos intrapsíquicos. Nosso corpo é também parte da configuração material familiar. Ele é tão produzido em família e conta com o mesmo grau de liberdade que a nossa psique. Espero que minha contribuição neste capítulo tenha sido a de mostrar como o sentido do sintoma psicossomático pode ser encontrado se levarmos em consideração não apenas o indivíduo, mas o funcionamento psíquico familiar, seus padrões de interação e comunicação. Tratar do

sintoma psicossomático demanda do psicanalista levar em consideração o relato do paciente a partir de múltiplos vértices de escuta, sem nunca se restringir a um só.

Gostaria neste final de acrescentar alguns assinalamentos sobre como eu penso o trabalho com famílias com pacientes psicossomáticos. Estas famílias tendem a funcionar de modo concreto, operatório, com pouco espaço para a reflexão e o diálogo e, no mais das vezes, não procuram terapia porque desejem se pensar enquanto família. Elas vêm com a indicação de algum profissional da saúde que, tendo recebido o membro da família apresentado como doente, reconhece, nos bastidores do drama apresentado, a cena familiar que o articula, do qual o drama pessoal é parte. A família então é convocada para atendimento e, no mais das vezes também, quando chega à terapia, o faz, no plano consciente, para ajudar o seu doente. Pode levar muito tempo até que os outros familiares reconheçam sua implicação num drama não mais pessoal, mas familiar. A isto se chama de mudança de foco: no palco psicoterapêutico, como fazer para que a luz, que incidia tão fortemente sobre um dos membros, passe a iluminar outras cenas em família, outras relações, ampliando assim a visualização da cena familiar como um todo? Parece haver unanimidade entre os terapeutas de família, seja qual for a abordagem, de que é recomendável que o trabalho parta do sintoma. Ou seja, que se acolham as queixas iniciais, centradas num dos membros, e se possa pensar com a família o sentido de sua demanda. Tanto o conteúdo quanto a forma da interação terapeuta-família deve se dar, ou melhor, só pode dar-se, no interior dos padrões de comunicação conhecidos pela família. O terapeuta deve aprender a falar a língua familiar e, aos poucos, ir transcendendo o concreto e específico, de modo que afetos e fantasias compartilhados no sistema familiar possam ser trazidos à luz e investigados. O terapeuta deve auxiliar os membros da família a entrar em contato e refletir sobre os sentidos do que está sendo dito, mas sem esquecer que está com uma família que raramente, ou nunca, fala sobre seus próprios sentimentos. Compreensivelmente, portanto, não estão de início disponíveis para intervenções simbólicas, abstratas ou conceituais. A interpretação deve ter um caráter concreto, próximo da linguagem física do sintoma. E o terapeuta deve construir e emprestar metáforas acessíveis para que a família possa se pensar de forma inédita. Aos poucos, com talento e sorte, pode brotar e desenvolver-se um fio de interesse da família por pensar-se, ampliando assim o espaço mental disponível para tanto.

Post Scriptum

No meio do trabalho com este texto eu quis lê-lo ao meu marido, também psicanalista. Ele sentou-se, escutou atentamente e disse que gostou muito. "Posso falar assim sobre mim?", lhe perguntei, como que pedindo uma autorização para seguir com minhas idéias. "Deve", ele respondeu, "assim se faz Psicanálise". No dia seguinte, almoçando, ele me diz: "faltou falar das tuas fantasias sobre a separação. No que, afinal, a separação mexeu? Por que, afinal, foi dolorosa?" Era como se a fala dele subitamente desvendasse o inconsciente do meu texto. Eu achara que tinha me exposto tanto e, agora, à luz do que ele me convidava a pensar, o texto soava um tanto defendido e bem-comportado. E ele ainda acrescentou: "mexeu em fantasias tuas de separar os pais? Ficar com o pai? Competir com a mãe? Psicanálise é isto!" Eu ensaiei dizer: "É, verdade, eu era a queridinha do meu pai". A conversa não foi muito mais em frente, e talvez tivesse se perdido se eu não tivesse tido um sonho esta noite que me parece, ainda que cheio de enigmas, uma resposta mais plena à indagação dele.

Sonho que estamos namorando e vou com ele para a Argentina, onde se encontram minha mãe e minha irmã. Elas estão num apartamento de dois cômodos em que só há camas, e eu fico ansiosa sobre onde vou dormir com ele, uma vez que em cada um dos cômodos há uma delas dormindo. Eu gostaria de uma privacidade que minha mãe, muito brava no sonho, se recusava a me dar (ela inclusive levanta as cobertas para ver o que estamos fazendo). No meio desta situação, parece que os cômodos se transformam em vagões de trem, e minha filha menor, que no sonho tem cinco anos, sobe na janela do trem para pular para fora. Eu fico ansiosa, mas ela o faz com toda a segurança, sem o menor receio.

Em primeiro lugar, creio ser importante atentar para o fato de que, se aos seis anos eu fui a portadora das aftas, uma espécie de porta-sintoma da família, aqui, neste texto, comporto-me como porta-sonho do meu grupo familiar. Entre as aftas e o sonho, muito trabalho psíquico deve ter ocorrido, o que inclui uma nova composição familiar e um

marido que pode me ajudar ó ou dar mais trabalho! ó a lidar com tudo isto. No sonho, a mãe brava, que obstaculiza e controla a minha vida sexual, será a mãe que se vingará de mim, por fantasias minhas de ocupar o lugar de preferida do meu pai? Não vou aqui me estender na análise do sonho. Há muitos elementos que dependeriam de um trabalho analítico para ganharem sentido ó Argentina, minha irmã, minha filha, todo esse trem em que faço a viagem da minha vida. O que acho aqui importante ressaltar é toda a constelação psíquica que, partindo neste texto das aftas na boca, aos seis anos, desdobra-se em drama subjetivo, cena familiar, sonho e texto, como múltiplas possibilidades de representação da dor.

REFERÊNCIAS

- Benghozi, P. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias. Em Correa, O.R. (org.) *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. SP: Escuta, 2000.
- Ferreira, A. Mitos familiares. Em Bateson, G. *Interacción familiar*. Buenos Aires: Ed. Tiempo Contemporaneo, 1974.
- Garma, A., *Psicoanálisis: teoria, clinica y tecnica*. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- McDougall, Joyce. *Teatro do corpo, o psicossoma em psicanálise*. 2. ed. Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Minuchin, S. *Families of the slums. An exploration of their structure and treatment*. New York, London: Basic Books, Inc., 1967.
- Puget, J. e Berenstein, I. *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Young, R. M. Mental space and group relations. <http://www.human-nature.com/group/chap1.html>.

O espaço familiar e sua ruptura: entre a memória e o sonho⁴²

Lévi-Strauss (1985) termina o texto "A família", capítulo de seu livro *O olhar distanciado*, com uma bela metáfora sobre as relações entre família e sociedade. Diz ele que, na contínua marcha da vida social, a família constituiria o lugar do repouso necessário, como uma parada para o atendimento de necessidades pessoais intransponíveis para o seguimento da viagem. A família é lugar de parar, de dormir e comer, das relações íntimas, de proteger-se e refugiar-se das adversidades nas viagens pelo mundo. Possivelmente em todos os tempos e em todas as sociedades humanas, cada família, seja qual for o seu arranjo, busca constituir um espaço para o atendimento destas necessidades, que é a casa. Diz Bachelard (1958), em *A poética do espaço*: [A casa] é um instrumento que serve para enfrentar o cosmos... Contra tudo, a casa nos ajuda a dizer: serei um habitante do mundo, apesar do mundo. Há, tanto na metáfora de Lévi-Strauss quanto na imagem de Bachelard, uma espécie de complementaridade entre família e sociedade, entre casa e mundo, ou, dizendo mais precisamente com as palavras com que Lévi-Strauss termina o texto, "famílias na sociedade, pode dizer-se, como pausas na viagem, que são ao mesmo tempo a sua condição e a sua negação". Quando Bachelard discorre sobre as imagens da casa que aparecem em alguns romancistas e poetas, ele ressalta esta complementaridade entre o interior e o exterior da casa. Assim, por exemplo, ao ler *Os paraísos artificiais*, de Baudelaire, Bachelard diz que "nos sentimos colocados no centro de proteção da casa do valezinho, vestidos também com tecidos de inverno. E temos muito calor, porque faz frio lá fora... É necessário que haja um inverno canadense, um inverno russo. Seu ninho será mais quente, mais terno, mais amado... Para calafetar o aposento cercado pelo frio, pede ainda pesadas cortinas que vão até o chão". Diz Bachelard: "atrás dessas cortinas sombrias parece que a neve é mais branca. Tudo se ativa quando as contradições se acumulam". Bachelard implica, na casa, as lembranças da infância, o tempo a que retornamos no meio da caminhada. Nesta casa, que é também a infância, as oposições entre o interior e o exterior, o frio fora e o calor dentro, emergem, ao longo das suas análises, como uma espécie de sonho bom entretido às lembranças do escritor, nas quais a cisão dentro/fora corresponde uma idealização do interior em oposição aos perigos do mundo.

⁴² Texto aceito para publicação na revista *Le divan familial*, Paris (em tradução).

Mas claro que a casa da infância pode também ser tão fria quanto o mundo lá fora, e às vezes ainda mais fria. Adorno e Horkheimer, num capítulo intitulado "Família" do livro *Temas básicos da Sociologia* (1956), referindo-se à família burguesa mostraram como entre o interior e o exterior da família não há simples oposição, mas uma dialética mais complexa através da qual, ao mesmo tempo em que a família oferece-se como lugar de proteção, como refúgio do mundo, também reproduz em seu interior, nas relações mais íntimas, os modos de relação característicos da sociedade da qual faz parte, em particular suas relações autoritárias e violentas. Talvez nem seja "reproduzir" a palavra: a família é um núcleo a partir do qual relações sociais são forjadas. É o que descobrimos nas narrativas de Kafka, nas quais a família é apresentada como núcleo originário de um fio violento presente nas relações entre pais e filhos que se estica até a alienação ou a solidão. Gregor Samsa, a personagem de *A metamorfose*, enreda-se não apenas na violência da relação com seus pais, mas na própria casa paterna, cenário intransponível dada a sua metamorfose em inseto.

Retomando Bachelard (1958), ele dirá que as imagens da casa natal integram lembranças e sonhos ó lembranças, ressonâncias de "ecos do passado", e sonhos, manifestações dos "relevos do psiquismo expressos na atualidade". Assim, a casa natal de que Bachelard nos fala não é só passado: ela é um ponto de encontro entre uma forma presente e uma experiência vivida no passado. A maneira como o autor integra o sonho na argamassa com que constrói a lembrança da casa natal é familiar ao modo como Freud (1900) compreende o trabalho do sonho. Em *A interpretação dos sonhos*, ele diz: "No fundo, os sonhos não são nada mais do que uma *forma* particular de pensamento que se torna possível pelas condições do estado de sono. É o *trabalho onírico* que cria essa forma e é por si só a essência do sonhar ó a explicação de sua natureza peculiar". É parte do trabalho do sonho, segundo Bachelard, contribuir na criação das formas que emergem nas imagens da casa natal, garantindo, nos casos que ele cita, a "cisão entre o dentro e o fora, o bom e o mau, que organiza a memória do escritor.

Nesta mesma obra de Freud (1900), encontramos a imagem onírica da casa não apenas como expressão da forma de pensamento do sonhador, mas como representação inconsciente do corpo ó casa e corpo como espaços demarcadores de uma interioridade na qual "órgãos e membros habitam em relação. Assim, por exemplo, ao relatar o sonho de um

paciente (cap. VI, E, III, Os órgãos genitais representados por edifícios, escadas e poços) - ainda que tenha feito em páginas anteriores ressalvas em relação a uma interpretação dos sonhos que faça uso de uma tradução direta de símbolos, sugerindo que este é apenas um método auxiliar às associações do sonhador, que devem ser decisivas para a constituição do significado do sonho -, Freud ressalta que o jovem interpretou quase sem ajuda um sonho no qual entra com o pai num edifício: a rotunda é interpretada como uma bunda, o pequeno anexo em frente como o escroto, um poço como uma vagina. Freud conclui, em nota de rodapé: A frequência com que edifícios, localidades e paisagens são utilizados como representações simbólicas do corpo, e em particular dos genitais, mereceria um estudo abrangente, que pode ser ilustrado por numerosos exemplos. Também Melanie Klein, em seus primeiros relatos de análises de crianças pequenas, descreve fantasias de seus pacientes nas quais o corpo próprio e o corpo materno são suportes para a expressão de uma geografia complexa: Descobrimos assim, escreve Klein a respeito de Erich, que seu sentido de orientação, que fora antes muito inibido, mas que agora se desenvolvia de maneira notável, dependia de seu desejo de penetrar no corpo materno, de examiná-lo por dentro, explorar as passagens que permitiam entrar e sair dele, e estudar os processos de fecundação e nascimento (apud Petot, J.M., 1979) o corpo materno experimentado como um continente de membros e órgãos fragmentados, carregados de impulsos libidinais e sádicos, a que Klein deu o nome de geografia do corpo materno. Sobre esta geografia, diz Petot: Deve-se lembrar as fantasias de Erich relativas ao estômago e ao útero consideradas como casas ou apartamentos, com suas portas (os orifícios corporais), seus terraços, seus móveis, etc... o corpo materno identificado a uma cidade e, definitivamente, ao universo inteiro.

Apesar de Bachelard ser bastante crítico à Psicanálise, em especial a um método de interpretação psicanalítica que, segundo ele, operaria por tradução direta de símbolos em fantasias sexuais a mesma crítica contida nas ressalvas de Freud que mencionamos acima -, é a imagem da casa como espaço que integra lembrança e sonho (numa leitura que ele próprio aproxima em diversos momentos da Psicanálise) que ele irá encontrar nos textos de poetas e escritores. Ele diz: todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores de onirismo consoante. Não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente vivida. Um psicanalista então, segundo ele, deveria dar atenção à

localização das lembranças na casa, e ele chega a sugerir a criação de uma área de estudo, a *topoanálise*, que se daria no estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima... É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios. O inconsciente estagia... Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços de nossa intimidade. Assim, por exemplo, desenvolvendo uma verdadeira psicologia da casa, ele opõe a racionalidade do telhado à irracionalidade do porão. O telhado revela imediatamente sua razão de ser: cobre o homem que tem medo da chuva e do sol... Para o porão também encontraremos, sem dúvida, utilidade. Nós o racionalizaremos enumerando suas comodidades. Mas ele é em primeiro lugar *o ser obscuro* da casa, o ser que participa das potências subterrâneas... O porão é pois a loucura enterrada, dramas murados⁴³. Bachelard contrasta a casa vertical, com porão e sótão, referência para a verticalidade do corpo, com o apartamento: Em caixas superpostas vivem os habitantes da grande cidade... não têm raízes. Coisa inimaginável para quem sonha com casas: os arranha-céus não têm porão... *em nossa casa* não é mais que uma simples horizontalidade, em que faltam princípios fundamentais para distinguir e classificar os valores da intimidade. A transposição do corpo humano, ou da alma, à casa, objeto geométrico, só é possível, para ele, desde que se tome a casa como espaço que deve condensar a intimidade. Abre-se então, fora de toda racionalidade, o campo do onirismo... É preciso estudar constantemente como a matéria da intimidade encontra, através da casa, sua forma. Podemos então dizer que a alma habita um espaço e é o próprio espaço habitado.

Os cientistas sociais e os historiadores nos instruem sobre os processos mais gerais que caracterizam ao longo do tempo e em cada momento a vida doméstica dos diferentes grupos sociais (Prost, 1987). Sabemos, através deles, que a constituição de um espaço de privacidade familiar separado do espaço público foi parte do processo de ascensão da burguesia desde o século XVI até os nossos tempos, e que este processo caracterizou-se por uma progressiva especialização dos espaços da casa, até que o século XX democratizou o espaço da privacidade individual, o quarto de cada um, ou pelo menos o quarto dos filhos separado do quarto dos pais, como uma conquista do indivíduo dentro da própria família,

⁴³ Neste mesmo sentido, Slavoj Žižek, no filme *The perverted's guide to cinema*, aproxima a distribuição da casa em *Psicose*, de Hitchcock, à segunda tópica freudiana: o pavimento térreo seria o *ego*, o porão, o *id*, e o andar superior, o *superego*.

possibilitada pela melhora geral no nível de vida. Os historiadores detectam tendências e suas dinâmicas nos diversos grupos sociais, mas sabemos que cada casa, embora tenha muitos elementos em comum com outras casas, tem características singulares, relativas à família que a habita e à forma que encontra para habitá-la. É uma dimensão que tem a ver com a composição do arranjo familiar, sua identidade social, o nível econômico, fatores culturais e religiosos, as relações entre os moradores e as distâncias entre eles, ou seja, o quanto toleram permanecer perto ou precisam ficar longe um do outro. Concepções desenvolvidas dentro do campo da psicanálise da família ó penso aqui particularmente no trabalho de Isidoro Berenstein (1988), psicanalista argentino que foi discípulo de Pichon Rivière - permitem pensar a ocupação, distribuição e organização do espaço doméstico como signos de uma estrutura psíquica familiar, ou seja, como indicadores dos padrões, das regras e fantasias que organizam as relações entre os familiares e determinam seus lugares na família e na casa. Isto quer dizer que a forma como a família ocupa, distribui e organiza seu espaço - o lugar de cada um dos membros e a distância entre eles - é linguagem, tal como propõe Bachelard, que pode ser lida de modo a revelar a estrutura semiótica profunda que organiza a família e lhe dá sentido ó a partir dos índices materiais da casa, uma planta desconhecida para seus membros que, ainda assim, regula e significa a vida doméstica, a intimidade e a distância, os percursos e espaços pessoais. Quero dar um exemplo deste modo de ler a casa retirado do livro de Berenstein (1988), *Família e doença mental*. Ali ele considera a significação da distribuição espacial da casa

em que mora a família B., integrada por quatro pessoas: o pai, José, de 60 anos, a mãe, Joana, de 57 anos, Carlos e Rosa, de 21 anos. Joana é judia, morou na Alemanha e durante a Segunda Guerra esteve internada no campo de concentração de Auschwitz. Foi libertada em 1945 em estado de total inanição. Salvou sua vida, mas ficou sabendo que perdeu toda a sua família. Em 1946 casou com José, que tinha perdido, por sua vez, sua primeira mulher durante a ocupação alemã. Em 1947 eles tiveram gêmeos, Carlos e Rosa. Quando os filhos tinham quatro meses, imigraram para a Argentina. Em 1965, Carlos era um moço de 18 anos que vinha estudando com certa dificuldade. Tentou ingressar em uma faculdade e foi reprovado por dois anos consecutivos. Depois disto ele foi ficando mais ansioso, o que se manifestava em longas caminhadas solitárias pela cidade. Circunstâncias políticas locais foram o estímulo desencadeante e a partícula de realidade onde se instalaram idéias de perseguição pela polícia. Já não podia andar só pela rua. Ficava fechado em casa e sua conduta se tornou cada vez mais

estranha, caracterizada por solilóquios, maneirismos e brigas com os pais. Tinha uma idéia clara de que a polícia o perseguia por ser judeu. Foi piorando e acabou sendo internado pela primeira vez num hospital psiquiátrico, durante 10 meses. Seu estado mental deteriorou-se. Em 1968 foi internado pela segunda vez. Seu terapeuta pediu colaboração através de um tratamento familiar. Nas entrevistas chama a atenção de Berenstein o aspecto de Joana - desgrenhada, despenteada, com roupas grandes demais. Muito magra e com o olhar extraviado, tinha o aspecto de pessoa saída de um campo de concentração - aspecto que conservava 25 anos depois desse acontecimento. José parecia um típico homem de negócios, corretamente vestido. De aspecto ordeiro, parecia otimista e um pouco desconcertado com o que acontecia com o filho. Carlos tinha um aspecto físico parecido com o da mãe - magro, desgrenhado, de olhar ausente. Cada vez que o grupo tentava falar da experiência da guerra, esbarrava na dura oposição manifesta e explícita da mãe. Ela sustentava que esses acontecimentos não tinham nenhuma importância, impunha a proibição de falar a respeito do assunto e se o grupo, às vezes, pela insistência do terapeuta, o fazia, ela ameaçava ir embora. O tratamento terminou abruptamente. Depois de uma sessão na qual analisaram o significado das idéias persecutórias de Carlos e sua relação com a história familiar, este foi, na manhã seguinte, ao quarto do pai e pediu a ele que comprasse o jornal alemão. O pai se surpreendeu, ele nunca lia esse tipo de jornal, e se opôs a satisfazer o desejo do filho, que ficou bravo; discutiram, a mãe interveio, mas não pôde conter Carlos, que começou a bater neles. Eles então o internaram novamente num hospital psiquiátrico.

A figura 1 é a representação gráfica da moradia da família no momento da terapia. Foi pedida pelo terapeuta e realizada pela filha, de comum acordo com o resto dos familiares. No interior dos ambientes, estão desenhados os móveis correspondentes a cada um deles. Alguns lugares figuram graficamente vazios. Considerando a planta, percebemos de imediato que os ambientes estão classificados em *com móveis/sem móveis, ocupados/vazios*. Com móveis estão os quartos do pai, do filho e da filha, assim como a sala. Porém, o quarto da mãe e as dependências de serviço, o corredor de entrada e a varanda aparecem sem móveis. Se observarmos o sistema de comunicação pela presença das portas, vemos que o pai, o filho e a filha estão intercomunicados. A mãe deve passar por uma série de portas sucessivas através da área, cozinha, corredor de entrada, sala, corredor do armário de Rosa, para ter acesso a qualquer um dos outros quartos. A oposição entre quartos cheios, com móveis, e vazios, sem móveis, pode se redefinir, pois a mãe ocupa junto com o cachorro as dependências de serviço: neste sentido, demarca a oposição entre *quartos principais/quartos de serviço, pai-filha-filho/mãe-cachorro*. Se voltamos a considerar nesta família a oposição de elementos *fixos/móveis*, observamos que os móveis podem se agrupar em elementos inanimados como as mobílias e animados como os seres vivos. Entre estes últimos, agrupam-se e opõem-se os seres pertencentes ao mundo humano e seres pertencentes ao mundo animal. Com este critério é óbvio que a mãe pertence ao mundo humano assim como o resto dos membros, mas ao nível da distribuição espacial ela está colocada no setor do mundo animal, junto ao cachorro.

Efetivamente, no desenho seu quarto carece dos móveis característicos dos outros humanos. É possível que ocupe na representação mental da família um lugar intermediário entre o mundo humano e o mundo animal.

Berenstein conclui: "Pergunto-me se isto não era um recurso para remediar a oposição entre vivos e mortos, numa família que contraiu a dívida de viver quando todos os familiares morreram. Efetivamente, todos os familiares do pai e da mãe morreram nos campos de concentração. A mãe-empregada-cachorro e o filho-doente mental estão vivos como o pai e a irmã e estão também "mortos" e isolados como o resto da família, podendo a morte ser a nível da relação interpessoal ou a nível mental." Neste caso parece claro como a história familiar, evitada pela mãe na sessão, da qual o filho talvez busque ter notícias através do jornal alemão que lhe é recusado, deposita-se na organização da casa. A estrutura familiar inconsciente é um precipitado da história que se materializa na forma de sua ocupação.

A maneira como Berenstein trabalha o caso ao meu ver desenvolve as idéias de Bachelard. A casa de que este último fala é feita de lembrança e sonho. A casa de Bachelard é a casa do poeta, isto é, o poema que ele constrói. O poema é a obra do poeta, e é dentro da obra que o poeta vive, manifesta-se. O poema não é apenas um meio de expressão, mas é o lugar onde limites e possibilidades suscitam a forma realizada. É desde essa casa que o poeta se faz poema, ou que um poema realiza o poeta. Esta casa não é passado, mas também não dá pra dizer que é presente, nem futuro. É um entrelaçamento de tempos que se faz na realização do poema. E isto é suscitado pela integração de lembrança e sonho. O poeta não volta a uma casa passada, não plenamente. Ele traz a casa da infância para o sonho do momento, ou leva o sonho até a casa da infância. O fato é que os tempos são superados em sua seqüência cronológica. Freud também entende assim o sintoma. Porque o sintoma opera a partir de um tempo que entrelaça os tempos. E todo sintoma é uma forma expressiva tão singular quanto o poema de cada poeta. Berenstein aloca um aspecto do sintoma desse núcleo familiar no modo como eles habitam a casa. No modo de habitá-la, Berenstein encontra um acordo extraordinário entre o exterior e o interior, entre a dinâmica afetiva e as biografias pessoais de cada um dos membros. A casa dos B. não tem apenas alguns quartos, membros que habitam nela e um cachorro. A casa é tomada pela história. O modo de habitar a casa é o modo de realização de um sintoma. E no sintoma se

comunicam, ou se fundem, as possíveis leituras que cada um pode fazer ou não do fluir da história que atravessa todos. A casa onde eles vivem com certeza é algum endereço de alguma rua de Buenos Aires. Mas o modo como a habitam tem uma história que arrasta e integra Buenos Aires e Auschwitz. Buenos Aires e Auschwitz comunicam-se, ou soldam-se, uma sobre a outra, como lembrança e sonho.

Por fim, gostaria de trazer uma situação de minha história pessoal que dá evidência de como a violência de uma ruptura de relações em família manifesta-se na mudança das configurações espaciais da casa, aí se depositando o conflito e o sofrimento decorrente. Quero mostrar também como as formas de re-organização espacial após a ruptura fazem emergir elementos da estrutura psíquica familiar que já participavam, de algum modo, em sua configuração anterior. É uma configuração que inclui não apenas a família nuclear, mas também suas relações com as famílias de origem, neste caso em particular a família de minha mãe. Tenho em mente nesta discussão a metáfora que Freud utiliza ao falar sobre a divisão patológica do ego, no capítulo "A dissecação da personalidade psíquica" das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933). Lá ele diz que, "se atiramos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal". Proponho que um processo análogo se dá na família, ou seja, que quando ela se parte, não o faz de qualquer modo, mas segundo linhas já inscritas na estrutura familiar anterior à ruptura, determinante de seu modo de ser e, muito possivelmente, da própria ruptura.

Meus pais se separaram quando eu tinha seis anos e minha irmã mais velha, nove. Eu nasci e cresci até então vivendo entre nós quatro num apartamento de classe média, no último andar de um edifício novo e agradável, no miolo do bairro judaico do Bom Retiro, na cidade de São Paulo. O apartamento tinha, além das dependências comuns, dois quartos, um para meus pais e outro para mim e minha irmã. Estávamos nos anos 60 e meus pais, tal como a comunidade judaica de forma geral naquela parte do mundo, vivia seus anos dourados de ascensão social. Isto se refletia na casa, como sempre o faz. Meus pais remobiliaram a sala, recebiam amigos, tudo o que me enchia de prazer e orgulho. A lembrança de minha casa natal confirma a boa mistura de memória e sonho de que fala Bachelard. Não interessa aqui entrar nos motivos da separação. Apenas utilizarei as

palavras de Adorno (1951) em *Mínima Moralia*, num capítulo intitulado "Cama e mesa", para transmitir algo da atmosfera que frequentemente envolve as separações dos casais:

O divórcio, mesmo entre pessoas de boa índole, amáveis e educadas, predispõe a levantar uma nuvem de poeira que cobre e descolore tudo o que toca. É como se a esfera da intimidade, a desprevenida confiança da vida compartilhada, se transformasse num veneno maligno tão logo a relação em que esta floresceu se rompe. A intimidade entre as pessoas é indulgência, tolerância, refúgio para as idiosincrasias. Mas se esta intimidade se desgarrar, revela-se o seu momento de fraqueza, e num divórcio esta exposição é inevitável. Ela apropria-se da relação de confiança. As coisas que foram alguma vez símbolos de cuidado amoroso, imagens de reconciliação, desgarrando-se como coisas de valor independente, mostram seu lado mau, frio e pernicioso... Todo o fundamento obscuro sobre o qual se ergue a instituição do casamento... tudo isto irrompe dos porões e das fundações quando a casa é demolida (trad. nossa).

O psicanalista francês Pierre Benghozi (2005), a partir de uma teoria psicanalítica dos laços, pensa a questão das rupturas em famílias como dilaceramentos do continente psíquico familiar. Seu modelo para este continente - cujas funções de acolhimento e pensamento seriam aquelas mesmas descritas por Bion para as relações mãe-bebê, só que aqui expandidas para a família - é o de uma rede, ou uma malha, feita de laços de filiação e de afiliação. Os primeiros nos ligam, ao nível genealógico, a nossos ascendentes e descendentes. Os segundos nos definem horizontalmente, enquanto sujeitos com nossos pertencimentos, o que incluem as alianças, as inserções em grupos e instituições, os vínculos de amizade e de trabalho, etc. O emaranhado dos laços psíquicos de filiação e de afiliação forma as malhas de uma rede que é o próprio continente psíquico e que oferece sustentação ao indivíduo e à família como um todo. Se estes laços se rompem em algum ponto, tendem a romper-se sem interrupção, como uma malha que se desfaz sem fim - um processo que Benghozi chama de desmalhe e que pode ser catastrófico, quando desfaz ou ameaça desfazer o tecido todo. É um dilaceramento traumático, com conseqüências para a vida psíquica e social de todos os membros da família. Ao dilaceramento do continente corresponde o vazio, uma depressão melancólica, um afundamento, um dilaceramento narcísico, uma depressão identitária.

A mudança de casa pode ser considerada, nos termos de Benghozi, um esforço de remalhagem, de reconstituição do continente familiar, como espaço de contenção das

demandas e ansiedades dos familiares. Benghozi (2005) diz que a construção do laço de aliança conjugal é uma forma de remalhagem recíproca dos continentes familiares das famílias de origem de cada membro. Creio que a separação pode também cumprir uma função inconsciente de recomposição, ou remalhagem, das famílias de origem do casal. Quero pensar a forma dessa reparação, dessa remalhagem, da reconstrução dos laços, a partir da metáfora freudiana, ou seja, de que essa tentativa de conserto não se dá de forma aleatória, mas segundo linhas já inscritas na estrutura anterior à ruptura.

Meus pais se separaram, a casa natal desfez-se, fomos minha mãe, minha irmã e eu para a casa dos meus avós. Estes viviam há uma quadra de casa, num apartamento também de dois quartos, no qual moravam, além de meus avós, uma tia, irmã de minha mãe, também separada, e sua filha, na época com 8 anos. Meus avós ocupavam um quarto, elas outro, quando nós três chegamos precisando de acomodação no mesmo espaço. Ocorreu então um movimento oposto ao que nos referimos anteriormente como progressiva privatização do ambiente doméstico, com espaços íntimos assegurados a cada um dos membros da família, longe dos olhares dos outros ou, pelo menos, uma separação entre o quarto dos pais e o dos filhos. Em nosso caso, a separação e a mudança de casa significaram, do ponto de vista espacial, uma espécie de regressão: eu e minha irmã perdemos o nosso quarto, minha mãe deixou o quarto de casal e, durante um bom tempo na casa dos meus avós, minha mãe e minha irmã dormiam na sala, enquanto eu dormia numa cama ao lado da cama dos meus avós. Minha mãe e minha irmã perderam as demarcações espaciais que as diferenciavam entre si do ponto de vista geracional, juntando-se as duas no sofá da sala, enquanto eu fui levada a dormir num lugar habitualmente ocupado por crianças pequenas - são elas que dormem no quarto do casal, ao lado da cama dos pais e no meu caso, de meus avós. Enquanto isto, minha tia e minha prima, embora num só quarto, uma cama ao lado da outra, garantiam a discriminação do resto da família impedindo a entrada de todos nós no quarto delas. Nessa situação, objetos pessoais meus, da minha mãe e da minha irmã deixaram de ter espaço próprio, como tinham em minha casa anterior, para se espalharem pela casa, à vista de todos. Perdemos a privacidade, o espaço da intimidade, para nos espalharmos sem contornos definidos pela casa de meus avós.

Um aspecto que a mudança ressalta é o retorno de minha mãe à condição de filha, indiscriminada das suas próprias filhas no espaço da nova casa. Esta é uma das linhas

fundamentais já contidas na estrutura da pedra: penso que ela, apesar de ter casado e constituído a própria família, nunca abandonara o lugar para o qual agora retornava, junto ao seu próprio pai, deixando meu pai isolado em nossa casa - um isolamento que lhe fora destinado muito antes, dada a força do laço que sempre uniu minha mãe ao meu avô.

Lembro-me que, na nova casa, um dos espaços que mais me atraíam era um canto atrás do sofá da sala em que minha mãe e minha irmã dormiam. O sofá desenhava um L arredondado que criava com uma das quinas da sala um vão onde talvez só coubesse eu (acho que não cabiam duas crianças). Era ali que eu gostava de me enfiar ó um espaço de atração, como um ninho de proteção. Num capítulo de seu livro dedicado exclusivamente aos cantos, Bachelard diz que o todo canto de uma casa, todo ângulo de um aposento, todo espaço reduzido onde gostamos de nos esconder, de confabular conosco mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um aposento, o germe de uma casa... Um aposento imaginário se constrói em torno do nosso corpo que se acredita bem escondido quando nos refugiamos num canto...ö Eu construía assim para mim, como fazem muitas crianças em cantos e esconderijos, uma casa minha, protegida das angústias que pairavam sobre a casa de meus avós. Encontrava no canto o sentido de proteção e acolhimento de uma casa. öPor outro ladoö, segue Bachelard, ösob muitos aspectos, o canto -vividorecusa a vida, restringe a vida, esconde a vida... A consciência do ser em paz no seu canto propaga, ousamos dizer, uma imobilidadeö. Minha mãe buscou na casa de seus pais um continente de acolhimento. No interior dessa casa que nos acolhia, mas também remetia dolorosamente à perda da casa anterior, eu buscava um canto para mim. Naquele momento, um canto de acolhimento, mas também de imobilidade, de esconderijo e recusa. Eu, no canto atrás do sofá, construí uma casa, ou um ponto de observação pessoal, para ao mesmo tempo me proteger e responder às mazelas de minha história. Se os sintomas nos constituem, isto quer dizer que é dentro deles que habitamos. Eles são o nosso esconderijo, a nossa guarida, e o desdobrar de nossa peculiar forma expressiva. Talvez seja ainda desde esse canto que eu construo o meu conhecimento sobre o mundo. E, com certeza, na casa que eu habito agora, em algum dos aposentos, no meio da mobília, despercebidamente, ainda esse canto do sofá está presente, como materialização de meu entrelaçar de lembrança e sonho. O ponto de origem de nosso modo de ser expressivo não é um lugar para onde voltamos, mas é sempre o lugar onde estamos.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. (1951) Mesa y cama. Em *Minima moralia*. Caracas: Monte Avila Editores, 1975.
- Adorno, T. & Horkheimer, M. (1956) Família. Em *Temas básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1973.
- Bachelard, G. (1957). *A poética do espaço*. RJ: Livraria Eldorado Tijuca Ltda.
- Benghozi, P. Resiliência familiar e conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. RJ: *Psicologia clínica*, vol. 17, n. 2, 2005.
- Berenstein, I. *Família e doença mental*. SP: Escuta, 1988.
- Freud, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vols. IV-V. RJ: Imago, 1976.
- _____ (1933) A dissecção da personalidade psíquica. Em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, vol. XXII. RJ: Imago, 1976.
- Lévi-Strauss, C. (1983) A família. Em *O olhar distanciado*. Lisboa, Edições 70, 2010.
- Petot, J.-M. (1979) *Melanie Klein: primeiras descobertas e primeiro sistemas, 1919 ó 1932*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- Prost, A. & Vincent, G. (eds.) *História da vida privada*, vol. 5: *da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Zizek, Slavoj. *The perverted's guide to cinema*.
<http://www.thepervertsguide.com/clips.html> (acessado em 09/08/2010).

Os processos de socialização e a família no trabalho de Sylvia Leser de Mello⁴⁴

Durante os últimos meses de 1978, quando o Brasil iniciava seu processo de abertura após os anos sombrios da ditadura militar, a professora Sylvia Leser de Mello lia em sala de aula, com seus alunos do segundo ano da graduação do curso de Psicologia, o livro *Manicômios, prisões e conventos*, de Erving Goffman (1974). O livro de Goffman é um estudo sociológico sobre o que acontece aos seres humanos e às interações entre eles quando confinados ao que ele chama de instituições totais - todas aquelas instituições, tais como os manicômios, asilos, prisões e claustros religiosos que regulam a totalidade da vida dos que dela fazem parte, excluindo-os da possibilidade de convívio em outras instituições ou com pessoas fora delas. Os que fazem parte da instituição devem se despojar de sua história anterior para entregar-se a um processo novo de formação da identidade, agora forjada pela própria instituição. Por meio da análise da vida vivida em instituições totais, Goffman permitia-nos falar de modo mais amplo sobre a formação da identidade e os processos de socialização próprios daquele momento histórico em que vivíamos, numa sociedade profundamente dividida e hierarquizada, tendo como sombra de nossas reflexões os acontecimentos que se sucediam no país sob a tutela do regime militar, que aniquilou vidas e pensamentos discordantes de uma ideologia hegemônica que buscara forjar para todos os brasileiros uma identidade de cunho nacionalista, patriótica, acomodada às injustiças sociais e acrítica.

Em sala de aula, em consonância com a postura crítica que o texto de Goffman permitia-nos elaborar em relação a toda instituição que busca o controle dos indivíduos nas múltiplas facetas de suas vidas, a professora Sylvia Leser exercia uma pedagogia singular. Sua opção não era pelas aulas expositivas, nas quais passasse aos alunos praticamente recém-chegados à universidade sua visão do autor e das questões por ele trabalhadas. Sylvia exigia a leitura singular de cada aluno, sua reflexão pessoal trabalhada através da escrita. O fundamental não era o que ela tinha a dizer sobre o texto de Goffman, mas o que

⁴⁴ Texto publicado na Revista *Psicologia USP*, no número temático *Sobre Sylvia Leser de Mello e outros trabalhos*. Vol. 17, N. 3, 2006.

este texto suscitava em nós, obrigando-nos a pôr em palavras o que experimentávamos na leitura.

Muitos anos depois, em 2006, Sylvia deu-me para ler um artigo que escrevera para a *Revista de Cultura e Extensão* da USP, sobre o Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) da Universidade. Agora o contexto histórico e social era outro, e Sylvia coordenava este programa de extensão universitária do qual participam professores e alunos da USP, para incrementar propostas de trabalho autogestionário e de geração de renda com uma população marginalizada em relação às esferas do trabalho e do capital. O programa de incubação de cooperativas populares teve início na USP em 1998 e Sylvia participa de sua coordenação desde o início. No cerne da relação que professores e alunos que fazem parte da Incubadora estabelecem com a população, ela propõe que esteja a cooperação. Não se trata, portanto, de uma relação hierarquizada, de cunho assistencialista ou iluminista, em que membros da universidade, que deteriam um suposto saber, ofereceriam-no à população que não sabe. Neste artigo, Sylvia diz:

também não tínhamos as respostas para os problemas que colocavam, problemas urgentes que transcendiam muito a nossa limitada e teórica formação acadêmica. Além disso, ficava muito nítido o processo de aprendizagem pelo qual passávamos mutuamente, os grupos populares e os membros da ITCP... O esforço da ITCP para fundamentar uma prática emancipatória parte da idéia de que todo processo educativo precisa estar assentado no conhecimento dos educandos, da realidade em que vivem e como a vivem. A construção desse conhecimento possui sentido duplo: conhecer os sujeitos com os quais trabalhamos e reconhecer que os sujeitos são portadores de conhecimentos que nós não possuímos. Assim, é possível estabelecer o princípio da pedagogia dialógica, ou seja, aquela que coloca o diálogo (a troca) como o centro do processo educativo, marcando as relações entre educador e educandos (pp. 2-3).

O modo de Sylvia ser professora, sua compreensão da pedagogia a ser realizada nas salas de aula da universidade, ela transportou para o trabalho de incubação das cooperativas populares. Sua inspiração, explicitamente enunciada no texto, está nas idéias do educador Paulo Freire, que tinha como motivo inicial de sua pedagogia o compromisso com os oprimidos, ausente nas pedagogias tradicionais, criadas e praticadas pelos opressores. Pedagogias, portanto, da dominação e da reafirmação da dominação, estabelecendo muito claramente quem sabe e quem não sabe (p. 2).

O exame crítico das condições psicológicas dos homens em situação de dominação é um fio condutor das investigações e reflexões de Sylvia Leser. Durante muitos anos, em sua disciplina de pós-graduação *Problemas humanos no trabalho*, ela leu com os alunos autores que denunciaram a opressão e a degradação dos homens pelo trabalho, a reificação e a alienação, a privação da liberdade, a ameaça de extermínio do pensamento e da ação criadora na sociedade industrial moderna - ou seja, todas aquelas situações em que os processos sociais apresentam uma dinâmica de violência, ao reduzir homens e mulheres a meros instrumentos, retirando deles sua condição de humanidade, isto é, a liberdade e a dignidade essenciais à manifestação da vida humana. Sylvia lia Marcuse, cujas análises constituem uma denúncia radical do quanto os homens podem ser atravessados por processos violentos de socialização. Para este autor, toda a subjetividade é atravessada pela ideologia dominante, e aquilo que consideramos como nossas necessidades mais pessoais, nossos desejos mais íntimos, seriam na verdade impostos a nós a partir de fora - dito de forma genérica, pelos interesses do capital. Para Marcuse (1979), mundo interno e mundo externo nestas condições se equiparam, não há mais aquilo que poderíamos chamar de vida interior, com liberdade para uma existência independente do mundo social administrado.

Sylvia, no entanto, preserva, no aprofundamento do estudo dos autores selecionados, a liberdade de dialogar com eles. Sua questão - uma questão central para a Psicologia Social e com a qual ela trabalha persistentemente - parece ser a da busca e fortalecimento do território pessoal de cada homem e mulher, no qual o melhor de cada um possa se desdobrar, numa dialética que inclui resistência diante dos processos sociais mais violentos de alienação e desenvolvimento pessoal, com abertura para o social. Em seu trabalho de livre docência *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo* (1988), em que se debruça de forma sensível sobre longos depoimentos de mulheres pobres, empregadas domésticas, a respeito do seu próprio trabalho e de suas condições de vida, ela ao final conclui: "A submissão é a herança incontestável das narradoras". Mas também se pergunta:

É possível opor uma dúvida ao caráter absoluto da submissão? A fome, o trabalho, as ordens, as punições, o medo, a sujeição serão os únicos conteúdos das narrativas? Não há um

vislumbre da individualidade das narradoras que se intromete, tímido, arranhando a superfície opaca de um destino coletivo de rebanho dócil?

E é ela própria quem responde, a partir do que recolheu nos depoimentos das mulheres:

Acredito que sim, e que é preciso pesar bem pesado o valor de uma explicação que reduz a subjetividade ao domínio da ideologia, que aí estaria livre para compor como quisesse os corpos dóceis e a homogeneidade do comportamento. Porque nenhuma das mulheres, que me ajudaram a alinhavar esta narrativa das suas narrativas, permitir-me-ia supor que elas são cegas ou surdas aos conflitos que dilaceram suas vidas, nem mesmo supor que apenas vivam os conflitos e não reflitam sobre eles, que não saibam onde localizá-los.

A busca da expressão individual, do saber de cada um, como um fio condutor: em sala de aula, na formação de cooperativas, na escuta das narrativas das mulheres pobres da Vila Helena, trabalhando sempre na tensão da consciência da opressão com a esperança de encontrar a liberdade.

Para aprofundar o exame desta tensão, Sylvia também recorre à literatura, propondo-a como instrumento privilegiado de auxílio à Psicologia Social. A literatura é trabalhada por ela com o objetivo de que emergjam elementos para a interpretação dos fenômenos que presidem a formação da subjetividade. Em outro de seus cursos na pós-graduação, Sylvia elegeu um autor, Kafka, que expressou em letra o espírito da vida na sociedade administrada de nossos tempos. Através de Kafka, Sylvia põe seus alunos em contato com os conflitos dos homens no século XX, dentro da família, do mundo do trabalho, da vida na sociedade burguesa. Sua disciplina tem o sugestivo nome de *Ação e submissão: a ambigüidade na experiência de Franz Kafka*, que nos permite pensar a própria escrita de Kafka como ação - termo que Sylvia empresta de Hannah Arendt - em seu sentido político, o da "ação individual, cheia de sentido e de conhecimento, voltada para o mundo comum, criado e mantido conscientemente pelos homens" (Mello, 1988). A literatura aqui é tratada como espaço de ação individual, de expressão da subjetividade singular, ao mesmo tempo em que expõe as condições de submissão que tanto impelem como impossibilitam esta expressão.

A opção por Kafka no campo literário ilustra a particular compreensão que Sylvia tem dos processos de socialização inerentes à realização dos homens. Sob o conceito de

socialização englobam-se os múltiplos modos de compreender esse incrível fenômeno pelo qual crianças, homens e mulheres formam para si com os outros um tecido de comportamentos, atitudes e visões de mundo que os inserem no interior da vida em sociedade, ao mesmo tempo em que permite a cada um destas crianças, homens e mulheres se constituírem em território singulares nos quais essa vida social se realiza. Como moeda de dupla face, o tecido coletivo ganha expressão na tessitura singular de cada pessoa que, por sua vez, se torna território expressivo e atuante do grupo social mais amplo. Kafka, à sua maneira, como Goffman, põe de manifesto a violência que está implicada na forma singular que se manifesta neste urdir de entrelaçamentos dos quais resulta o que somos. Uma violência que ecoa para Sylvia em diversos níveis ou substratos de uma topografia que vincula a cena social manifesta, a vida familiar e a subjetividade de cada um. Violência que pode ser reconhecida na alienação e estranhamento de cada um consigo próprio e do social com os grupos humanos que o constituem. As questões que Sylvia privilegia em sala de aula exibem antes de tudo o seu esforço por privilegiar uma leitura crítica de todo este estranho e gigantesco campo de estudos da socialização. Não se trata tanto de privilegiar um ou outro autor, não se trata tanto de criticar uma ou outra visão, mas de despertar, diríamos com urgência, um espírito crítico fundante diante dos processos de vir a ser de cada um. Poderíamos dizer que sua ação como professora, mais do que pôr novos conhecimentos ao alcance de alunos na sala de aula ou de trabalhadores nas cooperativas, é atuar no sentido de suscitar um desdobrar de cada um, mobilizando todo o processo identitário dos implicados no sentido de virem a assumir uma nova configuração - os alunos enquanto psicólogos e os trabalhadores a partir de novos modos de conceber e realizar o seu trabalho. E para esta ação ela convoca, sem privilégio exclusivo, tanto diferentes campos do saber - a Psicologia Social, a Psicanálise, a Educação, as Ciências Sociais, a Antropologia, a História, a Literatura, quanto diversos procedimentos de pesquisa ó a entrevista, a observação participante, o trabalho com grupos, o debate, a análise de discurso, a clínica social, entre outros -, com a finalidade de permitir a revelação das brechas por onde seja possível superar os limites do tecido individual e social dos implicados. Para ela, a socialização é um processo contínuo, que se dá em todas as esferas da vida, e por isto seu campo de estudos e de trabalho levou fortemente em consideração o campo da socialização de adultos. Talvez mais do que se perguntar sobre as origens do

modo como chegamos a nos constituir - território privilegiado do campo de estudos da socialização, da educação e do desenvolvimento infantil -, Sylvia se lança atrás da tentativa de superar os sólidos limites do que somos, das ideologias que nos constituem, do nosso modo de nos inserirmos no mundo do trabalho e de uma sociabilidade mais ampla. E é neste sentido que seu trabalho se aloca num território utópico, ou melhor, transfere a atividade prática do ensino e do trabalho para esse território, porque o que é ela aborda de forma a vir a ser, num movimento de superação das forças de alienação que suportam e tencionam a trama que nos constitui. E mais do que à procura de formular uma técnica de socialização mais adequada, isto é, menos violenta na operação de integrar uma identidade profissional, seja dos alunos ou dos trabalhadores, Sylvia privilegia a reflexão, uma reflexão cujo foco incida ao longo de toda essa ampla topografia que abarca a dinâmica social, os textos selecionados e a própria história pessoal de cada um. Daí Kafka, cuja leitura permite a simultaneidade da visão bifocal do coletivo e do singular, da estrutura social e da biografia pessoal, da objetividade e da subjetividade, do externo e do interno, do outro e do eu, do macro e do microssocial. Se Sylvia entrelaça utopia com realidade, entrelaça também em sua atividade como professora a formação de seus alunos com suas histórias pessoais e as realidades sociais mais amplas, deixando surgir assim um estudo da Psicologia que é também um refazer de cada um em torno da urgência de um refazer do tecido social que supere os violentos limites que dele fazem parte.

Com o mesmo olhar bifocal que leva em consideração simultaneamente as estruturas macro-sociais e os homens que as constituem - olhar voltado para o amplo espectro de instituições sociais nos quais se fazem os processos contínuos de socialização -, Sylvia debruçou-se, em seus trabalhos de ensino e pesquisa, sobre a família. Em seu artigo "Família, uma incógnita familiar" (2002), ela demanda este olhar, se quisermos compreender algo das organizações familiares:

Retirar a família de seu isolamento, colocá-la na história, tratá-la como instituição cujas raízes sociais são inequívocas, compreendê-la aí dentro e, ao mesmo tempo, reconhecer o âmbito da intimidade e a formação da subjetividade, é tarefa complexa.

Sylvia enfrenta a tarefa com entusiasmo intelectual, recolhendo de suas leituras da História, da Sociologia, da Antropologia e da Psicanálise elementos para compreender esta complexa instituição. Ela assim justifica o empenho de entretecer estes saberes:

Ambas as modalidades de conhecimento são importantes. Sem a perspectiva macro-social, seja histórica, antropológica ou sociológica, corremos sempre o risco de hipostasiar formas momentâneas, ou pelo menos não-eternas, de organização, quer do parentesco quer da sexualidade e do casamento. Desde Freud, a Psicanálise se aproveita desses conhecimentos colocando-os em nova chave... A Psicanálise chega aos sujeitos, ou seja, dá o passo seguinte que é transformar os protagonistas culturais em sujeitos únicos, psicológicos, analisando seus conflitos com a cultura e os reflexos deles que se manifestam nas transformações das relações sociais.

Com liberdade de ir e vir nos caminhos que vão do macro ao micro, da cultura ao homem, Sylvia refletiu sobre a família enquanto agente socializador por excelência, núcleo humano em que nascemos e que nos introduz numa língua, numa cultura, numa dinâmica complexa de relações humanas. A família é a primeira intermediária de nossas relações com o mundo, mas também um obstáculo potente a essas relações. Os trabalhos de Sylvia junto a trabalhadores, seja em sua pesquisa com as mulheres da Vila Helena ou na incubadora de cooperativas populares, nos permitem ver com clareza que os processos de socialização que se dão no interior da família nunca estão desvinculados do conjunto maior dos processos contínuos de socialização que se dão na vida social mais ampla, particularmente na esfera do trabalho. Para as mulheres da Vila Helena, empregadas domésticas oprimidas e exauridas por seu infindável cotidiano de labuta, este só tem sentido, segundo Sylvia, porque possibilita, através do parco salário, a sobrevivência delas e de suas famílias, de seus filhos. É na família, na família de origem, que estas mulheres aprenderam a trabalhar. As mulheres da Vila Helena desde cedo foram para a roça ou trabalharam em casas de família, na dos outros ou na própria. É na família que aprenderam este modo opressivo, extenuante de viver, que se vêem obrigadas a reproduzir na vida adulta. Adorno e Horkheimer (1973) mostraram como, na sociedade burguesa, a família serve à reprodução de homens moldados para as relações de trabalho próprias do sistema de exploração capitalista. É a partir da submissão incontestável à autoridade paterna que os

homens aprenderiam a ser empregados submetidos docilmente aos seus patrões. Eles dizem:

Só a família podia fazer surgir nos indivíduos a identificação com a autoridade, idealizada como ética do trabalho, que substituiu funcionalmente o poderio imediato sobre os servos da precedente época feudal.

Adorno e Horkheimer integram a teoria marxista e a teoria psicanalítica para compreender o impacto, na vida psíquica, das formas de relação entre os homens próprias da sociedade capitalista. Em seus trabalhos com famílias, Sylvia também entretetece saberes e metodologias para compreender as transformações por que passam as famílias brasileiras. Diz ela:

Nesse processo comparativo e de cruzamento de referências, presta-se às mais sérias discussões o modelo da família burguesa em comparação aos modos como ela pôde se organizar no Brasil, seja no passado, seja agora.

Pensar a família, as relações de gênero e a sexualidade no Brasil hoje, e o impacto de suas transformações, tornou-se para Sylvia um programa de ação que ganhou corpo e espaço quando, em 1993, ela criou, dentro do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o Laboratório de Estudos da Família, Relações de Gênero e Sexualidade (LEFAM), com o objetivo de desenvolver estudos e pesquisas que propiciassem aos alunos de graduação e pós-graduação oportunidades de trabalho com professores, psicólogos e outros profissionais que, numa perspectiva transdisciplinar, tratassem das problemáticas da família, do gênero e da sexualidade em seus contextos psicossociais. O Laboratório, desde o início, abrigou a formação do NEPAIDS, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Prevenção à AIDS, coordenado pela Professora Vera Paiva, que desenvolve trabalhos de pesquisa, formação e assistência voltadas para os temas da sexualidade, das relações de gênero e da AIDS numa perspectiva psicossocial.

Desde a sua criação, o LEFAM vem sendo um pólo de aglutinação de pesquisas que envolvem famílias em suas relações com o mundo do trabalho, com os

processos de socialização e com outras instituições sociais, tais como a escola e o poder judiciário - pesquisas essas que se desdobraram em dissertações de mestrado, teses de doutorado, simpósios e intercâmbios com outras instituições. Suas linhas de pesquisa abarcam formas de intervenção junto a famílias em contextos sociais diversificados, visando o atendimento psicossocial a grupos familiares que vivem situações de instabilidade e sofrimento. Para tanto, os projetos de pesquisa do Laboratório têm investigado diversas formas de atendimento a famílias, em diferentes instituições e espaços sociais. Na formulação de seus objetivos, Sylvia pensou um laboratório de Psicologia Social que se constituísse como um amplo guarda-chuva para acolher diversas linhas de pesquisa e assistência a famílias, propiciando ao mesmo tempo o aprimoramento das formas de intervenção, a verificação de sua aplicabilidade e o cotejamento entre diferentes modos de abordar e intervir em contextos diversificados, buscando a eficácia dessas intervenções, além da emergência de situações de pesquisa teórica, de formação de alunos e de trabalhadores da área da saúde. É parte deste plano, por exemplo, a pesquisa sobre o impacto do desemprego na dinâmica familiar, que envolveu o atendimento a famílias pobres, de trabalhadores desempregados, no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador da Freguesia do Ó. O trabalho foi realizado em parceria com este Centro e envolveu diversos profissionais daquela instituição. Através de um Projeto de Cultura e Extensão da Universidade, alunos de graduação de Psicologia atenderam, com supervisão do laboratório, famílias cujos filhos vivem num abrigo da Prefeitura, no bairro do Butantã. O objetivo do atendimento conjunto dos familiares e da criança abrigada foi o de melhorar a qualidade dos vínculos entre eles e investigar junto às famílias suas possibilidades e limites para o retorno da criança à casa, já que o abrigo funciona como instituição de acolhimento temporário, até que a família possa se organizar no sentido de voltar a acolher seus filhos. Através de outro projeto de Cultura e Extensão, alunos de graduação trabalharam na Casa do Migrante, junto a famílias de imigrantes latino-americanos. O objetivo deste projeto foi oferecer um espaço de acolhimento e escuta para as famílias nesse momento de difícil transição entre os seus países de origem e a nova realidade com que se defrontam na cidade de São Paulo. As famílias foram atendidas na própria instituição em que vivem, num processo breve de cinco encontros que trouxe elementos muito

significativos para a investigação das dinâmicas familiares mobilizadas pelo movimento migratório.

O NEPAIDS tem, desde o início, atuado no campo da prevenção e do cuidado em relação a AIDS, buscando descrever a vida cotidiana e a experiência dos jovens com a própria sexualidade, a saúde sexual e reprodutiva, incluindo a gravidez não planejada e o uso de drogas. Atua em equipes multidisciplinares junto a serviços de saúde, em escolas públicas e universidades, na FEBEM e em comunidades pobres. Entre adultos, trabalhou com grupos de presos, motoristas de caminhão e com a comunidade homossexual. Entre crianças, abordou as experiências e os desafios do cuidado às crianças portadoras e o impacto sobre os órfãos da AIDS.

Pode-se ver assim como o amplo plano de pesquisas inicialmente concebido por Sylvia tem se caracterizado por um desdobrar contínuo, a partir de um núcleo inicial que aos poucos foi absorvendo e sendo transformado por novas intervenções que, no processo, são estruturadas e realizadas, com a intenção de constituir um cardápio de situações de atendimento diversas o suficiente para oferecer um campo de debates crítico-comparativo rico para a produção de reflexões teóricas que visem um melhor entendimento do trabalho com famílias em diferentes situações e contextos institucionais.

Como parte deste processo contínuo de reflexão e desdobramento de novas possibilidades de intervenção, a Profa. Sylvia e eu passamos a oferecer aos alunos de graduação, a partir de 2001, uma disciplina optativa intitulada *Família: abordagens psicossociais e psicanalíticas*. Esta disciplina tem como um de seus objetivos centrais o desenvolvimento de uma compreensão ampla para uma abordagem da família que integre conhecimentos advindos das Ciências Sociais, da Demografia, da História, da Antropologia, da Economia, da Psicanálise e da Psicologia Social. Na parte prática, os alunos são envolvidos em estágios que incluem atendimentos psicológicos a famílias e casais, bem como trabalhos institucionais em creches, escolas, varas de família, juizados especiais de família, etc., tendo como foco de atenção e acompanhamento o trabalho realizado com famílias no interior dessas instituições. Vale a pena salientar que, como resultado das atividades desta disciplina, tem-se fortalecido uma demanda cada vez maior de intervenção em diferentes instituições, bem como de famílias e casais para atendimento, o que sugere fortemente que este trabalho tem um lugar legítimo no processo de

desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa do Instituto de Psicologia, isto é, encontra-se amparado pelo trabalho que lhe antecedeu e pelas expectativas de continuidade e aperfeiçoamento que já estão colocadas. Assim, vinculado a esta disciplina, criou-se em 2006, no Instituto de Psicologia, um serviço de atendimento a famílias e casais que se pretende ampliar num futuro próximo, de maneira a poder realizar atendimentos durante todo o ano, com alunos e profissionais em especialização, desvinculando-se esse serviço do estágio obrigatório da disciplina, a que está vinculado no momento. O Laboratório também presta assessoria às equipes técnicas das creches do campus da USP, tendo como foco as dificuldades nas relações creches/famílias. E mantém um grupo de estudos aberto a alunos e profissionais interessados no tema, enfocando a família sob múltiplas abordagens.

Com a implantação de um projeto de pesquisas e estudos assim concebido, o Laboratório buscou, desde a sua criação, contribuir de modo efetivo para o desdobramento da função tríplice da Universidade: a de oferecer assistência à comunidade, desenvolver pesquisas em sua área de intervenção e, integrado a esses esforços, formar alunos de graduação e pós-graduação e trabalhadores na área da Saúde e da Educação. Na formação dos alunos o Laboratório tem propiciado, para além de um contato mais direto com a nossa difícil realidade, a ocasião para desenvolver uma escuta e uma compreensão dos limites e possibilidades de aplicação e/ou criação prática de diversas metodologias, tanto da clínica quanto da Psicologia Social. Se a Psicologia Social deve ter como preocupação realizar as pontes entre as diversas teorias e a realidade dos homens, torna-se importante um espaço aberto, na formação dos alunos, para um campo que integre teorias e práticas, textos e vivências que se entrelacem na compreensão da realidade - campo por excelência da Psicologia Social.

Com tudo o que dissemos, esperamos que tenha ficado claro que lidar com a socialização em seus diferentes processos, agentes e lugares institucionais, é ao mesmo tempo estudo e prática, conhecimento da realidade e tentativa de transformá-la. Sylvia parece não se satisfazer apenas com compreender como as coisas se dão no terreno da socialização, mas mantém-se sempre alerta à imperativa demanda que o estado de coisas da estrutura social do nosso país suscita, lançando-se na direção de construir territórios que contribuam para introduzir, no campo da cidadania plena, a gigantesca multidão de homens e mulheres que, como resultado do violento processo histórico-cultural de construção do

nosso modo de ser brasileiro, foram desapropriados das condições para participar com dignidade no interior de nosso tecido social.

REFERÊNCIAS

Adorno, T. e Horkheimer, M. Família. Em *Temas básicos de sociologia*. SP: Cultrix/Edusp, 1973.

Goffman, E. *Manicômios, prisões e conventos*. SP: Perspectiva, 1974.

Marcuse, H. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. RJ: Zahar, 1979.

Mello, S. L. *Trabalho e sobrevivência: mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. SP: Ática, 1988.

_____ Família, uma incógnita familiar. Em *Família: conflitos, reflexões e intervenções*. SP: Casa do Psicólogo, 2002.

_____ Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo: história, reflexões e práticas. *Revista de Cultura e Extensão*. <http://www.usp.br/prc/revista/pp3.html>.

NEPAIDS é Núcleo de Estudos para a Prevenção da AIDS. <http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br>.